OBRAS COMPLETAS

GONÇALVES CRESPO

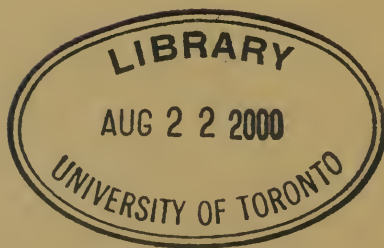
OBRAS COMPLETAS

PRECEDIDAS DE
UMA ADVERTENCIA PRÉVIA

POR

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

Prefacio de Teixeira de Queiroz — Miniaturas — Prefacio de Maria Amalia Vaz de Carvalho — Nocturnos — Appendice: verso e prosa.

LISBOA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO — EDITORES
5, Largo de Camões, 6
1897

ADVERTENCIA PREVIA

Dão-se pela vez primeira á estampa as obras completas de Gonçalves Crespo. Quer isto dizer que apparecem agora reunidos as *Miniaturas* e os *Nocturnos*, a que se addicionam, em Appendice, algumas soltas paginas. Tudo n'um volume só e breve. Tambem as obras do Poeta mais que nenhum fiel ao conselho cortez da sua Musa eternamente bella—*Sur des pensers nouveaux faisons des vers antiques*—e cuja espiritual affinidade com o auctor da «Morte de D. Quixote» não é para contestar com exito, pódem encerrar-se, e encerram-se facilmente, em um volume unico. E, todavia, a guilhotina sobre todas exe-

cranda, que lhe lançou á cesta ensanguentada a pallida cabeça, não conseguiu lançar-lhe ao esquecimento o nome fulgido. Foi mais potente do que ella esse volume breve.

Poderia dilatar-se o Appendice com varios trechos de valor diverso. Mas a mão piedosa e illustre que reuniu estas dispersas folhas excluiu avisada e firmemente muita composição inedita ou anonyma que a tradição, com ou sem motivo, attribue tenaz ao Poeta das *Miniaturas*. Mais que nenhuma sente o respeito vivo que todos lhe devemos, que lhe votamos todos, á memoria insigne. Não quiz pois que, por ambição de lucro, ou no seductor proposito de accrescer uma gloria que por essa fórma se não accresce, alguem traçasse o nome do Poeta em paginas que elle deixou viuvas d'esse claro nome. As que constituem o presente Appendice não foram recusadas por menos dignas d'elle ou desdizerem de seus justos creditos. Figurariam, sem duvida e sem pejo, em qualquer obra sua em que, por mesmeidade ou semelhança de indole, pudessem ter cabida.

Duas razões houve para este procedimento.

Poucas palavras, que o leitor justamente ancioso do livro do Poeta que ama perdoará à minha penna tagarella agora, mas difficil e retrahida quasi sempre, sobram à explicação precisa.

Cada cultor e prezador sincero da arte gentil que o torna ás vezes grande tem de fazer de suas proprias obras selecção severa, relegando ao esquecimento eterno, ou aos inuteis e, tanta vez, ruins collectores do appellidado *documento humano*, o que a sua sensibilidade artistica attentamente ouvida regeitar consciente. Alfred de Vigny, a mais bella e pura gloria da França romantica, sem embargo dos embargos que tentem oppôr a tal juizo os admiradores do sobre todos feliz imitador de Byron ou os de outro Poeta sonoroso sempre como um tam-tam gigante, mas, quanta vez, conceituoso e reflectido como elle, Alfred de Vigny estremou de suas obras, recolhendo-se austeramente em si, quanto queria e requeria para fundamento do juizo do porvir remoto, julgador asperrimo. Se por vaidade, inadvertencia ou timidez, pretere o poeta esse empenho sério, nem por isso elle deixa de cumprir-se. Cumpre-se. Com uma differença grave.

O futuro, que se não quiz eximir da tarefa dura, d'ella se encarrega emfim, ou pela acção inconsciente e geral de todos ou pela interferencia directa e pessoal de alguem. Bismarck — não me despraz tal vez procurar em grandes individuos estranhos por forçoso caso á profissão das letras a confirmação de meus conceitos — não se importaria de viver no mais afastado ermo se tivesse a illuminar-lhe a solidão alguns volumes, por elle *escolhidos,* do maior de seus patricios, Goethe. Napoleão separava para a sua admiração quasi inteira, das tragedias de Voltaire, o «Mahomet», relaxando o resto ao esquecimento justo a que as achara entregues.

Exerceu Gonçalves Crespo sobre si e sobre o seu, com applauso do rigor e talvez menoscabo da justiça, esse arduo encargo. Deu-lhe forças para tanto, que foi talvez de mais, a nunca saciada desconfiança de si e seu poder certeiro, tão finamente observada já e expressa finamente.

Mas o que elle excluiu severo, ou não, demais, excluido se julgou, definitiva, irreparavelmente. *Vuolsi cosi colà dove si puote Ciò che si vuole.*

Para os corações cheios do supremo dom de amar e respeitar o que é digno de respeito e amor ha querer que vale o que, no conceito soberano do Dante, faz vergar submissas as mais levantadas e as mais abatidas potestades do empyreo feito de eterna luz e amor e as do Averno feito de eterna sombra e de odio.

Mas, no sujeito caso, a resolução que todo nobre coração applaude, tem de sériamente approval-a toda mente sã.

Entre os grupos em que póde um supposto ou real senso critico distribuir poetas incluo este, certo de sua verdade plena: ha poetas que são artistas e ha artistas que são poetas. Isto, é claro, sem sahirmos dos dominios gloriosos da palavra. Os primeiros, entender-se-ha facilmente, são os que possuem da alta e poderosa faculdade artistica mais do que o impreterivel, o sempre inevitavel *quantum*.

Exemplos explicarão mais e melhor o meu conceito. Se se perguntar se tem de entremetter-se em algum d'esses grupos e em qual o auctor do «De rerum natura» e o cantor de Eneas e prin-

cipalmente dos preceitos do lidar agricola, ninguem de sciencia e consciencia hesitará na decisão. Toda penna em que eu ousar pôr mão para exprimir conceito ou affecto da alma se me quebre de vez e para sempre, se a decisão affirmativa não collocar Lucrecio entre os poetas-artistas e Virgilio entre os artistas-poetas. Se a questão se trasladar do Lacio á terra portugueza, em parte ao menos, e se o confronto se fizer entre Camões e o Tasso, incluir-se-ha entre os segundos o que cantou divinamente um dos mais bellos feitos da meia idade, a cruzada de Jerusalem, sob Godofredo de Bouillon; e entre os primeiros, o que divinamente cantou uma das mais bellas facções dos modernos tempos, a cruzada da India, sob Vasco da Gama. Ninguem se lembrará de contestar que Esopo, o gracioso, o ingenuo, o infantil — assumido o termo na sua accepção mais pura — creador de tanta narrativa fina, cheia de lição e engenho, é mais poeta do que artista, ao passo que Lafontaine — que Taine reputa o mais genuino dos poetas francezes — que nada creou nem nos pequeninos dramas cheios de elegancia, viveza, fina

malicia, e quantas prendas mais, que, sob o nome de Fabulas, nos alegraram a meninice, nem nos Contos a que sorriu a nossa exuberante juventude e cuja trama jovial e gaiata elle pediu aos novellistas italianos e aos *fabliaux* do seu torrão gaulez, é mais artista que poeta. É assim que n'um exemplo mais, que será o ultimo, chamariamos artista-poeta ao Artista dos *Trophées* como chamariamos poeta-artista ao Poeta dos *Sonetos*. Seria tão grande injustiça dar na arte a superioridade a este como dal-a na poesia áquelle.

Eu não hesitaria um momento sequer — e ainda bem que não hesitaria para minha satisfação e gloria d'elle — em collocar Gonçalves Crespo entre os artistas-poetas. Em que doce e grande companhia eu, que tanto o préso e admiro, o collocava! Á que preside Virgilio, o doce, o ineffavel Virgilio, que Dante appellidou *onore e lume* de poetas!

Ora succede com o Virgilio, com o Tasso, bem como com todos os seus congeneres, uma cousa que os extrema, caracterisa e lhes abona, mais do que a ninguem, a perpetuidade da memoria

humana. Domina-os, absorve-os, devora-os a ancia da perfeição suprema, isto é, da harmonia na sua expressão altissima, do rythmo, usado o vocabulo na accepção mais larga, da proporção do todo e das partes que o compõem entre si e entre ellas e o fim em que o poeta poz ardentemente a mira, a absoluta, a inteira, a ineffavel harmonia, sob todos os aspectos que possa conceber a razão ou sonhar a phantasia, entre a essencia e a fórma, entre o bello conceito e a palavra bella, entre o divino sentir e a dicção divina que o traduz. Ora dado em alguem o condão ingenito, indizivel, de fazer realidade essa harmonia que chamaria, e com mais razão que a de Leibnitz, prestabelecida, a sua revelação é fatal, é certa em cada uma quasi de suas obras. E como para um ideal e ideada perfeição é condição essencial o longo contacto da obra produzida com o engenho que a produz, e como d'esse contacto longo se gera uma como que fusão, uma identificação inteira entre a obra concebida e quem a concebeu, é manifesto que o artista se encontra todo em cada obra sua. Não se nega que qualquer feitura do espirito é, para

quem tem olhos de vêr e alma de sentir, espelho fiel da mente que o creou. Mas nenhuma, como a concebida d'este modo, e d'este modo realisada. O Poeta vive, respira assim em cada obra, mais intensamente n'uma do que n'outra, e n'isso está a superioridade que se applaude, mas respira e vive em cada uma.

Deriva d'isto, como consequencia inevitavel, que, sendo necessario á gloria d'um poeta-artista o numero crescido de suas obras, pois da sua abundancia ella procede em grande parte, é quasi esteril e vão tal numero á do artista-poeta. Virgilio não se crê muito maior, tendo composto as Georgicas, por ter escripto a Eneida. Horacio não cresceria sensivelmente com um segundo livro que apparecesse agora de seus Epodos inimitaveis. Uma vez attingida a perfeição, quasi sempre requestada inanemente, pouco importa o numero de vezes que essa perfeição se attingiu. Pouco para a gloria do Poeta, entenda-se. Para o maior prazer dos que lêem, muito.

Ora aqui está porque, ainda sob o ponto de vista intellectual, tem de approvar-se com toda a

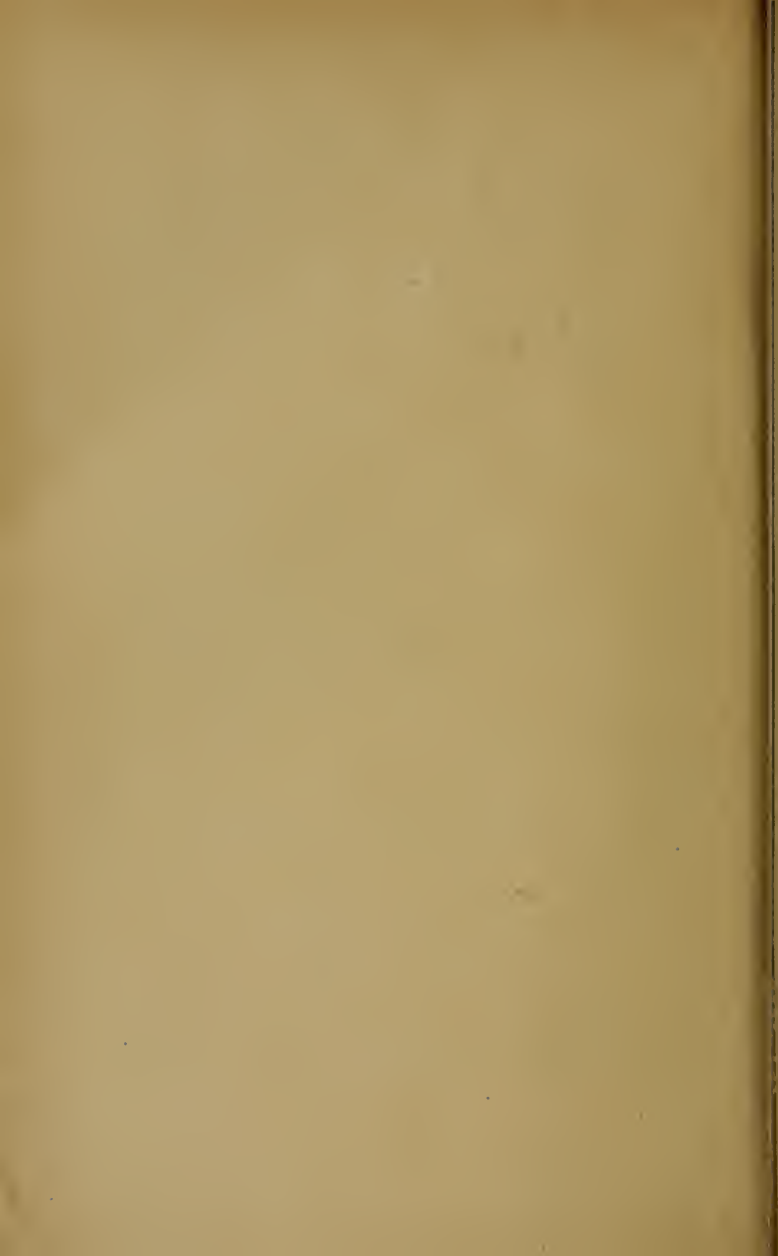
alma a solicitude demonstrada em não augmentar com obras, talvez d'inferior quilate, as d'um Poeta que pela sua indole, e como os seus congeneres, o divino Virgilio, o alto adorador da Estense augusta e tantos mais, difficilmente veria augmentada a sua invejanda gloria com outro volume dos *Nocturnos*. Não digo pouco.

Não ha assim trazer a avolumado Appendice cousas ineditas, anonymas, em que elle até certo extremo sem duvida estaria, mas, sem duvida, tambem menos do que nas eleitas de sua mão segura por n'ellas se vêr todo, como n'ellas todo o vê e applaude a nossa admiração. Assim, e ainda bem, ao passo que as *Miniaturas* abrangem 127 paginas, os *Nocturnos* 182, o Appendice cabe todo em 82 do actual volume. Como é grande a natureza humana quando por ella se dignou de passar divino alento, que tão curto espaço quanto o d'este volume breve se torna a mais segura base á perpetuidade d'um nome e d'uma gloria!

Importava que estas cousas se dissessem, e applaudo-me de ter sido amigamente eleito a dizel-as ao publico selecto e certo das *Miniaturas* e

dos *Nocturnos*. Sinto um requinte de prazer extreme em ter meu nome inscripto n'este livro em que se resume quanto existe de bom e luminoso em lingua portuguêza de tão doce, alevantado e bem nascido espirito. Exprime esta inscripção um preito que elle prezara intensamente em vida. Assim eu soubesse, na quietação da sombra em que me enlevo, que o presava agora... Só me resta volver os olhos longos para o azul que se arqueia sobre nós immenso como as aspirações da nossa Fé, mas silencioso como a noute funda em que elle dorme, absorta a alma em sentimento vivo, indefinido mixto de saudade e esperança...

Julho de 1897.

José de Sousa Monteiro.

GONÇALVES CRESPO

(O HOMEM)

Esta nova edição das *Miniaturas* faz-me recuar quatorze annos na minha vida. Como quem entra n'um bosque silencioso da sua aldeia, depois d'uma ausencia prolongada, volto em pensamento ás alegrias e tristezas da vida universitaria, á superioridade em que eu considerava os collaboradores da innocente «Folha», e ao lendario quarto do Crespo, na Couraça de Lisboa, em Coimbra. O quarto do Crespo!... Que intima familiaridade encerram estas quatro palavras, para todos os que alli entravam! Tinha a janella e a porta sempre abertas para a rua, dando sobre um patamar de pedra, ao qual se trepava por seis toscos degraus... Lá no ultimo andar morava o Penha, hoje conhecido advogado dos auditorios de Braga, um poeta dos mais correctos que tem tido a lingua portugueza e, de certo, um dos homens de mais gosto litterario que eu tenho conhecido. O Penha, a quem familiarmente se chamava o

João, tinha a apparencia e gozava da fama de orgulhoso e intractavel: — um d'estes individuos superiores, que percebem de coisas delicadas, intangiveis, inatacaveis pelo commum dos mortaes e que se julgam d'um barro differente do trivial. Falsissima idéa esta que se fazia do excellente João Penha: no fundo era um rapaz sensivel e bom, sómente preferindo a convivencia artistica e bohemia, a qualquer outra. Os seus habituaes silencios diante dos que não eram da seita, significavam mais timidez do que arrogancia, que elle só tinha litterariamente, quando nos *expedientes* da «Folha» se dirigia a personagens imaginarios, terçando então com ouzadia, como o cavalleiro Hernani. O Crespo era bem differente do Penha: — significava para toda a gente, estudantes ou não estudantes, litteratos ou não litteratos, a convivencia e a bondade. No seu quarto de estudo, todo forrado de retratos de artistas celebres e de estampas d'um alto valor tiradas de obscuros almanachs, de capas de livros ou das paginas pretenciosas das *illustrações* estrangeiras, entrava todo o mundo e todo o mundo era bem acolhido. A força de sympathia que este excellente rapaz resumia era um thesouro. Os neophitos da litteratura procuravam-n'o animosamente sem o conhecerem, e em poucos minutos de conversação, quasi se transformavam em intimos amigos do poeta. Este traço vivo do seu caracter, conservou-o toda a vida, mesmo quando já era um nome laureado. Muitas vezes, no seu gabinete da travessa de Santa Catharina, em Lisboa, encontrei individuos totalmente desconhecidos, que o Crespo me apresentava como notaveis poetas, romancistas e dra-

maturgos e que, afinal de contas, eram sómente apreciaveis cavalheiros do Rio Grande do Sul, de Macau, ou do Alemtejo, os quaes elle conhecera pela primeira vez n'esse dia, o que não obstava a tratarem-se reciprocamente como companheiros de collegio. Por isso, quando apparecia alguma vocação litteraria de bom quilate, o auctor das *Miniaturas* mostrava logo a vaidosa pretenção de a ter descoberto primeiro que ninguem, ao que eu lhe retorquia: «Grande admiração! Se todos os aspirantes a escriptores se te vem apresentar, logo ao nascer!...» Em virtude d'estas suas maneiras familiares e simples era muitissimo conhecido; e, a prematura e inacreditavel morte que o abateu foi tão excepcionalmente sentida, que sua boa esposa, por occasião do triste acontecimento, recebeu as provas mais inequivocas e numerosas de quanto o talento e o caracter de seu marido eram queridos e venerados, por uma multidão de pessoas, que ella mesma nunca soube quem eram.

Vieram-lhe pesames das povoações mais isoladas e desconhecidas de Portugal e Brazil e todos os que as enviavam se diziam admiradores e, muitos, velhos amigos do poeta Gonçalves Crespo.

O seu quarto de Coimbra, além d'outras, tem para mim o valor d'uma sympathia pessoal, d'essas que, por pouco que valham, deixam sempre alguma coisa na memoria do homem. Foi alli que appareceu o meu primeiro nome litterario — *Bento Moreno* — com o qual assignei os dois primeiros volumes da *Comedia do Campo*. Eu era estudante de medicina; compuz recatadamente o meu primeiro conto — o *Tio Agrella* —; mas como não tinha bastante confiança

na minha obra, pedi ao Crespo para combinarmos um pseudonymo e foi elle, mais do que eu, que lembrou aquelle de que depois usei.

*

* *

O segredo do seu proverbial poder d'attracção compunha-se de elementos bem diversos. Alguns vinham do seu talento de poeta, outros da sua sciencia de conversar, outros finalmente da sua distincção pessoal. Combinava-os a todos instinctivamente, com o esmero com que esbatia os tons duros, as ultimas arestas d'um soneto quasi perfeito. A voz insinuante, d'uma longa escala e habilmente modulada criava um ambiente musical; o olhar vivo de myope, tendo doçuras e lampejos, illuminava-lhe a palavra persuasiva; os dentes brancos, eguaes como os d'um pente de marfim, sobresahiam na côr escura do seu rosto, dando a esta physionomia singular uma expressão que rarissimamente se encontra. Crespo não tinha nada da vulgaridade dos homens formosos, nem mesmo do ridiculo dos homens bem parecidos; porém todas as pessoas que se approximavam d'elle confessavam que era um rosto attrahente e d'uma mobilidade captivante. Provinha isto em parte, naturalmente, das suas qualidades de talento; porque, com a perspicacia peculiar á sua raça, interessava-se com facilidade nas idéas dos outros, obrigando depois o seu interlocutor a acceitar as suas proprias, por mais excentricas que á primeira vista parecessem. Nunca oppunha uma resistencia importuna e

inconveniente; porque o seu fim era attrahir. Affeiçoava-se com notavel felicidade a todas as circumstancias em que se encontrava: — brincava com as creanças e conversava pachorrentamente com os velhos, que o adoravam; era amabilissimo com as senhoras que tantos versos lhe mereceram e de que as *Miniaturas,* escriptas no tempo dos ardores juvenis, dão idéas, mais completas do que os *Nocturnos.* Porque, acreditae-o, os seus deliciosos sonetos d'amor e as suas poesias de paixão, sempre discretas como d'um artista completo, mas ardentes no fundo, tiveram mais ou menos um objecto real, palpavel, sensivel por vezes, resistente em poucas occasiões. A *Modesta* é uma historia que teve uma realidade na vida, como a teve egualmente a *Sara* e outras... A *Mimi* era no nosso tempo de Coimbra uma adoravel creança e hoje deve ser uma senhora. E quereis poesia mais bem sentida e magistralmente executada, do que essa que nas *Miniaturas* se inscreve — *Alguem* — ?!... O sentimento pessoal, raras vezes adquire uma tal plasticidade. Só isto acontece nos grandes artistas, que dispõem de meios extraordinarios, para realisar as suas idéas. Esta poesia é uma perola da côr macia do leite engastada n'um adereço da mão do ourives Benvenuto. Gonçalves Crespo não fez versos no vago, por um sentimento de imitação de Musset ou Hugo: — todas as suas ironias ou palavras de paixão, de amor ou de sympathia, attravessaram-n'o energicamente, produzindo n'elle a commoção indispensavel a toda a obra d'arte, para não ser postiça. E' talvez por esse tom de realidade, que fórma a trama fundamental d'este poeta, que o

publico, sentindo as suas alegrias, as suas dôres e as suas malicias, tanto o estimou.

Onde todas as suas poderosas qualidades pessoaes de fascinação, principalmente a musica da sua voz, se impunham com mais intensidade, era na recitação em publico, diante d'uma platéa de senhoras formosas... O seu gesto bem calculado, a ousadia e coragem do olhar, o busto n'uma linha natural, o vestuario irreprehensivel... formavam um conjuncto harmonico. Não galgava os versos emphatica ou apressadamente, como qualquer ingenuo dominado pela commoção ou aterrado pelo auditorio. Era n'essas circumstancias que se exhibiam as suas malicias habituaes, que tanto me faziam rir. Limpava demoradamente a luneta, olhando com o olhar vago de quem não vê; fingia um rosto contristado e ás vezes com laivos de amargura, parecendo que tinha um ligeiro susto de se poder esquecer... Assim ia aguçando a curiosidade do publico, fazia-se esperado, desejado... Quando lhe pediam *bis*, ou lhe exigiam que recitasse alguma das suas poesias mais dilectas do publico, Crespo, que possuia um ouvido finissimo, nunca percebia á primeira reclamação. Interrogava a platéa, perguntando se era a «Ceia de Tiberio», quando distinctamente tinham dito «A resposta do Inquisidor». Assim obrigava o interesse e anciedade a serem geraes. Muitas vozes pediam a «Venda dos Bois», outras reclamavam a «Morte de D. Quichote». Fazia-se silencio. Elle principiava a revisão mental da poesia que desejava recitar. Parava, sorria de novo significando ao publico que tinha alguma difficuldade em se recordar... Passados minutos, quando a plateia

estava muda e nervosa, a voz de Gonçalves Crespo erguia-se calma e bem calculada, variando apropriadamente sem uma falha até á conclusão, momento em que o publico o victoriava enthusiasticamente.

Na conversa familiar, no campo, por exemplo, á sombra das arvores copadas, quando ao longe os pincaros altos das montanhas se tisnavam debaixo d'um sol abrasador, o Crespo era surprehendente de bom humor e de graça. O seu riso largo e bondosamente malicioso, estabelecia um tranquillo bem-estar em todos os espiritos. As suas subtilezas, as ironias e as segundas intenções das suas palavras, formavam uma atmosphera intelligente. Com o seu fino sentimento do comico e do ridiculo parodiava os *tics* de certas pessoas, designava certas fragilidades sociaes, contava como veridicos, casos que talvez nunca tivessem succedido, recitava poesias de Tolentino, de Bocage, cantava canções hespanholas. Os seus silencios, que muitas vezes eram prolongados, tinham um grande preço: —ninguem possuia maior sciencia de ouvir e, principalmente, ninguem melhor que elle deixava exhibir um pedante, ou um grotesco.

Dos rapazes que nos conhecemos em Coimbra, nenhum arranjou uma lenda episodica tão volumosa. A provincia está cheia de anecdotas que lhe dizem respeito. Foram espalhadas pelos seus contemporaneos de Braga, do Porto e de Coimbra, terras onde o Crespo passou a vida de estudante. Terá succedido tudo quanto querem patrocinar com o seu nome sympathico e lendario? Serão verdadeiros todos os casos attribuidos á sua imaginação, os ditos com que caracterisava os factos, as aventuras em que se en-

controu furtuitamente?!... Tudo isso tem pelo menos de real, a saliente personalidade do auctor das *Miniaturas*. Elle anima ainda os acontecimentos com uma viva luz de originalidade. Os narradores teem deante de si, n'um intenso destaque, a figura viva e animada do meu infeliz amigo. O seu riso de bondade, a sua ironia travessa e inoffensiva inspira-os, faz-lhes dar ás proprias palavras um relevo e côr que ellas nunca tiveram. Todas essas historietas provam o forte poder de attracção, contido em Gonçalves Crespo. E para comprovar esta asserção reproduziremos duas circumstancias da sua vida, tiradas d'um estudo que fizemos em tempo, para acompanhar o seu retrato n'uma revista litteraria [1].

Uma noite, em Coimbra, por occasião de ferias de natal, o Crespo adoptou como meio de transporte para a Povoa de Santa Iria, um compartimento de carruagem de primeira classe, no caminho de ferro. Dentro encontrou, commodamente embrulhado e com vontade de adormecer, um velho, que nos primeiros momentos pareceu insensivel ao apparecimento do novo viajante. Era um homem de aspecto mediano, physionomia serena, cabello e barbas brancas, que faziam lembrar as de Victor Hugo. Crespo, com as suas maneiras polidas de *gentlman*, cumprimentou o *cavalheiro*, dando-lhe o tratamento de *meu caro senhor* e offerecendo-se para atirar o charuto fóra, caso o fumo o incommodasse. «Por fórma nenhuma, até gosto...»—respondeu o velho, extremamente agradecido. Cinco minutos depois, ainda o comboio não

(1) *A Renascença*, que sahiu á luz no Porto, em 1880.

tinha partido, já se tratavam por *bons amigos* e o viajante, magnetisado, pelo riso natural, pela voz affavel do seu interlocutor, nem reparou na singular rapidez d'aquella intimidade. Que se passou durante essa longa noite de jornada hivernal? Calculamol-o por uma carta que do Crespo recebeu, dias depois, o dr. Bernardino Machado, que o tinha acompanhado ao comboio. Historiando o acontecido n'um estylo familiar e variado, o poeta terminava, pouco mais ou menos, d'este modo: «O diabo do homem não me deixou ficar na Povoa e fez-me perder um dia de jornada. No Entroncamento obrigou-me a participar da sua optima ceia, bellamente repartida em dois pequenos cabazes inglezes. Não imaginas, filho!... eram frangões, perdizes, vinhos antidiluvianos e marmellada!... Vim com elle até Lisboa e mandou-me na sua carruagem para o Tojal. Dianho do velho, tem uma optima carruagem, muito mais commoda do que o selim do *cavalicoque*, que me esperava na estação da Povoa.»

Tempos depois, este cavalheiro, passando outra vez em Coimbra, entrou na cidade, exclusivamente para visitar o seu amigo Gonçalves Crespo, no seu quarto de estudante, da Couraça de Lisboa.

Um episodio ainda mais caracteristico do humor do poeta das *Miniaturas* e *Nocturnos* passou-se em terras do Alemtejo. Em Coimbra aconselharam-lhe, por causa d'um padecimento cutaneo, o uso d'umas aguas medicamentosas, que existem em Aljustrel. Crespo, concluidos os trabalhos universitarios, dirigiu-se primeiramente a Braga, com o fim de obter da munificencia paterna umas quinze libras, necessarias

para despezas. N'esse tempo, por causa de circumstancias domesticas, ia-se sempre alojar n'uma certa hospedaria da cidade dos Arcebispos e d'ahi escrevia ao pae, que o vinha vêr geralmente pela volta das onze horas da manhã, quando ainda o poeta estava na cama. Conversavam de coisas diversas:... Maus negocios do Brazil, reacção e fanatismo em Braga, eram os themas do pae; difficuldades das lições em Coimbra, grande inopia de dinheiro, eram os assumptos favoritos do filho. N'esta, como em outras occasiões, o Crespo espreitava sagazmente o momento de dar o seu *tiro*.

«Esta coisa da molestia está de cada vez peior. O dr. Mirabeau estudou o assumpto e diz que se cura com certas aguas do Alemtejo. Ahi umas quarenta libras...»

O velho mostrava-se sempre feroz em questões de dinheiro. Era preciso pedir-se-lhe o triplo para se obter a quantia indispensavel. «Quarenta libras! Estás doido! Esse doutor é um asno. Tu não tens molestia nenhuma.» Já se sabia que esta resistencia era, até certo ponto, para effeito theatral. O filho deixava-o berrar e por fim dizia-lhe: «Não se faça fino. Ponha ahi o dinheiro e deixemo-nos de palavriado.» É verdade que punha; mas era necessario renovar tres e quatro vezes a questão, usar de maravilhosos subterfugios de Talleyrand, e fazer espantosas reducções na quantia. Uma vez mesmo, o pae do Crespo, tendo feito solemnes promessas, de que daria a somma ajustada, arrependeu-se depois, e, para se esquivar, fugiu surrateiramente de Braga para a Povoa de Varzim. O poeta, sabendo-lhe do paradoiro,

metteu-se na diligencia e foi ter com elle. O velho logo que o presente, esgueira-se de novo para Braga, mas sempre com o filho no encalço. Por fim vieram ás boas e o negocio arranjou-se por umas dez libras. No fundo eram dois amigos, quasi dois companheiros de quarto, pelo tom de egualdade em que se tratavam; mas os *conflictos de pecunia*, tornava-os iracundos.

Era assombroso de graça ouvir contar ao Crespo o que lhe succedeu, durante a sua perigosa epocha balnear no Alemtejo. Esteve para ser roubado, para ser assassinado, viveu durante alguns dias entre contrabandistas e ciganos.

As primeiras noites de Aljustrel, passou-as n'um quarto terreo, contiguo a uma taberna, onde julgava ouvir por entre o tocar dos copos, a exhibição do plano de o esquartejarem.

Uma vez, ás tres horas da manhã, quando tudo estava tranquillo na terra e no ceu, entra-lhe subtilmente no quarto um homem de longa barba, á bandido. É certo que a este homem sómente se lhe descortina na mão esquerda uma simples candeia; porém na manga direita, podia muito bem esconder-se uma navalha assassina. Crespo convence-se d'isto e entende que está condemnado a morrer, presume que este é o facinora escolhido para a execução do criminoso plano e resolve luctar, questionar a vida até a ultima pinga de sangue. A sua idéa, rapidamente elaborada, era simples e astuta: fingiria que resonava innocentemente; o homem da barba, havia de approximar-se de vagar para não ser presentido; quando estivesse perto, quando fosse a vibrar o terrivel golpe,

Crespo, que o espreitava pelo canto do olho, saltar-lhe-hia imprevistamente ao gasganete e, desarmando-o, havia de obrigal-o a pedir misericordia. Nada d'isto, porém, foi necessario, pelo simples e interessante motivo, de não se ter dado sequer a tentativa de homicidio: — o homem da candeia não trazia navalha nenhuma e dirigindo-se, talvez moido da longa jornada, a um banco que estava ao fundo da loja, deitou-se, apagou a luz pendurada no muro e, cinco minutos depois, roncava estrondosamente, n'um somno pegado, que durou até de tarde.

Dias depois, abandonou esta hospedagem, por causa de questões com o dono da locanda, homem tão prepotente, que negava ao auctor das *Miniaturas* o direito de comer queijo á sobremesa, pelo facto de já se ter servido de laranjas e peras. Teve de ir pedir agasalho ao prior de Aljustrel, que já conhecia como homem accessivel. No momento em que entrou na residencia do sacerdote occupava este os ocios abbaciaes cavando as hortaliças. Na posição de curvado em que estava, ouvindo que o chamavam, olhou mesmo por entre pernas, perguntando: «Quem diabo está ahi?» O poeta contou-lhe no tom mais captivante, entremeando a narrativa de algumas palavras latinas, os perigos e aventuras de heroe manchego, em que se vira. Precisava que o senhor prior o hospedasse em sua casa, emquanto tomava uma duzia de banhos.

Era um grande favor que lhe fazia, além da paga. «*Charitas est virtus excelsa*, meu caro prior: eu sou um doente e n'esta terra não ha hospedarias capazes.» Accedeu facilimamente o bom ecclesiastico, tratan-

do-o logo por *magister doctor*. A paga que recebeu foi muito mais valiosa do que se podia esperar d'um simples estudante de Coimbra. Crespo tomou-lhe no dia seguinte a direcção politica e litteraria d'um jornal, que o ecclesiastico redigia proficientemente, resumindo toda a illustração e justiça d'aquellas aridas paragens. Aquelle periodo de opposição dava larga margem a todas as invectivas e podia conter reivindicações sociaes de primeira ordem. Os artigos de Gonçalves Crespo, repletos d'uma iracundia de tremer, causavam enorme gaudio ao sacerdote. «Mais moralidade, senhor ministro do reino, é preciso mais moralidade no poder!» — terminava sempre as suas objurgatorias o novo publicista. Esta phrase viva e energica, perfurante como um estylete, rebentava ás vezes pelo meio dos artigos, como o ultimo estoiro d'uma girandola de foguetes. O prior de Aljustrel chorava de contentamento ao saborear as famosas catilinarias, que elle suppunha serem lidas com avidez em Lisboa. Abraçando effusivamente Gonçalves Crespo, dizia: «Atire-lh'as fortes, *magister doctor*, que verá como elles se hão de doer. Apre, seus ladrões, ao menos terão de as ouvir» — apostrophava com o punho cerrado, falando pela janella fóra.

Porém este homem, d'uma lenda tão alegre, d'um exterior tão animado e vivo, continha em si outro homem notavelmente differente e até, podemos dizer, contrario. Irregularidades de temperamento, capri-

chos de sensibilidade, ou essa recondita e incessante lucta, que todos os individuos que vivem de idéas, tem de sustentar contra si e contra os outros, lucta que muitas vezes resume a impossibilidade de attingir pelos meios humanos a realidade d'uma aspiração d'artista, talvez algumas contrariedades e desgostos na vida ordinaria... o certo é que o auctor das *Miniaturas*, tinha dias de profunda e dominadora tristeza. Tal affirmação surprehenderá, mesmo algumas pessoas que o tratavam de perto. É que o seu espirito reservado e precavido contra todas as fraquezas, mostrava-se exteriormente alegre, quando estaria mais triste e acabrunhado. O grande segredo da sua expressão, estava em saber fingir que escutava os interlocutores; mas os seus longos espaços de mudez, muitas vezes cortados de gestos sacudidos e rapidos, por olhares incendiados e fogosos, correspondendo a dialogos mentaes, denunciavam um temperamento melancholico. Elle mesmo, sabendo que era geralmente tido na conta de galhofeiro e folgasão, formava de si opinião bem diversa... «eu que sou sombrio e pouco falador...» — escrevia a uma pessoa intima, a 18 de junho de 1871. Temos presentes algumas cartas d'esta epocha, que foi a do apparecimento das *Miniaturas*, quando elle ainda era solteiro e estava em Coimbra.

Em todas, mais ou menos, ha essa nota plangente e lyrica, que nos seus versos apparece fugazmente: mas sempre com um accento energico de realidade. Uma questão de raça, de temperamento, ou circumstancias de familia, tornavam-lhe muitas vezes a sua alma arida e selvagem. Tinha intimos desespe-

ros. Soffria na solidão e isolamento do seu espirito, escondendo-se orgulhosamente não só das vistas indiscretas e vulgares, mas até das dos seus proprios amigos. Confessava a 23 de julho: «Não sei que sinto. Estou nervosissimo, tenho vontade de amarrotar e rasgar esta carta, que é estupida, incoherente e exquisita. Vou ver se descanso um pouco, vou passear pelo quarto e vou fumar e espedaçar nos dentes alguns charutos.» — «Que dia tão triste me espera.» — «É-me impossivel escrever nada. Quero formular o que sinto e choro sobre este papel como uma creança.» Esta carta escripta n'aquella sua lettra tão caracteristica, miuda e fina, como um bordado, traço ligeiro e meticuloso *d'agua-fortista*, tem signaes evidentes d'um estado nervoso excepcional — as hastes trémulas, as ovaes como pontos, o papel despedaçado em alguns logares.

Tambem, apesar de espirito esclarecido e ironico, era muitissimo supersticioso. Nos seus passeios campestres, nas vesperas de feriado em Coimbra, ou nas divagações nocturnas por alguns logares menos frequentados de Lisboa, que eram sempre os que elle preferia, notei-lhe muitas vezes subitas paragens, a preferencia inexplicada de certas ruas, e a mudança repentina n'uma direcção differente da planeada. Como Balzac, percebia na physionomia dos logares expressões accidentaes, agradaveis ou antipathicas, e a impressão que estas circumstancias produziam sobre os seus nervos era indomavel. Tinha a mesma preoccupação a respeito de algumas pessoas desconhecidas com quem se encontrava, e em certas occasiões, não podendo conter-se, chegava a mostrar

o seu desagrado ou sympathia. «Ás vezes—escrevia—sou supersticioso: isto é do sangue, da creação e da educação das creanças no Brazil. Quando recolhia hontem á noite a casa, bateu-me no peito uma borboleta negra, que me apavorou.» Por isso ainda accrescentava: «Eu quasi adivinhava hontem a má nova d'hoje.»

Pouca gente o considerava como um individuo sensivel, affectado por sympathicas recordações da infancia. Era pouco communicativo em assumptos intimos e os seus versos, d'uma correcção de grego, talvez, pelo muito que os aperfeiçoou, não mostrem bastante o fundo meigo e dolente da sua alma. Porém em muitas poesias das *Miniaturas*, o poeta denuncia-se e, melhor ainda, n'esta pagina intima que transcrevemos e que é d'uma simplicidade tocante: «Falando-me do Brazil suscitou-me a lembrança de um futuro, que surge deante de mim, incerto e cheio de brumas: não sei ainda que carreira abrace, não sei para que rumo me volte. Meu pae, o meu maior e mais dedicado amigo, deseja que eu seja medico. Diz-me elle ás vezes: quero deixar-te abençoando a minha memoria, quero deixar-te com um ganha-pão. É para teu bem. No Brazil, em poucos annos, podes chegar a ser rico, riquissimo até: os medicos alli são tudo. Terás consideração, riqueza, importancia... aquillo que eu te deixar, póde d'um momento para outro ser absorvido por uma desgraça e então o que será de ti? Estuda pois e arranja um modo de vida, que te ponha a coberto de todas as eventualidades. Mas eu sou d'uma preguiça sem nome. Quando muito, talvez me forme em philosophia e depois de

formado, passa-me, ás vezes, pela idéa um sonho, que é o seguinte: chamar minha mãe e se poder uma irmã casada que tenho no Brazil, constituir familia, e constituir um ninho agradavel, mimoso e confortavel, aqui em Portugal, no Minho por exemplo.» — «Depois recordo-me com saudade da casa onde nasci, de minha mãe e de minha irmã, de todo esse conjuncto que me rodeava a minha infancia, e fico-me perplexo.» — «O mais certo pois é partir, mas desconfio que me não hei de dar bem por lá. Tenho apparencia de robusto, mas sou fraco e doente. No Brazil estive muitas vezes á morte e foi esse um dos motivos, por que meu pae me enviou para Portugal.» — «Eu medico! Adeus minhas esperanças, adeus meus sonhos passageiros de gloria. Sabe por que prefiro Portugal ao Brazil? É porque aqui me fiz homem; porque aqui amei...»

Isto é d'uma simplicidade digna de Michelet, escriptor que o poeta Gonçalves Crespo tanto amava e lia. Accrescentaremos algumas linhas, que são talvez d'uma meiguice ainda mais encantadora e sympathica:... «longe de tudo que é para mim caro na vida, aqui n'este canto de Portugal onde passo a minha juventude, quasi orphão d'affectos e triste de saudades do meu paiz....» O seu paiz, ou melhor o paiz onde nascera era o Brazil, como se deprehende facilmente. Gonçalves Crespo, veiu do Rio de Janeiro, sua terra natal, aos 10 annos, e nunca mais lá voltou, adoptando por fim Portugal, onde foi *deputado*, como sua patria.

Era reservado e o seu caracter d'um fundo cauteloso. Imperava n'elle essa voz omnipotente da natu-

reza que avassalla de preferencia as boas organisações: «Ás vezes tenho loucuras exquisitas. Estou falando com alguem e não acredito no que esse alguem me está dizendo: passa-me então pela idéa uma coisa sem nome, desejava penetrar alli dentro de aquelle craneo, senhorear-me d'aquella alma e devassar-lhe os segredos mais intimos e mais occultos. Se eu tivesse esse poder era o homem mais feliz da terra. Ninguem me illudiria, não podiam fazel-o sem que logo eu dissesse: mentis.»

Na apparencia era um tanto desprendido e insensivel ás caricias que lhe podiam prodigalisar; porém na realidade estimava-as em alto grau. Durante o seu tempo de Coimbra, morou em casa d'umas senhoras edosas que davam hospedagem a estudantes. Alli foi companheiro de João Penha, e do dr. Vicente Monteiro, hoje um dos mais conceituados advogados de Lisboa, um caracter e uma alma bondosa da melhor tempera. As donas da casa eram designadas entre os seus hospedes pela expressão familiar «as velhas.» A respeito d'ellas diz Gonçalves Crespo: «...estou em casa d'umas boas velhas, que me estimam mais que a qualquer dos meus companheiros. Tratam de mim, como se eu fosse um filho. Contam-me as suas desavenças com as criadas, apaparicam-me e dizem de mim o melhor possivel, por onde vão.»

Uma noite, ha uns quatorze ou quinze annos, representava em Coimbra o tragico Rossi o *Othello*. O theatro Academico estava completamente cheio e a admiração pelo actor italiano era enorme; porém o Crespo, completamente absorvido na contemplação da arte, só sente os seus nervos, que lhe gritam alto,

dominando a sua commoção a do publico, que elle julga mesquinha e insignificante. Na scena final, quando a tremenda catastrophe se aproxima, o silencio era solemne e profundo. O mouro, feroz e grande e digno na sua dôr, lança os dedos crispantes á tenue garganta da innocente Desdemona para a abafar. Sente-se o ultimo gemido da casta esposa, a nobre e altiva paixão do selvagem tem commettido uma iniquidade!... N'este momento ouve-se na platéa um grito pavoroso, que fez convergir, para o ponto d'onde partira, todos os olhares!... Era o Crespo que, fóra de si, não podéra conter a enorme dôr que o dominava. Eis como elle dava conta a uma pessoa intima o que sentira n'esse momento singular:

«Era eu o unico em meio de toda aquella multidão que o (ao actor Rossi) applaudia enthusiasta, o unico capaz de entender tudo aquillo que ha de grande, de extraordinariamente grande n'aquella commovedora tragedia. Em quanto uns applaudiam descuidosos e outros — o maior numero — namoravam, a minha alma estava toda consubstanciada n'aquelle vulto grandioso; o que elle dizia, parece-me, que eu o dizia tambem, o que elle sentia tambem eu o sentia e talvez mais poderosamente. Quando o *honest Iago* prepara a cilada infernal, eu tremia como uma creança. Na scena final, quando a deshonra tem de ser lavada e quando Othello penetra na camara de Desdemona, eu que tinha lido a tragedia senti irrigarem-se-me os cabellos e coar-se-me nas veias um frio de morte. Aquella scena cortada de beijos, de supplicas e de rugidos dolorosos é sublime e tocante. Prefiro-a ao acordar de Julieta, apertando em balde ao seio, a

*

cabeça loira do desditoso Romeu. E dizem que os poetas são inuteis! Quando mais não seja suavisam-n'os as maguas: aqui estou eu, que se leio essa tragedia, para logo sinto dentro em mim uma doce consolação. Aquillo sim, aquillo é que é amor, e não essa coisa esfarrapada e fria, impossivel, incongruente e convencional, que as meninas usam caçar nos bailes, com a mesma tranquillidade de espirito, com que apanham as borboletas, ou levantam as malhas do *crochet*.»

Este estylo nunca infatuado mostra além do artista primoroso das *Miniaturas* e dos *Nocturnos*, uma alma sensivel e boa, um fundo bem differente do que muita gente tem supposto e até affirmado em criticas irreflectidas. Os seus livros vistos a esta nova luz, teem um perfume e um encanto tenuissimos e percebem-se melhor.

Nos ultimos tempos da sua vida, durante os dois mezes em que a terrivel molestia caminhou implacavelmente, contradizendo dia a dia os heroicos esforços da sciencia e da sua incansavel esposa, a physionomia de Crespo adquiriu uma energica expressão de melancholia. O seu sorriso tinha um fundo de amargura, o olhar vago de myope fixava-se indeterminadamente como n'uma escuridade distante, sem um ponto vivo a que se prender. Pensava na morte, ás vezes surprehendiam-n'o a chorar. Uma das idéas fixas da sua vida, a de que, apesar d'uma apparencia robusta, era fraco e morreria cedo, realisava-se.

Sentia-o instinctivamente e elle que tanto amou a vida, triste ou alegre que ella lhe foi, apavorava-se com a idéa da morte. Era preciso que o seu assistente e amigo, o professor Sousa Martins, e todas as pessoas que o viam fingissem uma certa alegria esperançosa, para o enganarem, e eu era um dos que mais concorria para este effeito, amesquinhando-lhe com desdens o padecimento.

Na ultima noite que viveu, tocou-me a mim, como um dos seus amigos, acompanhar sua esposa, para ambos velarmos pelo doente. Toda a minha vida conservarei vivo na memoria esse doloroso quadro d'agonia, com todas as tristes circumstancias que o caracterisaram: — ao fim de dois mezes de noites em claro, a sr.ª D. Maria Amalia estava anniquillada e tudo quanto fazia era automaticamente. Havendo necessidade de se lhe dar de hora a hora os medicamentos, com o fim piedoso de lhe serem minoradas as angustias dos ultimos instantes, o doente exigia que isto fosse feito por sua esposa, que elle chamava n'uma voz já pouco intelligivel. Eu então acordava-a do torpôr em que estava sobre um sofá e, concluido o trabalho que só ella sabia fazer, vencida pela enorme lucta moral e physica, deixava-se cahir de novo no mesmo logar, com a cabeça entre os braços.

As feições do doente eram cadavericas: — rosto prolongado e sumido, olhos grandes de myope sem brilho e sem mobilidade, a bocca entre-aberta para respirar melhor e a longa respiração stertorosa que já começava a pronunciar-se, lançava no estreito ambiente, saturado d'acido phenico, um murmurio rouco, prenuncio da morte. Como felizmente os seus meios

de sensibilidade já não eram grandes, não conhecendo o fim proximo da sua vida, com a intelligencia que ainda conservava, exprimia palavras de consolação, affirmava esperar ainda melhoras.

N'um momento, por habito profissional de que ainda conservo restos, eu approximei-me da lamparina para examinar o conteúdo do escarrador. Elle fez signal a sua esposa pedindo-lhe: «Vae ver o que elle diz.» E como o meu sorriso o animou n'esta hora extrema, o desditoso accrescentou: «Este foi a salvação...» Referia-se ao que tinha expectorado, com o ultimo accesso de tosse.

«A morte aperfeiçoa o homem mais perfeito» — disse Renan a proposito da lenda da resurreição do sublime Nazareno, que inspirou ao auctor das *Miniaturas* e dos *Nocturnos* alguns dos seus melhores versos. Por muito sympathica que fosse a lenda de Gonçalves Crespo, por extraordinario que fosse o seu talento, não poderia esperar-se que a sua morte causasse uma tamanha commoção. Tanto em Portugal como no Brazil o seu nome era estimado e querido e isso viu-se pelas manifestações de sentimento que o publico litterario dos dois paizes prodigalisou a sua boa esposa. O poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos* nunca poderá ter o que se chama popularidade, ou melhor, vulgarisação. A aristocratica correcção dos seus versos, a elegancia e delicadeza subtil das suas imagens, a ironia dolente e desdenhosa d'algumas das suas poesias, a fina melancholia de outras, não são de certo qualidades que todos possam facilmente perceber. Além d'isso evitava com orgulho e altivez de verdadeiro artista a fogosidade postiça de alguns

poetas e a sensibilidade pueril d'outros. Era um artista de optimos nervos, que só pode agradar a entendimentos delicados. E no entretanto tem sonetos d'um lyrismo camoneano, que são um encanto.

Não entra hoje no nosso plano analysar as *Miniaturas* e os *Nocturnos*, porém diremos de passagem que, apesar do primeiro livro lhe estabelecer logo uma verdadeira reputação, o segundo accentuou determinadamente as suas eminentes qualidades d'artista e lhe garantiu entre os poetas portuguezes de todos os tempos, um logar entre os primeiros. Dos antigos e habituaes collaboradores da *Folha* foi Gonçalves Crespo um dos que menos produziu, e comtudo não foi aquelle a quem menos sorriu a fortuna litteraria. É para se ver que a abundancia ou fecundidade não é sempre um signal de engenho e ao artista deve-se-lhe exigir que a sua obra seja perfeita e não se lhe perguntar o numero de horas ou de annos que ella lhe custou. A questão fundamental é que elle tenha o divino poder de chegar á perfeição, como Gonçalves Crespo o tinha.

Lisboa, março de 1884.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

MINIATURAS

A BORDO

AO MEU AMIGO E MESTRE J. PENHA

I

É funda a calmaria.
O mar dorme tranquillo e socegado,
E o céo d'aquelle dia
É como infindo páramo azulado.

II

O sol dardeja a prumo
No convez da galera *Diamante;*
Toma as alturas e combina o rumo
O piloto, marcando-o no sextante.

III

Na proa os marinheiros,
Recostados em rolos de cordame,
Escutam galhofeiros
Um velho que lhes conta seus amores.
O narrador dizia:
«Foi isto em Buenos-Aires; só queria
Que a vissem, como eu vi, dançar *boleros,*
O corpo requebrando;
A saia curta; as mãos postas nas ancas;
Os olhos atiçando...
Que valente fragata!
Valia mais de certo, que dez brancas,
Mariquita a mulata!»

IV

Da escotilha á entrada,
No corrimão lustroso
Na vacillante escada,
Um verde papagaio cobiçoso
Namora com olhares sem ventura
Um cacho de bananas,
Que do cesto da gavea se pendura.

V

É variado o aspecto
Da envernizada camara. A um lado
De uma comprida mesa
Um *king's-charles* inquieto
Ladra brincando e atira-se ao regaço
De uma sêcca, espigada e velha ingleza.

VI

Uma adoravel *miss*
De tranças aneladas
E de olhos de um azul casto e sereno,
Afaga com meiguice,
Dando infantis risadas,
Da *lady* semsabor o cão pequeno.

VII

De chapéo desabado,
Chapéo do Chile, que uma tenda eguala,
De charuto na bocca, um *fazendeiro*
Passeia pela sala,

Olhando namorado
O rosto feiticeiro
De uma gentil Bahiana enlanguescida,
Que n'um doce pensar scisma embebida.

VIII

Alguns louros meninos,
Em cadeiras de vime empoleirados,
Apontam com seus dedos pequeninos,
Commentando enlevados,
As paginas ornadas de gravuras
De um livro de subtis caricaturas.

IX

Envolta na fumaça
De uma leve e cheirosa cigarrilha,
O pé deixando ver de sob a cassa
De seus brancos vestidos,
Uma linda morena de Sevilha
Se deixa amar por um francez poeta,
Almiscarado, louro, e de luneta.

X

Jogam o voltarete
Tres portuguezes velhos,
Faladores, teimosos e vermelhos:
Da mesa no tapete,
De cerveja entre as taças facetadas,
Scintillam como espelhos
As caixas de rapé auri-lavradas.

XI

Debruçado no encosto
De uma fofa cadeira,
O velho capitão de bronzeo rosto
A uns colonos allemães reconta
De que modo e maneira
Nas margens do Amazonas apanhara,
Andando em caça na deserta areia,
A variada e refulgente arara,
Que as attenções prendera da assembléa.

XII

Assim passava; e emquanto
Prosegue o capitão, a velha ingleza
Dormita reclinada sobre a mesa;
O cão não ladra; e a *miss* escuta o canto
Arrastado, monótono e choroso
De uma robusta negra, que balança
Na rede fluctuante uma creança.

XIII

O vento refrescara,
E move-se a galera. A comitiva
Para a coberta ascende alegre e viva.
Range no emtanto o leme.
Na camara só fica a triste arara
E o francez, que murmura em voz, que treme,
Á bella *señorita: «Je vous aime!»*

1870.

A NOIVA

A noiva passa rindo
De rosas coroada,
Como um botão surgindo
Á luz da madrugada.

Na fronte immaculada
O véo lhe desce lindo,
E a brisa ennamorada
Lhe furta um beijo infindo...

Ante o altar se inclina
A noiva, e purpurina
Murmura a medo: «Sim.»

Agora é noite; a lua
No céo azul fluctua,
E o noivo diz: «Emfim!»

1870.

A SESTA

Na rede, que um negro moroso balança,
Qual berço de espumas,
Formosa crioula repousa e dormita,
Emquanto a mucamba nos ares agita
Um leque de plumas.

Na rede perpassam as trémulas sombras
Dos altos bambús;
E dorme a crioula de manso embalada,
Pendidos os braços da rede nevada
Mimosos e nús.

*

A rede, que os ares em torno perfuma
De vivos aromas,
De subito pára, que o negro indolente
Espreita lascivo da bella dormente
As tumidas pomas.

Na rede suspensa dos ramos erguidos
Suspira e sorri
A languida moça cercada de flores;
Aos guinchos dá saltos na esteira de côres
Felpudo sagui.

Na rede, por vezes, agita-se a bella,
Talvez murmurando
Em sonhos as trovas cadentes, saudosas,
Que triste colono por noites formosas
Descanta chorando.

A rede nos ares de novo fluctua,
E a bella a sonhar!
Ao longe nos bosques escuros, cerrados,
De negros captivos os cantos magoados
Soluçam no ar.

Na rede olorosa, silencio! deixa-a
Dormir em descanso!...
Escravo, balança-lhe a rede serena;
Mestiça, teu leque de plumas acena
De manso, de manso...

O vento que passe tranquillo, de leve,
Nas folhas do ingá;
As aves que abafem seu canto sentido;
As rodas do *engenho* não façam ruido,
Que dorme a Sinhá!

1870.

A MULHER QUE RIA

Seu rosto tinha a doce transparencia
Das louças do Japão. Era Judia.
Em seus olhos azues quanta innocencia!
Mas dos sonhos de amor zombava e ria.

Mixto de sombra e luz: ás vezes pura
Como aeria visão me apparecia;
Outras vezes, extranha creatura!
Era a pagã que entre meus braços ria.

Se de amor doces phrases eu soltava
E febril seus cabellos desprendia,
De meus joelhos, douda, resvalava,
E beijando-me, Esther cantava e ria.

Minha alcova era um ninho perfumado,
E entre flores a vida me corria.
O socego perdi, ennamorado
D'essa mulher, que ora cantava ou ria.

Uma vez n'uma ceia deslumbrante,
Entre o ruidoso estrepito da orgia,
Nos braços desmaiou de um estudante;
Depois deixou-me só... Cantava e ria.

Que saudades eu tive! Em meu caminho
Vi-a hontem passar, triste e sombria,
Solta na espadua a trança em desalinho:
Era a sombra de Esther, pois já não ria.

1869.

O CAMARIM

A luz do sol afaga docemente
As bordadas cortinas de escumilha;
Penetrantes aromas de baunilha
Ondulam pelo tepido ambiente.

Sobre a estante do piano reluzente
Repousa a *Norma,* e ao lado uma quadrilha;
E do leito francez nas colchas brilha
De um cão de raça o olhar intelligente.

Ao pé das longas vestes, descuidadas
Dormem nos arabescos do tapete
Duas leves botinas delicadas.

Sobre a mesa emmurchece um ramilhete,
E entre um leque e umas luvas perfumadas
Scintilla um caprichoso bracelete.

1870.

ARRUFOS

Olha, vizinha; não póde
Soffrer mais tempo os agrores
De teus esquivos amores
O meu amor sem ventura;
Se te olho, voltas o rosto
Com modos de abhorrecida;
Se te falo, distrahida
Fitas os olhos na altura...

Não era assim n'outros tempos!
Nem já te lembras, pequena!
Foi n'um dia de novena
Que te vi a vez primeira.
Em todo o tempo da festa
Eu tive os olhos cravados
Em teus cabellos cendrados
E n'esse rosto de cera.

No fim da novena, á porta
Eu já te estava esperando,
De um lado e do outro olhando,
Temendo que te não visse...
Mas quando por mim passaste
E me roçou teu vestido,
Fiquei a ponto perdido,
Que nem sei o que te disse!

Alguma phrase amorosa!
Que tu, ouvindo-a; paraste
E os olhos em mim pousaste;
Como quem diz: esperava!
Depois travámos conversa
Tão nossa, tão divertida,
Que na longa despedida
O *tu* por vezes te dava.

Isto era em abril: em maio,
Quando das aulas chegava,
Sempre na mesa encontrava
Um ramilhete cheiroso.
Um dia achei um escripto
Que dizia: «Venha cedo,
Quero dizer-lhe um segredo;
Mas não tarde, preguiçoso!»

Desci de um salto as escadas.
Quando cheguei, tu ergueste
O meigo olhar e disseste,
Presa de amor e ventura:
«Não sabe? faço annos hoje;
Não recuse, meu amigo,
Jantará hoje commigo...»
E depuzeste a costura.

D'ahi a pouco voltavas,
Minha doce primavera!
Com um collar, que eu te dera,
E o meu gorro nos cabellos.
Jantámos. Que tarde aquella,
Cheia de louca poesia!
Quanto amor, quanta alegria!
Como os vinte annos são bellos!

Uma vez tinhamos vindo
De passear pela aldeia.
Que noite de lua cheia!
Parece que a vejo agora...
Era em noite de S. Pedro,
Quando ouvimos n'um descante:
«O amor de um estudante
Não dura mais que uma hora.»

Teu braço tremeu, teu corpo
Vergou-se, mimosa planta
Se o temporal se levanta
E a face do céo descora...
E repetias baixinho
Com doce voz supplicante:
«O amor de um estudante
Não dura mais que uma hora.»

Em todo o nosso caminho
Foste calada e chorando,
E timida desviando
Teus grandes olhos dos meus.
Á entrada da tua porta
Tentei beijar-te, fugiste;
E n'aquella hora tão triste
Nem ouvi sequer: adeus!

Desde então, ao teu postigo,
Por mais que os olhos relanço,
Embalde imploro o descanso
D'esta minha desventura.
Se te olho, voltas o rosto
Com modos de abhorrecida;
Se te falo, distrahida
Fitas os olhos na altura...

1869.

N. II.

Tu não és de Romeu a doce amante,
A triste Julieta, que suspira,
Sôlto o cabello aos ventos ondeante,
Inquietas cordas de suspensa lyra.

Não és Ophelia, a virgem lacrimante,
Que ao luar nos jardins vaga e delira,
E é levada nas aguas fluctuante,
Como em sonho de amor que cedo expira.

És a estatua de marmore de rosa;
Galatéa accordando voluptuosa
Do grego artista ao fogo de mil beijos...

És a languida Julia que desmaia,
És Haydéa nos concavos da praia;
Fosse eu o Dom João dos teus desejos!...

MODESTA

A MINHA IRMÃ

I

Se lembro esse momento
Mais bello d'esta vida!
Voava desprendida
A tua coma ao vento...

O teu olhar, querida,
Desceu ao meu tormento,
E após enternecida
Disseste em brando accento:

«Tua alma soffre e chora,
Quando o porvir se inflora,
Quando a teu lado estou!....»

Doce te olhei tremendo;
A noite ia descendo,
Um beijo se escutou.

II

Um beijo se escutou,
E eu via mal seguro
A luz que elle traçou
No azul do meu futuro.

Um beijo se escutou.
Depois... teu labio puro
Mais brando suspirou
Que a pomba em ermo escuro.

*

Voz doce e piedosa!
Não fujas, mariposa,
Não tremas, Galatéa!

Gwinplaine, extasiado,
De um osculo sagrado
Os pés ungia a Déa...

III

O prado tem as flores,
Boninas a floresta,
Eu tenho-te, Modesta,
Meus candidos amores.

Quando me inclinam mésta
A fronte os dissabores,
Sorris-me tu, Modesta,
E vão-se as minhas dores.

Desceste ao meu abrigo,
Ah! como eu te bemdigo!
Oh! como te amo eu!

Que nos teus labios vejo
Na aureola de um beijo
O resplendor do céo!

IV

És bella, és casta, és pura;
O teu olhar consola,
Se o lanças, doce esmola,
Á sombra, á desventura...

Vieste-me da altura,
Immaculada rôla;
Abriste, alva corolla,
Em minha noite escura.

Na escalvada rocha
A flor não desabrocha
O mádido botão;

Mas tu sorris ao ver-me
A mim, obscuro verme.
Não te mereço, não!

V

Se beijo essa cabeça,
Meu premio, auxilio e guia,
Suffoca-me a alegria,
Nem sei que mais eu peça.

Não póde a bruma espessa
Casar-se á luz do dia:
Unir-se a ti podia
A minha sorte avèssa?

Ainda é tempo, escuta:
O meu amor enlucta;
Venceu-te uma illusão...

Tu bem me vês no rosto
A sombra do sol-posto...
Se eu fosse teu irmão!

VI

Oh rosas purpurinas,
Que tapetaes o prado!
Trazei, lirios, boninas,
O aroma embalsamado.

Oh aves peregrinas!
Por esse azul arqueado
Soltai canções divinas:
É hoje o meu noivado.

Estrellas scintillantes,
Eternos diamantes
De trémulo fulgòr,

Brilhai! Sonha Modesta
Que tem na fronte honesta
Da laranjeira a flôr.

VII

Que doce é ver agora
A natureza, quando
O plumeo e alegre bando
Saúda a luz da aurora!

No prado o orvalho chora
Aljofres derramando:
Já se ouve ao longe a nora
E o lavrador cantando.

As auras amorosas
Passam beijando as rosas,
E tu dormindo, flôr!

Ergue-te, lirio santo,
Accorda, meu encanto,
Modesta, meu amor!

VIII

Dormia. Assim a lua
Em nuvens perfumadas,
Nos ares embaladas,
Esconde-se, e fluctua...

As roupas descuidadas
Deixam-n'a semi-nua:
Que fórmas delicadas!
Dormia. Assim a lua...

Aquelle seio trouxe
Não sei que aroma doce,
Que doce embriaguez!

Tão bella! enfeitiçado,
Beijei-lhe namorado
A curva de seus pés.

X

Do templo o véo rasgou-se,
Na treva eil-o sumido!
O sonho estremecido
Em fumo dissipou-se!

Erguer, embevecido
N'aquelle amor tão doce,
Um idolo que fosse,
E vel-o assim cahido!

Oh petala de rosa,
Que nuvem tormentosa
Te confundiu no pó?

De tanto amor que resta?
Um tumulo, Modesta,
E eu sobre a terra, só!

X

Morreu! Assim a prece
Na cathedral sombria
Se esvai; á luz do dia
A lampada esmorece.

Curva-se a loura messe,
Se passa a aragem fria.
Tão bella assim! dormia...
Se á vida renascesse!

*

Levava as mãos no peito,
Goivos n'aquella trança
Que tanta vez beijei.

Oh sonho meu desfeito!
Voaste-me, creança!
Deus sabe se te amei!

1870.

ELEITOS E PRECITOS

Se passam em tropel, rugindo, os ventos
Da floresta na densa romaria,
Cremos ouvir nas vascas da agonia
De esmagados titans rudes lamentos.

Quando a furia descai dos elementos,
E mais se afrouxa a agreste symphonia,
Pelos erguidos ramos corpulentos
De aves se alastra a varia melodia.

Os lamentos, que se ouvem na floresta,
São as raivas e os gritos temerosos
De quem o eterno azul jámais alcança.

E a melodia, a namorada festa
Das aves e dos ninhos sonorosos,
É o sorrir da bemaventurança.

UM NUMERO DO INTERMEZZO

Ria, tomando chá em tôrno á mesa,
Da sociedade a flôr:
E no campo de estheticas oppostas
Discutia-se o amor.

«O amor deve ser ethereo e puro,»
O conselheiro diz.
Sorrindo, a conselheira um ai! abafa
Com gestos de infeliz.

Diz o cónego: « O amor destroe, mas quando
Sensual, já se vê! »
A donzella pergunta ingenuamente:
« Reverendo, porque? »

A condessa murmura em voz dolente:
« O amor é uma paixão. »
E languida uma chavena offerece
Ao pallido barão.

Era vago um logar em tôrno á mesa:
Era o teu, minha flor!
Tu, só tu, poderias, se o quizesses,
Dizer o que era amor!

DULCE

(Imitação)

AO SR. FERNANDES PEREIRA

Vi-a um dia na rua. Fluctuante
Ao desdem lhe cahia a loura trança;
Como a luz d'um pharol, essa creança
Levou-me atrás de si... triste bacchante!

Era o seu nome Dulce. O povo rude
Apontava-a mofando, quando a via.
Docemente sorrindo, ella dizia:
«Tu sabes, se te amei santa virtude!»

Um dia a quiz beijar; fugiu-me triste:
«Dulce me chamam, disse, que amargura!
Este corpo, que vês, é sanie impura,
Nem mais amargo fel no mundo existe.

«Que tôrva historia a minha! é breve, attende:
Por minha mãe, que a fome allucinava,
Lançada fui no abysmo! Então amava...
Hoje sou Dulce, a lama que se vende...»

VIOLETA

Apertar-lhe, senhora, as mãos pequenas,
Nunca me foi logrado esse desejo;
Por bem pago me dou das minhas penas,
Se um dia a vejo!

Vel-a sómente! amor desavisado!
Que já nem sei agora que mais peça;
Nem sei de extremos, ou maior agrado,
Que lhe mereça.

Quizesse a minha prospera ventura
Descobrir-lhe esta dor, que me devora;
Teria dó da minha vida escura,
Gentil senhora.

Que para mim a aurora nunca aponta,
Nem eu vejo do sol os resplendores;
Os males meus, senhora, não teem conta,
Nem minhas dores.

Mas quando a furto a vejo, que alegria!
Mas quando a voz lhe escuto, desfalleço!
E d'este padecer, que me excrucia,
Até me esqueço.

Eu não lhe imploro amor: vira sómente
Entreabrir-se-me o céo, formosa dama,
Se lhe ouvisse dizer com voz tremente:
«Como elle me ama!»

1869.

CONSOLAÇÃO

Quando á noite no baile esplendoroso
Vais na onda da valsa arrebatada
Com a serena fronte reclinada
Sobre o peito feliz do par ditoso...

Mal sabes tu que existe um desditoso
Faminto de te ver, oh minha amada!
E que sente a sua alma angustiada
Longe da luz do teu olhar piedoso.

Mas quando a rôxa aurora vem nascendo,
E a cotovia accorda o laranjal,
E os astros vão de todo esmorecendo;

Eu cuido ver-te, oh lirio divinal,
As minhas cartas ávida relendo
Semi-nua no leito virginal.

1869.

SARA

I

Não cantarei o sol, a terra e os largos mares,
E o bosque murmurante, e os ninhos das ramadas:
Meus hymnos serão teus, e as notas namoradas
Te vibrarei no pléctro, ó Esposa dos Cantares!

Sómente cantarei o teu olhar divino,
E esse collo, moldado em candido alabastro,
Onde ás vezes desmaio, e onde te desnastro
Em delirios febris as cômas de ouro fino.

Teu corpo cantarei, a esplendida esculptura,
O livro onde apprendi a ler quantas delicias
Nos chovem da mulher nas trémulas caricias,
Que nos erguem ao céo nas azas da ventura.

Teus labios cantarei, abençoado porto,
Onde vai soluçar a vaga de meus beijos,
Lyra, que se desata em timidos harpejos,
Quando me pende a fronte em lasso desconforto.

Se em teus braços me inclino, eu sinto que me afundo
N'um abysmo de seda e plumas perfumadas,
E exulto, e choro, e canto; e a roseas alvoradas
Ergue o vôo minha alma em extasis profundo.

Tu és a Fornarina: e eu n'esses olhos leio
A luz que cega e mata... Embora! venham rosas!
Quero cingir a fronte, e em noites amorosas
Como Sanzio morrer nas ondas do teu seio...

II

Milagre da natura
És tu, mulher; o artista
Ajoelha, se te avista,
Oh rara formosura!

Deslumbra na brancura
Teu corpo, e cega a vista;
Mas ver-te assim... contrista!
Tão bella, e tão impura!...

Meu sonho foi a rosa
Na vaga tumultuosa:
Tão cedo o vi morrer!

Phrynéa, tu não choras,
Nem tremes, nem descoras:
És marmore, mulher!

III

Ha um mixto de azul e trevas agitadas
N'esse felino olhar de lubrica bacchante.
Quando lhe cai aos pés a roupa fluctuante,
Contemplo, mudo e absorto, as formas recatadas.

N'essa mulher esplende um poema deslumbrante
De volupia e languor; em noites tresloucadas
Que suave não é nas rosas perfumadas
De seus labios beber o aroma inebriante!

*

Fascina, quando a vejo á noite semi-nua,
Postas as mãos no seio, onde o desejo estua,
A bocca descerrada, amortecido o olhar...

Fascina, mas sua alma é lodo, onde não pousa
Um raio d'essa aurora, o amor, sublime cousa!
Raio de luz perdido em tormentoso mar!

IV

No alvorecer das minhas primaveras
Tu me surgiste, apparição mimosa,
E eu pude ver logradas as chimeras
Da minha escura vida procellosa!

Com tanto ardor não cingem verdes heras
O tronco da palmeira voluptuosa,
Como quando no abraço dilaceras
Este meu seio nu, pagã formosa!

Eu quero desvendar este mysterio:
Se alguma cousa em ti de vago e ethereo
Existe meio occulta na penumbra...

Quero sentir, palpar a realidade;
Mas ante o brilho augusto da verdade
A luz do meu amor toda se obumbra.

V

Sara, quando me vês, suave e brando,
Repellir os teus beijos amorosos,
Talvez julgues, mulher, ir declinando
O alegre sol dos dias teus formosos.

Como te enganas, flôr! chóro pensando
Que foste irmã dos lirios setinosos,
E que talvez o céo fulgiu brilhando
De teus olhos nos raios luminosos...

Quem te colheu o beijo primitivo?
Que Fausto ou Mephistopheles altivo
Te ennodoou as vestes, Margarida?

Escuta: emquanto dormes, impudente,
Talvez n'alguma estrella resplendente
Chore tua alma triste e arrependida.

VI

Sara, tens a belleza e a fórma seductora
Que Ticiano adorara, e Angelo esculpira;
De teu profundo olhar na humida saphyra
Em desmaios eu bebo a luz que me devora.

Sara, meiga visão! meu ser chora e delira
Se te vejo infantil, suave, encantadora,
E que vou desferir a nota gemedôra
Do meu insano amor no labio que suspira.

Foste o molde talvez de algum sonho divino,
Estrella vinda á terra, oh corpo alabastrino,
Que em namorado extremo apérto contra o seio!

Mas sorris quando triste osculo os teus cabellos,
E te conto a illusão dos meus vagos anhelos:
Eu te perdôo, flôr! creança, eu te pranteio!

VII

Meu braço quando cinge
Teu corpo avelludado,
De rubra côr se tinge
Teu rosto desmaiado.

Dizer tão namorado
O que esse labio finge!
Depois... tudo evolado!
Ris-te na sombra, esphynge.

Podesse eu triste agora
Dizer que vi a aurora
Fulgir um só momento!

Desesperar eterno!
Oh! basta d'este inferno!
Esplenda o firmamento!

VIII

Oh Sara, minha Lesbia, em cujo bocca aspiro
A volupia que mata, o goso que adormenta!
Quando te agita o sangue a febre que dementa,
Manso e manso desmaio aos beijos de um vampiro.

És como a estatua grega, o assombro da esculptura,
Erguêra-te um altar o ardente paganismo;
Desce de ti a luz, que brilha em meu abysmo,
Esplendente ideal da eterna formosura!

Maravilha da carne, ás vezes se n'um beijo,
D'esses beijos febris e humidos, transvasas
Em meu ancioso peito o fogo em que te abrasas,
E te fustiga em lava asperrimo desejo,

Presinto que se esvai a noite procellosa
Á luz de um teu olhar na languida agonia,
E adormeço, mulher, n'um sonho de magia
Como em placido leito a onda preguiçosa.

Depois ás horas quando a curva mais se acalma
Do seio turbulento, e o mar da longa trança
Pouco e pouco se espraia... e flácido descansa,
Não sei que dòr levanta os seios de minh'alma.

Que importa que eu enxugue ao fogo de teus beijos
O pranto que me orvalha a palpebra sombria?
Se vejo o ideal, que tanto resplendia,
Perder-se pela altura em trémulos adejos?

———

O ROSARIO

A MANUEL ARRIAGA

Quando á noite contemplo taciturno
Estas contas antigas, o rosario
Das minhas orações,
Vejo em minh'alma o poema legendario
Dos velhos tempos das longinquas eras
De santas devoções.

A cruz eburnea, onde agoniza o Christo,
É de um lavor subtil, que nos revela
Um genio magistral,

Obra de monge em merencoria cella,
Piedoso artista ha muito adormecido
Em velha cathedral.

Tem seculos; talvez que n'estas contas
Passasse outr'ora suas mãos esguias
A castellã senil,
Pensando triste nos ditosos dias
Em que a seus pés um menestrel vibrava
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse
As saudades da noiva lacrymante,
Que debalde esperou
Em cada náu, que vinha do Levante,
O seu donzel amado que partira
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta de um joven cavalleiro,
Que o beijava por noites estrelladas
Pensando em sua mãe,
Elle assistiu ás guerras das cruzadas,
Atravessou talvez a terra santa
E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,
De seus annos na doce primavera,
Só d'elle confiou
Seus loucos sonhos de fallaz chimera,
E, apertando o rosario ao peito ancioso,
Consolada expirou.

Isto, o que leio no rosario antigo;
E quando melancholico lhe beijo
As contas de marfim,
No ar escuto indefinido harpejo,
E então a crença, a mystica toada,
Murmura dentro em mim.

1871.

DESTINOS

A M. J. B.

Tu és a andorinha timida
Em migração para o sul;
Eu sou o abutre esfaimado,
Esse demonio emplumado,
O escuro Ahasvero do azul.

Tu és a prece bemdicta,
Que da innocencia partiu;
Eu sou o grito raivoso
Do miserrimo Leproso,
A quem o Senhor feriu.

Tu és o ramo de anemonas,
Que sobre o altar rescendeu;
Eu sou a folhagem mesta
Da mandragora funesta,
Que da forca aos pés nasceu.

Aurora, foge da noite!
Rebrilha, estrella ideal!
E viva eu só, ignorado,
O viver desamparado
Da triste garça real!

ARREPENDIDA

A VICENTE MONTEIRO

N'esse quarto pequeno, humido e estreito,
A miseria assentou a mão sombria:
A esteira do luar, que o alumia,
Mais lhe engrandece o luctuoso effeito.

A um lado da vetusta gelosia
Vela triste mulher; no immundo leito
Alguem ressona lugubre, e desfeito
Pelos excessos da nocturna orgia.

Ella scisma ao luar; todo o passado
A seus olhos avulta, illuminado
Pelos dubios reflexos da tristeza...

Por uma noite assim, limpida e clara,
Sua modesta alcova ella deixara
Por esse que alli dorme e que a despreza!

1870.

NERA

I

Uma larga piscina, obra de um grego artista,
Attrai da alcova em meio a fascinada vista.

II

De trabalhado bronze um Pan malicioso
Finge na tenue flauta um canto harmonioso.

III

Uma estatua do Amor, de Paros côr de rosa,
Entre verdes festões assoma graciosa.

IV

Em jarras de Corintho esmaiam bellas flores,
Espalham-se no ar suavissimos olores.

V

O tecto é de mosaico e ornado de figuras;
Riem pela parede eroticas pinturas.

VI

Sobre mesas de jaspe, orladas de embutidos,
Repousam joias de ouro, esplendidos vestidos.

VII

Nas purpuras do leito eburneo uma creança
Dormita; a luz do sol lhe beija a loura tança.

VIII

Formosa! vista assim, no leito adormecida,
É nayade gentil em relva humedecida.

IX

Murmuram do clepsydro as aguas. Entretanto
Nera seu corpo estira em flaccido quebranto.

X

Abre — felino geito! — os labios côr de rosa,
Como em busca de um beijo, a dama voluptuosa.

XI

Sonha! julga sentir no rosto de açucena
Os beijos de Bactylo, o gladiador da arena.

XII

Subito, em toda a Roma a plebe dissoluta
«Ao Circo!» ruge e grita; a dama accorda e escuta.

XIII

Ergue o corpo de neve a linda Galatéa,
«Ao Circo!» e em seu olhar sorri ignota idéa...

1870

ALGUEM

—

Para alguem sou o lyrio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideaes do Christo;
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,
E se a terra existe, é porque existo.

Esse alguem, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancholico, triste e fatigado,
Esse alguem abre as azas no meu leito,
E o meu somno desliza perfumado.

Chovam bençãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! esse alguem
É de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, oh minha mãe!

NA ROÇA

AO DR. LUIZ JARDIM

Cercada de mestiças, no terreiro,
Scisma a Senhora Moça; vem descendo
A noite, e pouco e pouco escurecendo
O valle umbroso e o monte sobranceiro.

Brilham insectos no capim rasteiro,
Veem das mattas os negros recolhendo;
Na longa estrada echoa esmorecendo
O monotono canto de um tropeiro.

Atraz das grandes, pardas borboletas,
Creanças nuas lá se vão inquietas
Na varanda correndo ladrilhada.

Desponta a lua; o sabiá gorgeia;
Emquanto ás portas do curral ondeia
A mugidora fila da boiada...

UMA ANDALUZA

A MARÇAL PACHECO

Tinha os pés, tinha as mãos em miniatura,
Essa por quem suspira em vão Sevilha;
Seu collo era um modelo de esculptura,
Visto de sob as franjas da mantilha.

Em seu gracioso andar sobreexcedia
Da panthera a felina gentileza;
Era famosa em toda a Andaluzia
A longa trança da gentil marqueza.

E por ninguem batera aquelle seio
De creança indolente e caprichosa!
Nenhum *hidalgo* em namorado enleio
Ousou dizer-lhe um dia: «É tão formosa!»

Por vezes nas tertulias repetia,
Dedilhando no leque rendilhado,
Que a doces galanteios preferia
De um — papelito — o fumo perfumado.

Á noite, quando a lua é toda amores,
E a guitarra soluça mais dolente,
No seu balcão de gothicos lavores
A marqueza sorria-se indolente.

Um alcaide, poeta e cavalheiro,
De ciume feroz embriagado,
No leito apunhalara um extrangeiro
Da bella señorita namorado.

Alguem disse que o facto deshumano
A deixara impassivel e serena,
E que se ouvira toda a noite ao piano
O canto alegre da gentil morena.

Mais tarde, n'uma esplendida tourada,
De — El-Niño — ao ver um — cambio — perigoso,
Perturbou-se-lhe a fronte socegada,
E palpitou-lhe o seio de amoroso.

Hoje embalde suspira a serenada,
Murmura em vão na — calle — a seguidilha,
Que a marqueza gentil e ennamorada
Por um — torero — abandonou Sevilha!

BIANCO VESTITA

—

Quando sou a teu lado e sinto o aroma
Das tuas falas puras de creança,
Embriagam-me os sonhos de esperança
Que em vão posso lograr na curta vida.

Visão de amor! o beijo sacrosanto,
Colhido d'essa bocca purpurina,
Foi como a luz do sol entre a neblina:
Eu te bemdigo, noiva estremecida!

Por vezes ao luar, n'essa varanda,
Quando ao seio te aperto ennamorada,
E a medo se desata magoada
A canção de minh'alma, que delira,

A face te desbota docemente,
Descáe-te a fronte languida no seio,
Humido o labio em desmaiado anceio
Tenues vozes de amor brando suspira.

Flôr de innocencia! o sonho de ventura,
Que antevejo no aroma d'essas falas,
Não vale as nuvens de ouro em que te embalas
E de teu leito o perfumado arminho...

Não me falles de amor, timida rôla!
Extende as azas em perènne adejo!
Chore eu embora o sacrosanto beijo
E as rosas que lançaste em meu caminho!

186...

NOITE DE INVERNO

Dezembro, quando veste
O manto seu de arminho,
E o escuro torvelinho
Empana o azul celeste...

E sopra o agudo léste
No arido maninho,
Deserto é o caminho,
E a noite é fria, agreste...

Que doce então scismarmos
Na alcova socegada,
E, quasi a adormecer,

A fronte reclinarmos
Na onda avelludada
De um collo de mulher!

1870.

DESDICHADA

Sósinha e ao desamparo ella vivia
N'esse pobre casebre abandonado;
Não conhecera pae nem mãe; doía
Fitar aquelle rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
Para os descantes da festiva aldeia;
E comsigo a mesquinha suspirava:
«Doce Jesus! porque nasci tão feia?»

Quando a lua no céo azul surgia,
De alvor banhando a múrmura deveza,
No postigo do albergue a sós gemia,
Triste mulher sem viço nem belleza.

Chamou-a Deus emfim: quando passava
O singelo caixão na triste aldeia,
Melancholico o povo murmurava:
«Vai tão bonita, olhai! e era tão feia!...»

1870.

Á BEIRA DO MONDEGO

Do azul na grande abobada espelhada
Campeia a lua e os astros scintillantes;
Os pés nas frescas aguas murmurantes,
Dorme Coimbra triste e socegada.

Ha pouco ainda a branda serenada
Nos bandolins chorava palpitantes;
Tudo é silencio agora, e dos amantes
Não se movem as sombras na calçada.

O caes repousa; a riba é solitaria;
Da ponte nos esguios candieiros
A luz vacilla crepitando varia.

Nas curvas lanchas dormem os barqueiros.
O poeta no emtanto, o eterno paria,
Escuta a voz de Ignez entre os salgueiros.

CORTEJO

DE PAULO VERLAINE

Em vestes de ouro e brocado,
Um mono os passos acerta
Ante a formosa, que aperta
Na mão um lenço bordado.

Atraz um negro luzido
Segue, de capa encarnada:
Sustém a cauda pesada
Do roçagante vestido.

O mono os olhos demora
No lacteo seio da bella,
Seio que a todos revela
A nua Venus de outr'ora.

A espaços o negro, ousado,
Ergue a cauda mais um pouco:
Quer ver se as visões de um louco
Mentiram... pobre coitado!

No rico salão festivo
Passeia a bella indolente:
Recresce a paixão ardente
No seu cortejo lascivo.

1868.

MÃE

—

A M. DE CAMPOS CARVALHO

Ella velava perto
Do filho, que dormia,
E candida sorria
Ao lyrio entreaberto.

Da lua um raio incerto
No quarto se perdia;
E a mãe olhava o Dia
E a Luz do seu deserto.

No berço fluctuante
Moveu-se agora o infante
E acorda pranteando...

Não ha quadro mais bello
Que a mãe, solto o cabello,
O filho acalentando!

1869.

A TUA CARTA

A J. SIMÕES DIAS

Tem as lettras desmaiadas
A carta que me escreveste,
Talvez do calor do seio,
Onde escondida a trouxeste.

O perfume que ella exhala
Entonteceu-me a cabeça,
Lembraram-me os doces beijos
Da tua bocca, travessa.

Eu não dera a tua carta
Por cousas de alta valia;
São mais lindos que as estrellas
Teus erros de orthographia!

Por isso tracto essa carta
Com mais cuidado e mais zelo
Que o louro annel que me deste
Das tranças do teu cabello.

Por isso a leio e releio
Toda a noite em voz magoada,
E o papel estou beijando
Quando rompe a madrugada.

Cinco lettras d'essa carta
Valem mais que a luz do dia:
São aquellas cinco lettras
Do teu nome de Maria...

Sempre que vejo essas lettras,
Cuido ver o teu sorriso;
Oh lettras! vós sois as chaves
Das portas do paraiso!

Oh filha! quando medito
Nas rosas do meu passado,
Parece-me a tua carta
Um lindo altar enfeitado.

E penso... vê lá por onde
A phantasia me voa!
Que tens a mão sobre a minha,
Que um padre nos abençoa...

Eu não dera a tua carta
Por cousas de alta valia,
Ainda que mais não tivesse
Que o teu nome de Maria!

IL RITTRATO

Entre jasmins em perfumado ambiente,
Qual a Madona em nicho recatado,
Pende em moldura de ebano lavrado
A imagem da mulher que chóro ausente.

Solta lhe desce a trança resplendente
Em ondas sobre o seio immaculado;
Doura-lhe o fino labio nacarado
Almo sorrir de amor, puro, innocente....

Poemas aereos n'esses olhos leio,
Na luz dos olhos negros, e pranteio
O vêr-me triste e só no meu retiro.

Doce visão do céo! ás vezes creio
Que suspiras de amor em vago anceio:
Onde me levas, intimo suspiro?

1868.

ALLUCINAÇÃO

E este o seu jardim; no velho muro
Extende o jasmineiro a ramaria,
Chora a fonte no marmor da bacia,
Rescende perto o laranjal escuro.

Este luar silencioso e puro
Vale bem o fulgor d'aquelle dia
Em que a doce creoula me dizia
O que eu talvez não ouça no futuro.

Sonho talvez! cuidei ter presentido
O arrastado e usual ruido
De suas vestes múrmuras de seda...

Uma folha que desce me desperta!
E eu vejo, á luz da lua, a sombra incerta
Das arvores nas ruas da alameda.

1869.

CANÇÃO

A BERNARDINO MACHADO

I

Mostraram-me um dia na roça dançando
Mestiça formosa de olhar azougado,
Co'um lenço de cores nos seios cruzado,
Nos lóbos da orelha pingentes de prata.
Que viva mulata!
Por ella o feitor
Diziam que andava perdido de amor.

II

De emtorno dez leguas da vasta fazenda
A vel-a corriam gentis amadores,
E aos dictos galantes de finos amores,

Abrindo seus labios de viva escarlata,
Sorria a mulata,
Por quem o feitor
Nutria chiméras e sonhos de amor.

III

Um pobre mascate, que em noites de lua
Cantava modinhas, lunduns magoados,
Amando a faceira dos olhos rasgados,
Ousou confessar-lh'o com voz timorata...
Amaste-o, mulata!
E o triste feitor
Chorava na sombra perdido de amor.

IV

Um dia encontraram na escura senzala
O catre da bella mucamba vazio:
Embalde recortam pirogas o rio,
Embalde a procuram nas sombras da matta.
Fugira a mulata,
Por quem o feitor
Se foi definhando, perdido de amor.

1870.

NEVER-MORE

IMPRESSÕES DE UMA POESIA DE MUSSET

Hontem ao ver-te, flôr! após a longa ausencia,
Scismando em não sei que, a tarde ia cahindo...
Lembrou-me o nosso amor, e a perfumada essencia
Que profanaste rindo.

Oh sim! és bella ainda! a mesma pallidez
Ennubla-te de leve o rosto de açucenas;
Teu corpo ainda conserva a doce languidez
Das bellas Madrilenas.

Teus olhos teem a luz, a mesma luz que out'rora
A vida me tornou em floreo paraiso;
O mesmo aroma tem a trança cor de amora,
Teu labio o mesmo riso...

Mas quando te ouço a fala, esvai-se meu encanto,
O sonho se anniquila e attonito estremeço!
Minh'alma, doudo amor! se alaga em triste pranto;
Mulher, não te conheço!...

Não és a mesma, não! não treme suspirosa,
Como outr'ora, creança, a tua voz tremia:
Busco embalde a illusão do sonho cor de rosa!
Tudo, tudo mentia!...

Mentia-me essa voz, e aquelle doudo anceio,
E o pranto que te vi na minha despedida!
Mentia-me essa fronte occulta no meu seio...
E eras a minha vida!

Diz'-me : se eu perguntasse um dia o que fizeste
Das santas illusões das minhas primaveras,
Das crenças que depuz n'aquelle amor celeste,
Diz'-me, que responderas?

És hoje o mausoleo sombrio, onde descansa,
Para sempre talvez, o meu doce passado!
Amanhecesse um dia a pallida esperança...
Mas... teu seio é gelado!

1859.

MIMI

Recreia-se a minh'alma se á tardinha
Na janella diviso essa innocente;
Que nunca vi olhar mais transparente,
Nem figura gentil como a vizinha!

Desce ás vezes a timida avezinha
Ao seu jardim, e afaga docemente
Da Cochinchina um gallo refulgente,
Que em seu regaço languido se aninha.

Agcita, ao ver-me, o seu vestido curto,
E, as louras tranças concertando a furto,
Fita os olhos no azul toda tristeza.

E n'esse tempo acode-me á lembrança
O já ter visto assim uma creança
N'uma gravura ideal da eschola ingleza.

SUAS MÃOS

As mãos d'essa franzina creatura
São feitas das camelias setinosas;
Resumbra na suavissima textura
O azul das tenues veias caprichosas.

Levemente compridas, graciosas,
Escurecem das teclas a brancura,
E desprezam as lindas preguiçosas
Os finos arabescos da costura.

Os dedos são de jaspe modelado;
E as unhas... só podiam as paletas
De um chinez imitar-lhes o rosado.

Se alguem as beija em curvas etiquetas,
Sente um aroma doce e delicado
Como o aroma subtil das violetas.

1870.

O MEU CACHIMBO

Beija os olhos do filho inanimado
A mãe, soltando sepulcraes lamentos:
Assim chorei, beijando esses fragmentos
Do meu louro cachimbo requeimado.

Eras, pobre cachimbo, o que restava
Do aereo sonho d'esse amor desfeito!
Embalde aperto ao magoado peito
O cofre de charão que te guardava!

Lembro-me ainda, qual se fosse agora,
De quando Helena, a timida creança,
Me deu em dia de annos por lembrança
Esse cachimbo que minh'alma chora.

Muita vez entre as ondas caprichosas
Do azulado fumo ella contava
A sua triste infancia, e desatava
Pelos hombros as tranças vaporosas;

Ou demorando na cerulea altura
Os magoados olhos, repetia
Que bem cedo talvez me deixaria
Pela sombra feral da sepultura.

Um dia fui achal-a em triste leito,
Mais tremula que um passaro ferido,
Descahia-lhe o rosto esmaecido
Sobre o marmore branco de seu peito.

E ouvi depois que em funebre ataude
Me levaram a pallida violeta,
A minha ennamorada Julieta,
A miragem da minha juventude.

E quando a noite repousava escura,
E a solidão mais fundo me doía,
Nas espiras do fumo absorto a via,
E embalava-me em sonhos de ventura.

Oh meu cachimbo, companheiro e amigo,
Que na desdita e no prazer me viste!
Com quem agora falarei da triste,
Que descansa na sombra do jazigo?

1869.

AO MEIO DIA

—

I

No cafezal cerrado
O silencio é completo: o Engenho dorme.
Do matto denso e enorme
Sae o vago sussurro dos cortiços;
Não se ouve de aves o cantar magoado,
Nem coaxa a rã nos humidos caniços.

II

O fumo das cozinhas da Fazenda,
Pennacho vacillante,
Recorta em floccos de ligeira renda
O ar sereno em seu azul distante.

III

Na torre avermelhada
Chama a sineta ao sordido repasto.
Dos escravos a turba afadigada,
Repleta de alegria,
Sob um toldo no pateo immenso e vasto
Descansa do labor do extenso dia.

IV

Entre dois ramos na suspensa rede
Dorme emtanto o feitor;
E sua alma irrequieta em sonhos vaga
Pelos paizes de um ditoso amor.

V

Sonha embebido em louca phantasia
Que á sombra do ingazeiro
De vasta ramaria
O velho fazendeiro,
Com voz grave, d'est'arte lhe dizia:
«Sinto-me velho e enfermo,
«Da vida já no termo:

«Se morro, ahi me fica ao desamparo,
«Sem irmãos, sem ninguem, sem um parente,
«A minha pobre filha,
«O thesouro do avaro.
«És honrado e valente,
«E pobre como eu fui... Ella consente,
«Podes chamar-lhe esposa...»

VI

E o feitor via, doce e carinhosa,
A pallida Sinhá,
No labio um riso honesto,
A desfolhar com peregrino gesto
Um roxo manacá.

VII

Ora os miseros negros, insensiveis
A tanto amor e a tanta poesia,
Formam-se em varios grupos: este solta
De um instrumento rispida harmonia
Ao som dos pés, que batem compassados;
Outro segue o voar dos maribondos,
Abrindo os grandes olhos esmaltados.

VIII

Este apresta a armadilha cavilloso
Para caçar as vivas capiváras;
Outro, mais diligente e industrioso,
Vai concertando um cesto de taquaras.

IX

N'um grupo separado
Os crias da Fazenda
Em doce enlevo escutam
Um franzino mestiço afortunado,
Que relata baixinho o caso extranho
De ter visto a Sinhá tomando banho.

X

Da sala da costura na janella,
Que a verde trepadeira
De cachos mil estrélla,
Passa ás vezes o rosto cobreado
Uma lasciva — parda — feiticeira.

XI

Um rancho de negritos
Luzidios e nus,
Enchendo o ar de estrepitantes gritos,
O pateo cruzam rapidos, montados
Em varas de bambús,
Alevantando nuvens de poeira
Na vertigem da celere carreira.

XII

Folgam ao vel-os os saguis ligeiros;
E as araras formosas,
Os rubros olhos com temor piscando
E as scintillantes pennas encrespando,
Já gritam buliçosas
No ebano lustroso dos poleiros.

XIII

De velhos negros n'uma vasta roda
Um cabinda gracioso,
A quem a turba toda
Com applausos incita,
Vai meneando o corpo firme e airoso,
E a voz minhota do feitor imita.

*

XIV

Este sonha no emtanto;
Mas o sonho é mais triste, pois agora
Ante seus olhos, humidos de pranto,
Merencoria visão se patenteia:
Vê da patria a campina verdejante
Onde brincára infante,
E a torre velha e esguia,
E a larga escadaria
Da velha egreja da saudosa aldeia.
Não longe do caminho
Nas sombras do arvoredo meio-occulta,
Como alvacento ninho,
A casa onde nascera alegre avulta.
Falam com elle cheias de alegria
As moças do logar;
«Oh Margarida! oh Rosa! e tu Maria!...»
E o triste a soluçar...
«Onde está minha mãe?» eil-a que passa!
Tão mudada e abatida!...
«Não vês teu filho, minha mãe querida?
Para abraçar-te de bem longe venho...»

XV

N'isto um grito solemne e imperioso
Veiu quebrar o sonho venturoso:
Era o senhor do Engenho.

1870.

A CONFESSADA

Era tão linda assim, ajoelhada,
As mãos unidas com suave gesto,
Os olhos baixos, e um sorrir modesto
De seus labios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mesto
Ella curvara a fronte delicada,
E dizia-lhe baixo e socegada
De sua vida o deslizar honesto.

Mas subito uma nuvem cor de rosa
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteoro!
E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pude ver, sombrio Lovelace,
Essa palavra — amor — em lettras de ouro
Traçadas no carmin de sua face.

TRANSFIGURAÇÃO

AO DR. JOSÉ FALCÃO

I

Era a voz de Jesus, benigna e tão suave
Como um perdão de mãe ou como um trino de ave.

II

A turba, que o cercava, ouvia-o respeitosa,
Olhando aquella fronte eburnea e luminosa.

III

Elle chamava a si, com fallas de esperanças,
O simples, o afflicto e as timidas creanças.

IV

E fallava do céo, das cousas transparentes
E de um culto ideal, ás almas innocentes.

V

Aos humildes dizia, erguendo o olhar profundo:
«O reino do Senhor não é o d'este mundo.»

VI

Ouviu-se então no povo, em extase embebido,
Um grito suffocado, um chôro dolorido.

VII

Jesus baixara a vista affavel e serena:
«Feliz, disse, o que chóra, oh doce Magdalena!»

VIII

E ella, que em vida solta, alegre e descuidosa,
Passara os dias seus, triste mulher formosa!
Sentindo aquelle olhar, que entre ella e o céo fluctua,
Nas tranças occultou a espadua semi-nua...

1870.

FIM DAS MINIATURAS

ESTUDO CRITICO

GONÇALVES CRESPO

ESTUDO CRITICO

POR

Maria Amalia Vaz de Carvalho

I

As *Miniaturas* e os *Nocturnos* são incontestavelmente, e no dizer de auctorisados criticos, dois livros, que pódem classificar-se entre as perolas mais doces, mais preciosas, mais erisadas, da moderna litteratura portugueza. Leva-me hoje um pendor irresistivel a fallar d'esses dois livros, conhecendo que o assumpto, para mim, é a um tempo muito attrahente e muito difficil.

Dir-se-ha, que não póde fallar com justiça do poeta, aquella que á sua memoria querida está ligada por tão estreitos laços; mas porque elle foi o companheiro da minha vida, o mestre e educador do meu espirito, o amigo inolvidavel cuja morte deixou orphãos os meus filhos, não terei eu direito de ajuntar a minha

voz humilde ás vozes, que no paiz em que eu nasci, e no imperio em que elle nasceu, o proclamam um dos mais delicados poetas modernos, um dos cinzeladores mais primorosos da poesia portugueza, um *parnassiano* no bom sentido da palavra, quer dizer, juntando como Coppée, mas em muito mais alto gráu do que este, a suavidade, a melodia, a correcção do metro, ao sentimento profundo, á comprehensão clara, nitida e perfeita de todos os segredos complexos da alma contemporanea?

Parece-me que seriam rigorosos de mais os que tentassem coarctar-me esse direito, e que seria demasiada docilidade da minha parte o sujeitar-me a censores tão intransigentes e tão duros.

De mais, não escrevo eu exclusivamente para ser lida por mulheres? E onde está a mulher que me condemne n'este ponto? Não ha nenhuma, tenho a certeza d'isso.

Gonçalves Crespo não escreveu senão as *Miniaturas* e os *Nocturnos*. Foram os versos da sua mocidade colligidos debaixo d'aquelle titulo, que m'o fizeram conhecer e admirar; os *Nocturnos* póde bem dizer-se que foram escriptos ao meu lado.

A obra do poeta tem pois para mim duas faces distinctas, mas para julgar as *Miniaturas* sinto-me por assim dizer mais independente e mais livre.

Esse livro foi a revelação primeira, a revelação subita que eu tive d'aquelle, que treze annos depois, quasi que dia por dia, me expirava nos braços, pronunciando o meu nome, que a sua alma angelica, tão depurada pelo soffrimento, tão sanctificada pela resignação, enchia de bençãos.

Foi em 1870 que as *Miniaturas* viram a luz pela primeira vez, revelando a Portugal todo e a todo o Brazil, que um poeta original, delicadissimo, correcto até á perfeição, que um artista de primeira plana, um verdadeiro artista de raça, acabava de nascer para a litteratura portugueza.

Foi essa uma bella era da curta vida do poeta, hontem desconhecido ainda, hoje acclamado por todos os que tinham no espirito uma scentelha de gosto, e no coração um vislumbre de sensibilidade.

Sobre a banca de trabalho de todas as mulheres distinctas, entre o cestinho de bordado, e a jarra de violetas ou de rosas, achava-se então o gracioso volume das *Miniaturas*, e muita voz feminina tremula de commoção, e muita voz de artista, ebrio da belleza da fórma, repetia com enlevo essa doce elegia adoravelmente sentida, que se chama *Alguem*, esse poema de inconsolada e vaga tristeza, que se intitula: *Arrependida*, e a *Noiva*, e o ramo de saudades e de lyrios entretecido sobre o tumulo de *Modesta* e a esplendida *Nera*, e a esculptural e voluptuosa *Sara*, e a ineffavel e consoladora *Transfiguração*.

Quantos aspectos do mesmo talento! quantas fórmas da mesma phantasia seductora! quantas expansões da mesma sensibilidade fina, subtil, quasi doentia, de requintada que era!

Muito longe do poeta, em um palacio meio arruinado, afastada de todo o convivio social, entre as verduras, as sombras, as caricias inspiradoras da Natureza inculta, vivia então uma creança de alma ardente, de sonhadora phantasia, de indomito imaginar, vizionaria juvenil, de que hoje — taes são as modi-

ficações que o tempo faz! — existe apenas, alterado ainda assim pelos annos e pelas agonias, o corpo envelhecido cuja mão escreve estas linhas.

Muitos teem contado essa historia a que a Morte veiu dar o seu tragico remate. Para que alludir a ella aqui? E que importam ao mundo as alegrias e as lagrimas que elle não sentiu e não chorou?

A verdade é que hei de lembrar-me sempre, tão viva se me conserva no espirito essa impressão dominadora, do que eu senti ao folhear pela primeira vez as *Miniaturas*, livro de um poeta para mim inteiramente desconhecido havia algumas horas apenas.

Pareceu-me que era um poeta como aquelle, que eu positivamente tinha esperado havia muito, e que elle chegára; que a minha aspiração indefinida e vaga se tinha realisado. Mais contentamento do que surpreza. A doçura dos que alcançam a praia que tinham desejado em longos dias de navegação monotona.

Porque tardaste tanto, ó poeta? Eu te esperava
Na minha solidão!

faz elle dizer mais tarde á creança, que eu já fui, exprimindo assim na sua simplicidade tão artistica o sentimento de confiante alegria que a minha alma experimentára ao conhecel-o.

Pois bem; esse agudo prazer da intelligencia, completamente, absolutamente satisfeita, no goso d'uma determinada obra d'arte, sinto-o eu hoje como no primeiro dia ao ler as *Miniaturas*.

O talento de Gonçalves Crespo soffreu com a idade, com as mudanças que se deram no seu destino, com a acção tão complexa e tão profunda que a Vida exerce em todos nós, transformações importantes e progressivas; no emtanto para mim, e para muitos dos amigos dilectos do poeta, a mais encantadora, a mais perfumada efflorescencia do seu espirito raro, será sempre aquelle livro juvenil.

Muito mais pessoal que os *Nocturnos*, o volume das *Miniaturas* lança uma luz mysteriosa e dulcissima sobre a figura singular, um pouco extranha, que foi Gonçalves Crespo.

Muito ao contrario do que geralmente succede, este artista, tão nervoso e vibratil, teve a primavera da vida nublada por todas as sombras e o estio, de que a morte desfolhou as ultimas rosas, illuminado por todas as suaves e tranquillas alegrias, que a vida póde conceder áquelles que mais ama e a quem mais cedo tenciona abandonar.

É por isso que os *Nocturnos*, de uma belleza de fórma incomparavel, tocados ás vezes por um largo sôpro de epopeia, não teem senão a espaços, a musica dolente, tão enternecida e languida, tão acariciadôra das almas tristes, que se prolonga e vibra em longos echos melancolicos nas paginas das *Miniaturas*.

Veja-se por exemplo *Alguem*, uma das peças que mais sympathias conquistaram ao nome do poeta:

> Para alguem sou o lyrio entre os abrolhos,
> E tenho as formas ideaes do Christo;
> Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,
> E se na terra existe é porque existo!

Esse alguem que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz.
Não ès tu, anjo meu, idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
Melancolico, triste e fatigado,
Esse alguem abre as azas no meu leito,
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam bençãos de Deus, sobre a que chora
Por mim, além dos mares! Esse alguem
É de meus dias a esplendente aurora.
És tu, dôce velhinha, ó minha mãe!...

N'estas quatro estrophes está retratada uma alma, estão contadas as tristezas d'um destino, que mercê de Deus, se desannuviou mais tarde, mas no qual então se condensavam todas as melancolias inconsolaveis, todas as duvidas sombrias, todas as amargas e silenciosas agonias da isolação.

Nem a mulher que elle ama, nos passageiros caprichos da mocidade, nem os amigos que o cercam, lhe matam a sêde de affectos que o devora e tortura, a mãe, a *dôce velhinha*, essa está longe, essa chora além dos mares, essa nem o vê, nem o acaricia, nem dissolve ao fogo dos seus beijos os gêlos da duvida, que tão cêdo crestaram todas as flores da mocidade na alma de Gonçalves Crespo.

Nunca houve ninguem mais modesto, mais inconsciente do proprio valor, mais desconfiado de si mes-

mo, mais dolorosamente torturado pela ideia das suas imperfeições reaes ou imaginarias.

Os requintados supplicios de que esta desconfiança foi origem, manifestam-se bem mais nas *Miniaturas* do que no ultimo volume do poeta; por isso n'ellas a nota pessoal é mais vibrante, a commoção, por ser mais sincera, é mais directa e mais contagiosa.

Como documento psychologico para auxiliar a critica do poeta e do artista, as *Miniaturas* são de um valor incomparavel.

II

A poesia de Gonçalves Crespo tinha origens complexas que é mister analysar, para comprehender completamente a belleza e a sinceridade palpitante da sua obra.

Nascido no Brazil, n'esse clima ardente e languido, no seio d'essa natureza exhuberante, que muito mais forte do que o homem, se lhe impõe e o subjuga fatal e irresistivelmente, Gonçalves Crespo foi transplantado,—pobre e delicada planta friorenta e morbida,—para uma região a que nunca se poude acclimar bem.

D'aqui, a doçura nostalgica, a saudade soluçante, que parece evolar-se como um aroma capitoso das suas poesias *brazileiras* taes como a *Sésta*, *Na Roça*, a *Canção*, *Ao meio dia*, e mais tarde nos *Nocturnos*, as *Velhas Negras*, etc., etc.

Nem Gonçalves Dias, nem Alvares de Azevedo, nem Casimiro de Abreu, se deixaram assim inspirar, tão sincera e vivamente, pelas scenas familiares da

*

vida brazileira, cuja graça pittoresca e especial dá um cunho inteiramente novo aos versos de Gonçalves Crespo.

É que o poeta tinha saudade — uma saudade que lhe estava no sangue, que era parte do seu temperamento, saudade que era um instincto contra o qual elle luctava em vão — de todos os esplendidos aspectos com que os seus olhos, ao abrirem-se á luz, se tinham inconscientemente embriagado.

Um dia de agosto, tropicalmente calmoso, passado no campo, á sombra das arvores, dava-lhe uma excitação penetrante, envolvia-o n'um banho de sensações voluptuosas. Sem mesmo dar por isso, era a lembrança tão viva e tão dominadôra da patria longinqua, que produzia em todo o seu sêr este effeito anormal.

É isto ainda que se traduz na melancolia sonhadora e vaga, d'esse pequeno poema, em que eu já fallei, intitulado as *Velhas Negras*.

Conheceram tanto dono!...
Embalaram tanto somno
De tanta sinhá gentil!...

Pódem as tristezas mudas d'uma raça escrava ser notadas com uma subtileza maior, com uma doçura mais ideal!...

A simplicidade que dá estes effeitos é que é a grande arte.

Ao longe, evocados magicamente pela voz do poeta, surgem os brutaes senhores, para quem as tristes filhas da raça negra foram o joguete d'um instante, a

distracção d'uma hora de tedio ou de preguiça, e ellas, inconscientes, vagamente assombradas, tendo o pasmo silencioso d'um destino extranho, a angustia sem expressão e sem formula d'uma esmagadora injustiça, passaram de mão em mão, cumprindo o seu cruel fadario, e embalando de vez em quando nos braços emmagrecidos ou vergastados pelo azorrague do feitor, uma creança loura, rosada e *branca* que lhes sorria, dando-lhes n'esse sorriso a indefinida revellação de alguma cousa de superior, de caricioso, de celeste!...

Só n'um coração de filho, e de filho saudoso, de filho amantissimo, pódem retratar-se, tão vivamente illuminados, pódem destacar-se com tão magistral relevo, scenas entrevistas um dia, nas horas da imprevidente e distrahida infancia.

E a *Sésta*? Qual é a leitora que não ficou sabendo a *Sésta* de cór:

Na rêde, que um negro moroso balança,
Qual berço de espumas,
Formosa creoula repousa e dormita.
Emquanto a mucamba nos ares agita
Um leque de plumas.

Na rêde perpassam as tremulas sombras
Dos altos bambús;
E dorme a creoula de manso embalada,
Pendidos os braços da rêde nevada
Mimosos, e nús.

....

....

O vento que passe tranquillo, de leve,
Nas folhas do engá;
As aves que abafem seu canto sentido;
As rodas do engenho não façam ruido,
Que dorme a Sinhá.

Não se vê bem que este languido rythmo, que a vaga suavidade d'estes versos, parecem feitos para acompanhar o movimento cadenciado e lento da rêde, e embalar o sonho de alguma filha gentil d'esse paiz, em que o clima dá ao corpo as preguiças infinitas, e a natureza luxuosa e desbordante dá ao espirito a mollesa, o cançaço fatal d'uma permanente lucta, na qual o homem é sempre vencido pela força inconsciente das cousas?...

Em Gonçalves Crespo havia pois a indolencia atavica, que elle só por extraordinario e doloroso esforço era capaz de vencer temporariamente. Por isso, emquanto as circumstancias excepcionalmente favoraveis lhe não amenizaram a existencia, elle viveu sempre em absoluto desaccordo com o seu meio.

A *lucta pela vida*, essa lei brutal das sociedades modernas, esmagava-o, a elle, filho preguiçoso dos tropicos, artista quasi feminino, pela graça delicada e fragil do engenho, pela caprichosa subtileza da inspiração.

E digo muito de proposito *inspiração*, apesar da palavra andar proscripta dos modernos codigos artisticos.

Gonçalves Crespo trabalhava minuciosamente, como o mais esmerado operario, a factura dos seus versos, mas necessitava d'essa influencia qualquer, su-

perior e extranha, que póde vir ao artista do seu mundo intimo, ou do mundo que o rodeia, que póde ser determinada pelo estado especial dos seus nervos, ou que póde provir de mil causas externas e independentes da sua vontade.

III

Quando elle escreveu as *Miniaturas,* dando-nos nas confidencias talvez involuntarias da sua alma, a revellação d'um artista adoravel, duas grandes tristezas o opprimiam, tristezas que elle, seguindo talvez sem dar por isso, o fecundo conselho de Gœthe, transformou em poesia, que será lida emquanto se fallar e se escrever portuguez.

Eram-lhe hostis o meio physico e a atmosphera moral em que elle vivia.

Para ser grande na Arte, creio eu, que é preciso antes de tudo, ser sincero. Nunca ninguem logrou traduzir bem as dôres que não sentiu.

Brutalidades inconscientes do Destino tinham feito d'este moço, — de uma organisação nervosa como a d'uma mulher, accessivel, como os organismos mais sensiveis, á influencia de todas as sympathias, gostando de agradar aos que viviam perto d'elle, impressionavel, desconfiado, sempre prompto a julgar-se com severidade injusta, — um estudante pessimo, um filho familia, quasi rebelde.

Queriam que elle, a livre phantasia graciosa e borboleteadora, caprichosa, e facil aos cançaços rapidos e aos tedios annulladores, se cingisse ao estudo arido

e disciplinador da mathematica; que elle, exigente, doido por tudo quanto era bello, elegante, fino e distincto, tivesse a economia calculista e minuciosa d'um mediocre ou d'um grosseiro.

D'aqui, as luctas de familia, os descontentamentos do homem intelligente, que se vê injustamente julgado porque lhe prevertem as faculdades em vez de as aproveitarem.

Triste, isolado, sem affectos, descontente de si que não sabia sujeitar-se ao destino, e descontente com o destino que tão hostil lhe estava sendo, Gonçalves Crespo surprehendeu-se um dia a vazar no molde perfeito dos seus versos, as melancolias intraduziveis até ali, do seu pobre coração triturado e desconhecido.

Teixeira de Queiroz o consciencioso analysta dos *Noivos*, o ironico observador de *Sallustio Nogueira*, o pintor pinttoresco e impressionista da *Comedia do Campo*, escreveu na terceira edição das *Miniaturas* um prologo admiravel, um prologo por assim dizer *vivido*, que desenha com singular vigor e com exactidão minuciosa a physionomia litteraria e moral de Gonçalves Crespo.

Elle que foi um amigo da mocidade e um amigo da ultima hora, que recebeu as primeiras expansões do poeta e quasi que o ultimo suspiro do moribundo, comprehendeu bem e soube bem traduzir, a estranha dualidade moral que fazia de Gonçalves Crespo o mais alegre e o mais triste dos homens.

Porque muitos dos amigos d'elle, hão de morrer na falsa persuasão de que o lado menos verdadeiro do auctor das *Miniaturas* era a tristeza funda, a magoa docemente resignada, que nas suas poesias trans-

luzem. Tinham-no por um alegre, um doidivanas de phantasia picaresca e de imprevistas aventuras; formavam-lhe em volta do nome, sympathico a toda a mocidade do seu tempo de Coimbra, como depois se tornou sympathico a todas as classes sociaes de Lisbôa, uma lenda de bohemia extravagante, de ruidosa e turbulenta alegria.

Poucos o conheceram; poucos viram atravez da ironia bondosa e sympathica do seu sorriso, da bonhomia um tanto sceptica da sua palavra vivamente e pittorescamente original, o verdadeiro homem que elle era.

A mocidade corrêra-lhe tão desflorida e tão triste, que nem os dez annos de tranquilla felicidade, de paz serena e dôce, toda illuminada de affectos intimos, lograram cicatrizar feridas que se lhe tinham rasgado no coração. E que ha mais triste, mais desolador para as almas grandes do que passarem n'este deserto de homens chamado o mundo, mal julgadas, mal comprehendidas, mal interpretadas, tendo a consciencia de que ninguem cura das suas dôres, ou se preoccupa com os seus intimos e irremediaveis desconsolos!

As cartas do auctor das *Miniaturas*, as suas cartas inimitaveis e incomparaveis, porque não conheci nunca quem escrevesse cartas mais perfeitas — perfeitas de graça, de simplicidade, de desleixo artistico—revelam-n-o preza de melancolias incuraveis e extranhas.

Tinha preoccupações e infantilidades de artista. Nunca chegou a perceber a seducção irresistivel que exercia nos que o aproximavam; nunca comprehendeu que tinha, como poucos, o dom da sympathia subita que se impõe, que domina e que vence. Se lh'o

diziam sorria-se, com o seu sorriso peculiar de que todos os amigos se lembram com uma saudade enorme, feito de malicia e de duvida, de bondade e de ironia, sorriso que era o encanto caracteristico e mysterioso d'aquelle rosto revolto, expressivo e extranho, que tantos affectos inspirou na terra, que ficou gravado em tantos corações que não esquecem.

Esta duvida de si mesmo fazia-o soffrer. Nunca se consolou de pensar de si proprio o que ninguem mais pensava.

Encantadora fraqueza que o torna ainda mais nosso, que faz com que nós as mulheres todas o amêmos, porque se não dedignou de partilhar as nossas pequenas vaidades, as nossas imperfeiçõesinhas organicas para as quaes o homem tem tamanho e tão altivo desdem!

IV

Tristezas quasi inconscientes do exilio, nostalgias de ave friorenta, vizões vagas, indistinctas, radiosas da patria ausente; desgostos de ordem muito particular, e a pairar sobre tudo isto, uma impressão dolorosa, indefinivel, que nem aos mais queridos elle confessava, mas que ungia de tristeza ineffavel os seus versos, que punha aqui e ali uma nota abafada e dilacerante na harmonia magistral da sua obra, eis a triplice inspiração, que deu uma vida intensa ao seu primeiro livro, ao livro da sua mocidade que tão querido lhe tornou logo o nome aos delicados de ambos os sexos.

As *Miniaturas* teem já dezesete annos, o que é

muito para um livro de versos d'este seculo, que fez da rapidez o seu programma e o seu mote, que não estaciona em cousa alguma e muito menos no modo de exprimir o que sente.

Pois apezar de muitos poetas contemporaneos de Gonçalves Crespo terem envelhecido litterariamente, a geração que principia agora, lê as *Miniaturas* com o mesmo enlêvo com que as leu a geração que vae envelhecendo já.

É que a verdadeira poesia, a que não se filia servilmente em uma qualquer escola transitoria e ephemera, mas a que exprime do modo mais bello e perfeito que é dado á sua epoca conhecer, os sentimentos que formam o fundo inalteravel da alma humana, não envelhece nunca, atravessa os tempos immaculada e eterna; é hoje o que será sempre, a fascinadora que nos enfeitiça, a amiga cariciosa que nos embala, a confidente que nos ouve, e que chora comnosco...

Muitos teem comparado Gonçalves Crespo a Theophile Gauthier; eu por mim declaro que acho injusta a comparação.

Theophile Gauthier é um perfeito ourives, um impeccavel burilador; cada verso d'elle é uma pedra preciosa, facetada, brilhante, admiravelmente engastada em ouro dos mais finos quilates.

Para dar uma forma peregrina aos metaes preciosos, para esmaltar deliciosamente as joias mais lindamente modeladas ninguem excede o auctor dos *Emaux et Camées*. Elle proprio o sabia e nunca desejou mais nada.

Em Gonçalves Crespo porém, havia mais do que isto. Havia uma alma transbordante de sentir, capaz

de comprehender e de traduzir os mais delicados cambiantes, as mais rapidas modalidades das outras almas.

Que intuição que elle tinha de todas as dôres, mesmo das mais extranhas ao espirito e ao coração d'um homem!...

Lembram-se d'aquella perola de tristeza chamada *Arrependida?*

Ella deixára tudo para correr atraz da sua chimera e um dia desperta perdida, irremissivelmente perdida no abysmo de infamia a que uma mão de homem a arrastou:

> Ella scisma ao luar! Todo o passado
> A seus olhos avulta, illuminado
> Pelos dubios reflexos da tristeza...
>
> Por uma noite assim, limpida e clara,
> Sua modesta alcôva ella deixára
> Por esse que ali dorme, e que a... despresa!

Que sobriedade de mestre! que melancolia feminina! que profunda comprehensão d'uma dôr, que todo o emphase, toda a phrase diminuiriam forçosamente!

Tentar conhecer o céu do amor completo, do amor heroico, do amor feito de sacrificios superiores e de abnegações infinitas e cahir no lodo... Só um poeta sincero como Gonçalves Crespo saberia notar em dois traços esta agonia silenciosa e sem termo...

O que distingue particularmente o auctor dos *Nocturnos* dos outros poetas da sua indole, é a ligeireza do traço, é o vago que parece envolver n'uma luz ce-

rulea e dubia, n'um vapor transparente e comparavel ao que á tarde envolve e esbate suavemente as montanhas, as suas concepções mais perfeitas.

Não é possivel que ao lêl'o a imaginação se detenha apenas na pagina do livro e o não siga ás regiões de que elle tinha como ninguem a iniciação e o segredo.

Privilegiados entre todos, os poetas que fazem sonhar; os que teem na mão a chave de oiro, do paiz azul habitado pela Chymera!

V

Os *Nocturnos* pertencem a uma phase inteiramente diversa, mais pacificada, mais tranquilla, mais perfeita, da vida do homem e da vida do escriptor.

Sem ter perdido nenhuma das suas qualidades de graça delicada e mimosa, nenhuma das subtilezas finissimas do sentimento e da expressão, nenhuma d'aquellas notas dolentes da alma creoula, que tão singular e tão fascinador o tornam para nós, Gonçalves Crespo attinge por vezes a amplidão magestosa e grave, tem o largo folego heroico, que nas *Miniaturas* ainda se não pressente.

Na evolução progressiva do seu genio poetico, elle subiu mais um gráu.

Nenhum segredo da forma lhe é defezo. Conquistou, venceu, domou inteiramente a caprichosa, que já não ousa como a Galatheia do poeta latino sumir-se entre os salgueiros acenando-lhe de longe.

A *Morte de D. Quixote* a *Resposta do Inquisidor,*

as *Primeiras lagrimas d'El-Rei*, a *Ceia de Tiberio*, prenunciam um poeta feito para os largos commettimentos, um poeta que marcaria o seu logar n'este seculo, com algumas d'essas obras que são a gloria d'uma raça, se a traiçoeira morte não viesse em plena virilidade de annos, em plena alegria de trabalho, arrancar-lhe das mãos a penna prodigiosa.

As traducções de Henrique Heine são no volume dos *Nocturnos* das joias mais deliciosamente trabalhadas.

A inspiração meridional entrelaça-se de tal modo com a melancolia fugitiva e doce, com a ironica tristeza da musa germanica, que no dizer de entendidos, o *Intermezzo* apparece ali como a obra d'um Heine mais completo, d'um Heine a quem não faltasse uma só nota na sua vasta alma de homem!

Poucos espiritos tambem seriam talhados mais de molde para entenderem Heine, dando-lhe por assim dizer uma feição nossa.

É que a ironia que resalta naturalmente das cousas, a ironia que não é nem uma blasphemia nem um soluço, mas sim o reconhecimento pacifico, tranquillo e triste das desconsoladoras verdades humanas existe em Gonçalves Crespo na sua forma mais exquisitamente delicada, mais requintadamente artistica.

Como não havia elle pois de entender aquillo que é a propria essencia do genio do poeta allemão!

VI

Já no leito, onde agonisou com divina resignação dois longos mezes, e onde parece que o seu espirito de poeta assumiu uma forma ainda mais idealmente melancolica, Gonçalves Crespo escreveu com a mão tremula de doente um soneto consagrado aos annos d'uma gentil senhora, nossa querida amiga, por quem elle tinha o mais respeitoso dos affectos, em cuja casa hospitaleira elle encontrou sempre um acolhimento fraternal.

Essa senhora era a Condessa de Sabugosa, mulher do amigo, talvez mais ternamente amado por Gonçalves Crespo.

Seria lastima conservar para sempre inedito este soneto que tem para mim um triplo encanto. O perfume *camoneano* que o impregna deliciosamente, a tristesa dulcissima, que elle respira, e a melancolica circumstancia de ser o ultimo que cahio, como uma perola solta, da lyra quasi partida do poeta moribundo.

Eis o soneto:

Na quadra azul da mocidade, a gente
Parte rindo e cantando, estrada fóra,
Gorgeia a cotovia em cada aurora,
Suspira á noite o rouxinol dolente.

Ai! Ditoso o que parte alegremente.
O que não vio approximar-se a hora
Em que é força volver atraz... embora
Nos arfe o seio de illusões fremente.

Para ti ainda existe o sonho alado,
A fé robusta, e a candida alegria
Que nos chovem do céu claro e estrellado.

Nunca sejas forçada, flôr, um dia
A erguer, chorando, o braço fatigado
Em busca da ventura fugidia...
. . . .
. . . .

A Morte não consentiu que elle subisse onde podia subir, que elle se affirmasse como se poderia ter affirmado. No emtanto todos os que teem este sexto sentido divino pelo qual, mesmo apezar dos desenganos que a vida encerra, vale a pena em todo o caso ter vivido, hão-de ler com intimo prazer os dois volumes do encantador poeta de *Alguem*.

É verdade que elle não respondeu a todas as interrogações que o nosso espirito se achou no direito de fazer-lhe, mas não respondeu porque o tempo lhe não deixou cumprir as mil promessas que a sua mocidade nos fizera.

E hoje que elle partiu para o paiz mysterioso d'onde ninguem voltou, e para onde na tristeza, ou na alegria, convergem os nossos olhares anciosamente perscrutadores, voam as nossas saudades n'um impeto de lagrimas, eu releio aquella soberba e indecifravel *Sara* e pergunto a mim mesma, se debaixo da forma esculpturalmente pagã dos versos, se não abriga um sentido occulto, um mysterioso symbolo.

Que ardente espiritualismo, tenaz e apaixonado, na carnalidade apparente d'esse poema!

Quanta dôr, n'aquella aspiração sempre trahida de encontrar uma alma, no bello corpo insensivel que elle, como Pygmalião quereria animar d'um divino sopro!

Na sua violenta sêde de perfeição, dolorosa e alanceadôra como poucas, nunca o poeta das *Miniaturas* e dos *Nocturnos* teve o contentamento da sua obra! Nunca achou que a Musa que elle beijava tivesse a vida e fogo sagrado, que n'esse beijo fecundador a sua alma anceava communicar-lhe.

Era um insaciavel!

Nunca a Arte nem a Vida o contentaram, a elle que teve todas as caricias luminosas da Arte, e todos os affectos são que a Vida póde dar e que a Vida só dá a rarissimos dos seus escolhidos.

Mas não estará n'esse eterno descontentamento, n'essa inspiração incansavel ao desconhecido o signal mais caracteristico da sua grandeza?... Eu pelo menos creio que sim.

NOCTURNOS

Á minha mulher

Maria Amalia Vaz de Carvalho

A ti, ó boa e rara e fiel amiga,
A mais sancta e a melhor das companheiras,
A ti, ó flôr mimosa e alma antiga,
— Doce Premio que ris ao meu cançaço —
A ti, ó meu Conselho, estas ligeiras
Folhas que ponho a medo em teu regaço.

CONFIDENZA

Perguntaste-me um dia a vida que eu levava,
Mimosa e eburnea flôr,
Em antes de te vêr; respondo-te: sonhava...
Ouviste, meu amôr?

Não era bem sonhar: ás vezes largo espaço
Ficava-me a sorrir
Para os quadros que eu via em luminoso traço
Nas télas do porvir.

Presta-me o ouvido, attento, escuta-me, querida,
Os que me lembram mais:
Assim, fita nos meus, ó pomba estremecida,
Os olhos teus leaes!

Olha este quadro e vê: o campo alegre e franco,
Uma aurora de abril:
Da larga estrada á beira um campanario branco.
O céu profundo anil.

De uma casa á janella uma creança loura,
Loura como um trigal:
Fiando á luz do sol que leve a sobredoura
De aureola ideal.

Toda risos e festa a doce creatura
Olhava para mim,
E eu repetia a sós: «alcanço-te, ventura!
Serei feliz emfim!»

De um outro quadro então recordo-me saudoso,
E alongo os olhos meus
Para o quadro gentil, o sonho mais gracioso,
Que me cahiu dos céus!

Fica ao longe da vil poeira das cidades
E do seu vão rumôr,
O palacio esquecido; ás horas das trindades,
Entremos n'elle, flôr!

Deixemos os jardins, as aleas, o arvoredo,
E o oloroso pomar;
Subamos essa escada; agora, a furto e a medo,
Comecemos a olhar.

É vetusto o salão; em flaccida poltrona
Repoisa e scisma alguem:
Alguem que nos recorda a imagem da Madona,
Grave e sizuda mãe.

D'esse alguem no regaço um anjo se reclina
Confiado e feliz,
Sáe-lhe um arôma subtil da bôcca pequenina,
Falla, não sei que diz.

É casta essa creança e pura entre as mais puras,
Que em sonhos vi jámais;
Tem o vago esplendôr das biblicas figuras
Dos antigos missaes.

É moça e é menina: olhar nenhum ainda
De leve a maculou.
Dorme no seio d'ella o amôr, a crença infinda
Que Deus lhe confiou.

Quando ella abre, sorrindo, as palpebras franjadas,
Ficamos a pensar
Nos mysterios do céu, nas cousas ignoradas
Que descobre esse olhar.

Deixa que eu me ajoelhe extasiado e mudo,
Cego de tanta luz,
E que tremulo beije o tépido veludo
De seus pésinhos nús!

E não córa, bem vês, a candida creança!
Antes meiga sorri,
E entre risos me diz, compondo a escura trança:
«Pensava agora em ti!

«Porque tardaste tanto, ó poeta? eu te esperava
«Na minha solidão!
«Vem os segredos vêr que para ti guardava
«Dentro do coração!»

Concertáe vossa orchestra, harmonicas espheras,
No célico esplendor!
Maria, essa creança, ó flôr das primaveras,
Eras tu, meu amôr!

———

O VELHINHO

A. J. CESAR MACHADO

Aquelle que ali vae triste e cançado
E mais tremente que os juncaes do brejo,
Foi outrora o mais bello e o mais amado
Entre os moços do antigo logarejo.

Nas fitas d'esse labio desmaiado
Quantas mulheres tremulas de pejo
Não sorveram os néctares do beijo
Dos trigaes sobre o leito perfumado!

Hoje é velhinho, e falla dos francezes
Aos rapazes da eschola, e ás raparigas
Que não cançam de ouvil-o... As mais das vezes

Sobre a ponte, sósinho, ouve as cantigas
Das que lavam no rio, e o olhar extende
Ao sol que ao longe na agonia esplende...

ANIMAL BRAVIO

A M^elle EUGENIA VIZEU

Preferiras um ramo caprichoso
De escolha rara e de um concerto fino,
Onde visses o cácto purpurino
E os nevados jardins do Tormentoso.

Em vez do ramo exotico e oloroso,
Casto recreio d'esse olhar divino,
Acceita, Eugenia, este animal felino,
Que o meu braço subjuga vigoroso.

Tive artes de o amansar: eil-o sereno!
Acode á minha voz, e ao meu aceno
Como um jaguar á voz de um saltimbanco...

Vamos, sonêto! a prumo! ajoelhe, présto!
E á doce Eugenia, do sorriso honesto,
A fimbria oscule do vestido branco!

AD AGROS

Não tardes, flôr; a aldeia nos espera,
Chovem arômas dos folhudos ramos:
Suspensa do meu braço, eia! partamos!
Olha-nos Deus da crystallina esphera.

Nas manhãs da passada primavera
Com que delicia ethérea nos amámos!
Iremos vêr os nomes que traçámos
No rude tronco em que se enlaça a hera.

Não tardes, meu amôr, sei de um caminho,
Que sobe a encosta, e vae direito ao moinho,
Em cujas vélas bate o vento em cheio...

Seguir-nos-hão as aves namoradas,
Que ao som das tuas infantis risadas
Modularão seu tremulo gorgeio...

A NUVEM

DE TH. GAUTIER

As roupas deslaçando, entra no banho
A languida sultana enamorada:
Livre do pente, os hombros nús lhe beija
A longa e fina trança desatada.

Atraz dos vidros o sultão a espreita;
E comsigo murmura: «como é bella!
«Ninguem a vê, ninguem! o negro eunucho
«Do harem na tôrre solitario vela!»

— Eu a vejo, uma nuvem lhe responde
Do sereno e alto azul illuminado:
— Vejo-lhe os seios nús, vejo-lhe o dorso,
— E o seu corpo de perolas colmado —

Fez-se pallido Ahmehd bem como a lua,
E erguendo o seu kandjar de folha rara,
Desce, e apunhala a nua favorita...
Quanto á nuvem... no azul se dissipára...

---

*

O JURAMENTO DO ARABE

A TEIXEIRA DE QUEIROZ

Baçús, mulher de Alí, pastôra de camêlas,
Viu de noute, ao fulgor das rútilas estrellas,
Wail, chefe minaz de barbara pujança,
Matar-lhe um animal. Baçús jurou vingança;
Corre, célera vôa, entra na tenda e conta
A um hospede de Ali a grave e inulta affronta.

«Baçús, disse tranquillo o hospede gentil,
«Vingar-te-hei com meu braço, eu matarei Wail.»

Disse e cumpriu.

Foi esta a causa verdadeira
Da guerra pertinaz, horrivel, carniceira
Que as tribus dividiu. Na lucta fratricida
Omar, filho de Amrú, perdêra o alento e a vida.

Amrú que lanças mil aos rudes prélios leva,
E que em sangue inimigo, irado, os odios céva,
Incansavel procura, e é sempre embalde, o vil
Matador de seu filho, o trêdo Muhalhil.

Uma noite, na tenda, a um moço prisioneiro,
Recem-colhido em campo, o indomito guerreiro
Fallou severo assim:
«Escravo, attende, e escuta:
«Aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta,
«Em que vive o traidôr Muhalhil, dize a verdade;
«Dá-me que o alcance vivo, e é tua a liberdade!»

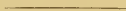
E o moço perguntou:
«É por Allah que o juras?»

— Juro, o chefe tornou —
«Sou o homem que procuras!
«Muhalhil é o meu nome, eu fui que espedacei
«A lança de teu filho, e aos pés o subjuguei!

E intrépido fitava o attonito inimigo.

Amrú volveu: — És livre, Allah seja comtigo!

NUM LEQUE

Amar e ser amado, que ventura!
Não amar, sendo amado, é um triste horrôr:
Mas na vida ha uma noite mais escura,
É amar alguem que não nos tenha amôr!

OLHOS DE JUDIA

No transparente olhar das virgens da Allemanha
Nada um fluido subtil tam pleno de scismar,
Que a gente cuida ouvir uma sonata extranha
N'um castello do Rheno em noites de luar.

Flôr do Guadalquivir, gloria da ardente Hespanha,
Se dardejas, sorrindo, um teu lascivo olhar,
O crespo, o encapellado e procelloso mar
Dos desejos febris o coração nos banha.

Nos teus olhos porém venusta semi-deia,
Como nas mutações de um rapido scenario,
Desdobram-se ante mim paizagens da Judeia...

Vejo o louro Jesus vagueando solitario,
Vejo-o no Horto a chorar, ouço-lhe a voz na Ceia
E escuto-lhe o gemido extremo no Calvario.

H. HEINE

NUMEROS DO INTERMEZZO

A Melle Louise de Almeida e Albuquerque

I

Rosas e lirios, pombas, sol radiante,
Tudo isso outrora, no fugaz passado,
Eu adorei constante.

E d'esse amôr, que tive immaculado
Por lirios e aves e subtis perfumes,
Nem já me lembro, seductôra amante,
Fonte pura de amôr, que em ti resumes
A rosa, o lirio, a pomba e o sol radiante!

II

De um lirio branco no mimoso calix
Se eu a fosse depôr
A vaga essencia de meu peito, em breve
Escutáras no calice de neve
Uma canção de amôr.

Canção divina relembrando as ancias,
E o languido tremôr
D'aquelle beijo, em noite mysteriosa,
Que me deram teus labios côr de rosa,
Meu doce e casto amôr!

III

Á luz viva do claro sol radioso
O lóto inclina a fronte esmaecida,
E espera a noite pensativo e ancioso,

Rompe a lua, e derrama a luz querida
Na corolla mimosa
Da pobre flôr que se abre enlanguecida.
Pobre flòr amorosa!

Olhando o céu e a lua até parece
Que, em desmaios de amôr,
Treme, palpita, córa e desfallece

A scismadora e enamorada flôr!

IV

Sobre os olhos formosos
Da minha doce amada
Rimei canções que os astros decoraram;
E embalsamei-lhe a bôcca perfumada
Em tercêtos graciosos.
Innumeras estancias decantaram
Seu rôsto peregrino
Que os jaspeados lirios escurece.
Que sonêto divino
Eu rendilhára com subtis lavôres
Sobre o seu coração... se ella o tivesse!

V

Pozeram-te no rôsto o aéreo véu nupcial.
Bem sei que te perdi, mas não te quero mal.

Brilham do teu collar as pedras luminosas,
Mas no teu coração que noites luctuosas!

Em sonhos eu desci, ó misera mulher,
Ás sombras da tua alma, e vi-te o padecer...

Bem sei que te perdi, ó minha doce amada,
Mas não te quero mal; és muito desgraçada...

VI

Bem sei que a tua vida é sem ventura;
É-nos commum esta funérea sorte.
Cáe sobre nós a mesma noite escura,
E isto não finda sem que chegue a morte.

Se vejo n'esse olhar um rir travêsso,
E em teu labio a insolencia costumada,
E o orgulho inflar teu coração... padeço,
E murmuro: «és como eu, tam desgraçada!»

Bem sei que ris, mas o teu labio treme:
Nos teus olhos azues o pranto brilha:
Tens orgulho, e essa voz suspira e geme...
Como nós somos desgraçados, filha!

———

*

VII

Se as flôres do balsedo
Podessem ver meu peito alanceado,
Como allivio ao meu aspero degredo,
Mandar-me-hiam, das moitas do balsedo,
De seus prantos o balsamo sagrado.

Se os rouxinoes da floresta
Soubessem quanta dôr me rasga o seio,
Para espancar a minha noite mésta,
Mandar-me-hiam, das sombras da floresta,
O seu mais terno e encantadôr gorgeio.

Se as estrellas do espaço
Soubessem tudo quanto soffro em vida,
Para embalar d'esta alma o vil cançaço,
Mandar-me-hiam, dos concavos do espaço,
Uma doce palavra condoída.

E essa que sabe tudo,
O inferno e o horror da minha mocidade,
É a dona das tranças de veludo,
E das unhas rosadas... sabe tudo
E apunhála-me a vida sem piedade!

VIII

Não me sabes dizer, ó minha amada,
O motivo, a razão
Porque pendem a face desmaiada
As rosas para o chão ?

Não me sabes dizer porque, no meio
Do vasto prado em flôr,
Das violetas cáe no roxo seio
Um véu de lucto e dôr?

Diz'-me porque ouço a voz das cotovias
Hoje lugubre assim?
E porque exhalam mortes e agonias
As urnas do jasmim?

Porque motivo o sol tam claro e puro
De crepes se vestiu?
Porque um sinistro pezadelo escuro
Sobre a terra cahiu?

Bem sei eu porque vejo tudo triste
Sem luz e sem calôr...
É que tu, pomba branca, me fugiste
Meu amôr, meu amôr!

IX

Disseram-te de mim feios horrôres,
De imaginarias culpas me crivaram,
E sobre as minhas lastimaveis dôres
Um negro véu lançaram!

Distenderam os labios sacudindo
Com grave e serio gesto a fronte, e ao cabo...
(E acreditaste-os tu, meu anjo lindo!)
Chamaram-me o Diabo!

O que ha de mais escuro e de mais feio
Na minha vida, ignoram-no os sandeus,
Tam occulto este amôr vive em meu seio,
Ó luz dos olhos meus!

X

N'aquella manhã ditosa
O sol mandava-nos beijos;
Do rouxinol os solfejos
Suspiravam na amplidão.

Se me lembro, ai! se me lembro
D'esse amplexo demorado,
Com que tu, meu lirio amado,
Uniste-me ao coração!

Grasnava o côrvo agoirento,
As sêccas folhas cahiam,
E uns tristes raios desciam
Da plumbea curva dos céus.

Se me lembro, ai se me lembro
Da fria e grave mesura
Que, n'aquella tarde escura,
Fizeste ao dizer-me — adeus!

XI

Fôste fiel, no caminho
Doloroso que eu seguia,
Déste-me alentos, carinho,
Meu consôlo fôste, e guia.

Déste-me tudo, ó consorte,
Roupa branca e até dinheiro!
E ao partir para o extrangeiro
Compraste-me o passaporte!

Deus t'o pague, meu amôr!
E um viver te dê tranquillo!
Mas que te não faça aquillo
Que tu me fizeste, flôr!

XII

Emquanto eu andava viajando, a minha
Noiva gentil, o meu thesouro amado,
Julgando que eu tardava e que não vinha,
Fez á pressa o vestido de noivado,
E um dia, ao pé do altar, entrega anciosa
A um fôfo peralvilho, a mão de esposa.

Nada no mundo a minha amada eguala;
Nem eu sei a que a possa comparar!
Que doce é o aroma que o seu labio exhala!
Que gesto lindo! e que formoso olhar!
Suspende a queixa, coração trahido,
Deixáste o céu, do céu fôste banido!

XIII

Quando morreres, filha, ao teu jazigo
Descerei taciturno e allucinado,
E abraçando esse corpo delicado,
No frio marmor dormirei comtigo.

E tu muda, e tu fria, e tu gelada!
E eu nos meus braços a apertar-te ainda!
E nas sombras d'aquella noite infinda
Clamo, estremeço e morro, alma adorada!

Os mortos, alta noute, pouco e pouco
Erguer-se-hão, ao luar, rindo e dançando;
E eu ficarei na sombra, ó sonho louco!
No teu seio de jaspe repoisando.

E quando a hora chegue em que as trombètas
Do Juizo Final se ouvirem todas,
Não surgirás, inveja das violetas,
Do escuro leito das eternas bôdas!

XIV

Do Norte sobre um monte,
Alto, frio e gelado,
Um pinheiro isolado
Ergue entre o gêlo a merencoria fronte.

Todo tremulo, o misero deseja
Ser a esbelta palmeira viridente
Que em terra adusta odeia a luz ardente
Que sobre ella o implacavel sol dardeja.

XV

Das minhas penas fiz canções aladas
De alegre geito e jovial feição,
Vi-as partir em doidas revoadas,
E vi-as procurar teu coração.

Partem alegres, voltam lacrymosas,
Perdido o fresco riso ingenuo e lêdo,
Mas do que viram guardam, silenciosas,
O mais profundo e lugubre segredo.

*

XVI

Eu não posso esquecer, perdão, minha senhora,
— Estes laços de amor custam a desatar —
Eu não posso esquecer, ó minha doce aurora,
Que subjuguei teu corpo e essa alma singular . . .

Teu corpo, ai! o teu corpo esbelto, moço e branco
Já foi meu, já foi meu... mas n'este instante, flòr,
Da tua alma prescindo, e escuta, serei franco,
Bastá-me a que possuo, ah! basta meu amôr!

Se um dia succeder, que esse teu seio trema
De novo juncto ao meu, hei-de insuflar-te, doudo,
Metade da minha alma, e então, gloria suprema!
De ambos nós, meu amôr, faremos um só todo...

XVII

É domingo: o burguez deixa os asphaltos,
Dando o braço á burgueza;
Procura o campo, e, ao vel-o, exclama aos saltos:
«O' filha, que lindeza!»

E pasma do verdôr febril, romantico,
Da múrmura floresta;
E a sua longa orelha absorve o cantico
Da passarada em festa.

Eu que não saio, escondo a gelosia
Com negros cortinados,
E recebo a visita, em pleno dia,
Dos espectros amados.

E aquelle Amôr que eu vi morrer outrora,
No meu quarto apparece!
Senta-se ao pé de mim, beija-me e chora,
E treme e desfallece!

XVIII

Rompia a manhã, rompia
Alegre como um trinado,
E eu ia triste e calado,
No meio d'essa alegria,
Por entre as flôres do prado...
Rompia a manhã, rompia...

Vendo-me, as flôres do prado
Mais as rosas do silvedo
Cochicharam em segredo...
E erguendo os olhos, a medo,

N'um tom de voz repassado
Da mais branda languidez:
«Como elle vae irritado,
«Os olhos fitos no chão!
«Perdôa por esta vez,
«Não ralhes com ella, não?»

XIX

Na tua face ardente e avelludada
Encadeia-se a luz do quente Estio,
Mas no teu coração, ó minha amada,
Habita o Inverno enregelado e frio.

Mas quem assim te vê bella e formosa,
Verá mais tarde o Inverno tôrvo e feio
N'essa tua gentil face mimosa,
E o rubro Estio no teu branco seio!

XX

No momento do *adeus* succede que os amantes
Se abraçam, a chorar, com vozes soluçantes.
Força, é força partir; a mão prende-se á mão,
E uma infinda tristeza inunda o coração.

Para nós, meu amor, n'essa hora de agonia
Não houve o padecer que as almas excrucia:
Foi grave o nosso *adeus* e frio, e só agora
É que a Dôr nos subjuga, e a Angustia nos devora.

XXI

Sonhei: de novo suspirava o vento
Das tilias sob a cupula odorante;
E como outrora ouvia o juramento
Do teu amôr constante.

Que protestos de amôr n'esse momento!
Mas na febre dos beijos que me déste,
Como para gravar teu juramento
Em meus dedos mordeste!

Dona do riso alegre, ó meu tormento!
Dona de olhos azues, ó minha amada!
Já me bastava o doce juramento,
Foi de mais a dentada!

XXII

Chorei: sonhava e era comtigo, estavas
Morta n'um cemiterio, fria, fria...
E, ao despertar, senti que o pranto, em lavas.
De meus cançados olhos escorria.

Chorei: sonhava e era comtigo, rosa;
Havias-me sem dó, abandonado:
E, ao despertar da noite tormentosa,
Tinha o rôsto de lagrimas banhado.

Chorei: sonhava, e era comtigo, ó linda!
Dizias-me, a sorrir, «como eu te adoro!»
Desperto, e logo n'uma angustia infinda,
Eis-me a chorar de novo e ainda choro...

XXIII

Batido do torvelinho
O bosque palpita ao açoite
Do vento outonal; é noite.
Monto a cavallo e metto-me a caminho

E este inquieto pensamento,
E esta phantasia errante
Levaram-me n'esse instante
Ao teu virgineo e candido aposento.

Os cães ladram; nas sonoras
Escadas assoma gente,
E eu no marmore luzente
Faço tinir as rútilas esporas.

No teu quarto, da baunilha
Vôam calidos arômas;
Tu dormes, soltas as còmas,
E eu nos teus braços cáio, minha filha!

Soluça o vento magoado:
Diz um carvalho altaneiro:
«Cavalleiro, cavalleiro,
«Suspende o teu sonhar allucinado!»

XXIV

Eu enterro as canções de amôr e o fel amargo
Do meu triste sonhar:
Quero um caixão profundo, immenso, vasto e largo;
Depressa, ide-o buscar!

Um caixão formidando, um féretro-portento,
Que sobreexceda e vença
O pêzo sobrehumano e o enorme comprimento
Da ponte de Mayença.

Trazei-m'o sem demora; eu hei-de enchêl-o em breve;
Vereis a promptidão.
De Heidelberg o tonel será pequeno e leve
Ao pé d'esse caixão.

Doze gigantes quero, o aspecto feio e rudo,
E de um vigôr sem conta,
Que me façam lembrar Christovam, o membrudo
Que em Colonia se aponta.

Gigantes, balouçae o féretro luctuoso!
Vamos! agora, ao mar!
Cova maior existe? Abysmo assim grandioso
Difficil é de achar.

Sabeis porque eu desejo um féretro assim largo,
De vastas dimensões?
É que enterro, infeliz, o amôr, o fel amargo
Das minhas illusões.

---

*

O MINUÈTE

AO DR. THOMAZ DE CARVALHO

Espaçoso é o salão: jarras a cada canto;
Admira-se o lavôr do tecto de pau sancto.

Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias:
Um enorme sofá: largas tapeçarias.

O purpureo tapete aos olhos nos revela
Entre as garras de um tigre anciosa uma gazella.

Retratos em redor: olhemos o primeiro:
No Tóro as mãos de Affonso o armaram cavalleiro.

Era Arcebispo aquelle: esta foi açafata...
Que frescura sensual nos labios de escarlata!

Olhos revendo o azul que sobre a Italia assoma:
Em finos caracóes, a loura e ondada côma:

Collo robusto e nú: cabeça triumphante:
Consta que certo rei... passemos adeante!

Este, que vês, morreu n'um africano areal
Por vingança cruel do aspero Pombal.

D'esse olhar na expressão infinda e inenarravel
Desabrocha uma dôr profunda e inconsolavel.

Defronte, uma donzella, o rosto meigo e afflicto,
Num extasis adora o pallido proscripto.

O teu sonho nupcial, franzina morgadinha,
Tam cedo se desfez, ó misera e mesquinha!

No burel escondeste o viço e a formosura,
E desmaiaste, flôr, no chão de uma clausura!...

Repara nos desdens do fôfo conselheiro,
Que sorridente aspira a flôr de um jasmineiro!

Em canones doutor: no Paço foi bemquisto:
Orna-lhe o peito a cruz de um habito de Christo.

Esse outro combatendo ás portas de Bayona,
Como um bravo, alcançou a rútila dragona.

Vibra flammas do olhar; cabeça erecta e audaz;
Illumina-lhe o rôsto a gloria de um gilvaz.

Assistimos, ao vêl-o, ás pugnas carniceiras,
E ouvimos o clangôr das musicas guerreiras...

No antiquissimo espelho, á sombra das cortinas.
Reflecte-se o primôr de argenteas serpentinas.

Sob o espelho se aninha um cravo marchetado,
Mimo outrora da casa, e prenda de um noivado.

Ao lado um cofre encerra, em amoravel ninho,
Antiga partitura em velho pergaminho.

Uma noite extendi a musica na estante,
E o cravo suspirou... n'aquelle mesmo instante

Da eburnea pallidez doentia do teclado
Manso e manso evolou-se o arôma do passado.

E vi descer do quadro a languida açafata
Que, ao discreto pallôr das lampadas de prata.

A fimbria alevantando azul do seu vestido
O rôsto acerejado, o gesto commovido,

A sorrir, deslisou graciosa no tapête,
Dançando airosamente a airoso minuête...

O COVEIRO

A ALBERTO BRAGA

Elle entrou cabisbaixo e silencioso
Na immunda tasca, e foi sentar-se a um canto;
Deram-lhe vinho, recusou, o espanto
Cresceu no olhar do taberneiro oleoso.

Elle era o mais antigo e o mais ruidoso
Dos freguezes da casa: ao obsceno canto
Ninguem prestava mais lascivo encanto
Ao som magoado de um violão choroso.

Mas o velho sentára-se distante
Da alegre turba, a vista lacrymante
Mergulhada nas chammas do brazido...

Disse um da roda: «espanta-me o coveiro!»
—Morreu-lhe ha pouco a filha...—distrahido
Volveu da bisca um contumaz parceiro.

ADEUS!

Uma vez, n'uma camara elegante,
De um contador no marmore de rosa,
Entre os mil nadas feminis que exhalam
Uns aromas subtis que nos embalam,
Vi uma concha pallida e graciosa.

Sentira eu n'ella um som confuso o triste,
Como o dos sinos em remota aldeia;
Pobre concha! morria de saudade
D'aquella vaga e triste immensidade
Do mar que chora na deserta areia.

Olha, querida, como n'essa concha,
Anda chorando em mim continuamente
Essa timida voz que tu soltaste,
Essa palavra ADEUS que murmuraste
Aos meus ouvidos languida e tremente!

CAMONEANA

I

NA EGREJA DAS CHAGAS

AO DR. A. A. DE CARVALHO MONTEIRO

Proxima vinha a nobre Catharina
Da porta principal da egreja, quando
Seu olhar encontrou suave e brando
O olhar de um moço de presença fina.

E, ao fulgôr d'esse olhar ardente, inclina
A dama o rôsto, timido, córando...
Arfa-lhe o niveo seio, palpitando,
Em doida e extranha commoção divina.

Camões, que outro não era o moço, ardido,
N'um gesto de galan desvanecido:
«Quem vos pudéra merecer!» murmura.

E a dama, ao ouvil-o, languida sorria,
Pois que em todos os tempos a ousadia
Ao amôr nunca trouxe desventura.

II

A LEITURA DOS LUSIADAS

A VICENTE PINDELLA

Do moço rei, defronte, esbelto e cavalleiro
Camões recita; a côrte, silenciosa
Ante a rubra explosão do cantico guerreiro,
Admira essa Epopeia enorme e prodigiosa.

«... Ruge a electrica voz do Admastôr furiosa;
«Nas amuradas canta o alegre marinheiro;
«Do Oceano á flôr scintilla a esteira luminosa
«Dos pesados galeões do Gama aventureiro.

« Terra ! grita o gageiro ; e á praia melindana
« Desce douda e febril a gente lusitana.
« Desfraldam-se os pendões ao claro céu do Oriente... »

Da gloria ante o esplendôr o olhar de El-Rey fulgura ;
O Camara no emtanto, alma sombria e escura,
No rei os olhos crava, e ri felinamente.

---

*

III

ANNOS DEPOIS

A BERNARDO PINDELLA

Juncto de um catre vil, grosseiro e feio,
Por uma noite de luar saudoso,
Camões, pendida a fronte sobre o seio,
Scisma embebido n'um pesar luctuoso...

Eis que na rua um cantico amôroso
Subitaneo se ouviu da noite em meio:
Já se abrem as adufas com receio...
Noites de amôres! que trovar mimoso!

Camões acorda, e á gelosia assôma,
E aquelle canto, como um antigo arôma,
Resuscita-lhe os risos do passado

Viu-se moço e feliz, e ah! n'esse instante,
No azul viu perpassar, claro e distante,
De Natercia gentil, o vulto amado...

ESPHYNGE

Traducção de uns versos de Alexandre Dumas
escriptos num leque
em que estava pintada uma Esphynge

Que me queres, Esphynge? O que procuras? diz-m'o:
Se do poeta o segredo intentas penetrar,
Desce dos annos meus ao tenebroso abysmo,
Verás o Amôr aos Vinte e aos Sessenta o Pesar.

Sim, Pesar, não de haver lançado aos quatro ventos
Com prodiga loucura o verbo triumphante,
A ambição, o dinheiro, os risos e os tormentos,
E as auroras de abril que passam n'um instante!

Mas Pesar de sentir dentro em meu peito agora,
Como accêso vulcão em gêlos sepultado,
Do juvenil desejo a flamma que devora,
E de não poder mais, amando, ser amado!

A CEIA DE TIBERIO

AO DR. J. FREDERICO LARANJO

Opulento é o festim: em todo o vasto imperio
Outro não houve egual. Caprêa a dissoluta,
O retiro de amôr do perfido Tiberio,

Illuminada ri. Ao longe Roma escuta
O confuso rumôr da tenebrosa orgia:
Assim geme, assim ronca o mar em funda gruta.

Fascina, attrae, seduz, e os olhos extasia
A imperial vivenda: a sala é deslumbrante:
Ouro e gêmmas sem fim confundem-se á porfia.

Das lampadas rebrilha o lume coruscante;
Nos triclinios explende a purpura escarlata,
A fina tartaruga e o sandalo odorante.

Aos angulos da sala, em primorosa prata,
Erotico esculptor grupos fundiu lascivos,
Em cujos membros nús volupia se retrata.

Resaltam da parede os satyros esquivos
Sob o pampano alegre: as nymphas, em corêas,
Dançam na riba, em flor, de arroios fugitivos.

Em marmórea piscina enroscam-se as murêas,
Dos patricios de Roma o pabulo dilecto,
Vezes sem conto, escravo, ali rompeste as veias!

Pendem verdes festões do primoroso tecto,
Pyrrheico ali pintára um matagal folhudo,
E um lago crystallino, encantador, discreto.

Diana ao sol enxuga as tranças de veludo,
Acteon espreita ancioso, e, ó rapida alegria!
Aos poucos se transforma em cervo ramalhudo.

Em Miléto foi tincta a azul tapeçaria,
Que nas mesas se extende e nos mosaicos dorme;
Dos velarios se excôa o arôma que enebria.

A festa é no pendor: n'um áureo prato informe
Eis que entra um javali, formosas gaditanas
Dançam em derredor. Ulula a grita enorme.

Jorra o vinho de Kós purpureas espadanas;
Dos convivas na fronte enlaça-se a verbena,
Preludiam no emtanto as frautas sicilianas.

Adoudada suspira uma canção obscena:
Fervem beijos no ar, os seios pulam, crescem
E desnudam-se á luz, Tiberio assim o ordena.

As matronas, ao ver o duro gesto, obedecem,
E lá passam gentis, deslisam mansamente
Dos marmores á flôr; são nuas, endoudecem!

Um retiario nervudo, e um gladiador valente
Combatem, são leões; o pallido vencido
Mistura o sangue rubro ao vinho rescendente.

Ora Tiberio ri... Mas subito um gemido
Longo e triste chorou nos paços de Caprêa...
Indagam: talvez fosse o gladiador ferido...

N'esse instante Jesus morria na Judeia!

TRIO DE POETAS

I

JOÃO DE LEMOS

AO VISCONDE DE PINDELLA

Na cidade gentil do austero estudo
Sobranceira ao Mondego socegado,
Em cuja riba o sinceiral folhudo
De rouxinoes suspira gorgeiado,

Fôste erguido no concavo do escudo
Pelos moços de outrora, e celebrado
Trovador, cavalleiro, e namorado...
Tempos de glorias! Como passa tudo!

No emtanto ás vezes, na provincia, quando
A um dôce, honesto e feminino bando
Digo A LUA DE LONDRES, de repente

Da infancia volvo á candida simpleza,
E ondulam na minh'alma vagamente
Tremulas notas de fugaz tristeza.

II

JOÃO DE DEUS

A ANTHERO DO QUENTAL

Sempre que o leio, sinto-me captivo
De um não sei quê, de infinda suavidade,
E entram commigo uns longes de saudade,
Que me deixam sizudo e pensativo.

Sonho: quizéra, em triste soledade,
Viver das gentes apartado e esquivo,
E erguer-me a esse planeta primitivo
Onde resplenda a eterna mocidade.

Já o seu nome é tão suave e brando,
Tão eufonico, meigo e delicado,
Que fica nos ouvidos suspirando...

Diz a lenda que vive descuidado,
Ramos tecendo, e flores emmoitando,
Da Chymera nos seios reclinado.

III

JOÃO PENHA

A AUGUSTO SARMENTO

Nervoso mestre, domadôr valente
Da Rima e do Sonêto portuguez,
Não te eguala a pericia de um chinez
Na pintura de um vaso transparente.

Ha no teu verso a musica dolente
Da guitarra andaluza, e muita vez
Rompe em meio da extranha languidez
O silvo estriduloso da serpente.

No VINHO E FEL traçaste o escuro drama
Em que soluça e ri, na extensa gamma,
Teu desgrenhado amôr, doido e fatal...

Mas se do peito ancioso o dardo arrancas,
Teu canto exhala as alegrias francas
De uma rubra Kermesse collossal.

CHYMERAS

A MEU TIO JOÃO DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE

O mar já me tentou : aspirações fogosas
Fizeram-me idear phantasticas viagens ;
Eu sonhava trazer de íncognitas paragens
Noticias immortaes ás gentes curiosas.

Mais tarde desejei riquezas fabulosas,
Um palacio escondido em múrmuras folhagens,
Onde eu fosse occultar as candidas imagens
Das virgens que evoquei por noites silenciosas.

Mas tudo isso passou: agora só me resta
Das chymeras que tive, uma visão modesta,
Um sonho encantador, de paz e de ventura.

É simples; uma alcôva, um berço, um innocente,
E uma esposa adorada, envolta, a negligente!
De um longo penteadôr na immaculada alvura...

ODOR DI FEMINA

A ALBERTO PIMENTEL

Era austero e sizudo; não havia
Frade mais exemplar n'esse convento;
No seu cavado rôsto macilento
Um poêma de lagrimas se lia.

Uma vez que na extensa livraria
Folheava o triste um livro pardacento,
Viram-no desmaiar, cahir do assento,
Convulso, e tôrvo sobre a lágea fria.

De que morrêra o venerando frade?
Em vão busco as origens da verdade,
Ninguem m'a disse, explique-a quem pudér.

Consta que um bibliophilo comprára
O livro estranho e que, ao abril-o, achára
Uns dourados cabellos de mulher...

EM CAMINHO DA GUILHOTINA

Á SENHORA CONDESSA DE SABUGOZA

A *viuva Capet* vae ser guilhotinada.

Ora n'aquelle dia o povo de Pariz
Formidavel, brutal, colerico, feliz,
Erguera-se ao primeiro alvôr da madrugada.

No caminho traçado ao funebre cortejo
O povo redemoinha;
Que todos sentem n'alma o tragico desejo
De ver como Sansão degolla uma rainha.

Da carreta em redor ondeiam os soldados;
De cima dos telhados
Da rua, dos portaes, dos muros, dos balcões
Chovem sobre a rainha as vis imprecações.

Ella comtudo, altiva, erecta e desdenhosa
Olha tranquillamente
Para o revolto mar da plebe tumultuosa.

E emquanto aquelle povo inquieto e repulsivo
Anceia por ouvir o grito convulsivo
E o derradeiro arranco
D'essa mulher, e ri abominavelmente,
Um homem só, o algoz, vae triste e reverente.

Póde nascer ao pé da forca um lirio branco.

A carreta parou. Desce a rainha. N'isto
Viram-se uns braços nús
Erguerem para o ar, á flôr da multidão,
Uma loura creança, alegre como a luz,
Suave como o Christo,
A quem talvez faltando em casa a enxerga e o pão,
A mãe quizera dar aquella distracção.

No primeiro degráu da escura guilhotina
 A rainha de França
Ergueu o olhar e viu essa gentil creança
Levar a mão á flôr da bôcca pequenina,
E atirar-lhe, a sorrir, um beijo doce e honesto...

E ella que fôra audaz, heroica e resoluta,
E ouvira, com desdem, da plebe a injuria bruta,
Ante a esmola infantil, graciosa, d'esse gesto,
Chorou.
 «Chorou, emfim! A infame succumbiu!»
De entre o povo uma voz selvatica rugiu.

A VIUVA

Á SENHORA D. MARGARIDA STREET

Fóra de portas vive. É silenciosa
A modesta vivenda em que ella habita,
Ali correu-lhe a vida bonançosa,
Ali golpeou-lhe os seios a desdita.

Raro de quando em quando uma visita
Novas lhe traz da vida tumultuosa,
E ella sorrindo a furto, descuidosa,
No azul os olhos em silencio fita.

Sósinha e triste a pallida viuva,
Por essas noites de invernia e chuva,
A um honesto e feminil labor se entrega.

E, alta noite, levanta, em dòr sepulta,
O olhar, que fixa, e demorado prega
No eterno Ausente que n'um quadro avulta.

FLOR DO PANTANO

A BULHÃO PATO

É pequenina e séria,
E tem o gesto grave
Da filha de um burgrave,
A candida Valeria.

Não ha flôr mais suave,
De essencia mais ethérea
E abriu-lhe a vida a chave
Do Vicio e da Miseria!

Na sua loura côma
Nunca passou o aròma
Dos beijos maternaes.

Ó credula Ignorancia,
Esconde áquella infancia
O nome vil dos paes!

A RESPOSTA DO INQUISIDOR

A MEU TIO LUIZ DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE

I

A sala em que medita El-Rey é silenciosa,
Apainelada e fria, o largo reposteiro
Ondula brandamente á aragem preguiçosa.

II

Á cathedra real um Christo sobranceiro
Mésto, livido, nú, ferido e ensanguentado
Exhala sobre o seio o alento derradeiro.

III

El-Rey medita e scisma: o seu olhar turbado,
O seu obliquo olhar, o seu olhar de féra,
Vibra irriquieta luz, parece allucinado.

IV

N'isto á porta assomou a calva fronte austera
De um velho, e logo atraz um pagem que murmura:
«Eis o monge, Senhor, que Vossa Alteza espera!»

V

Curvára, ao entrar, o monge a tremula estatura:
Mãos dispostas em cruz no largo peito ancioso,
E humilhada a cerviz na ascetica postura.

VI

E comtudo esse frade humilde e respeitoso,
De olhos fitos no chão, tão fragil como o vime,
Na presença de um rei, de um Cesar poderoso,

VII

É fanatico e audaz; com mão de bronze opprime
O Solio, a Egreja, o Lar, e os corações dos crentes;
Flagella a sombra e o amôr, condemna a luz, e o crime!

VIII

Quando elle vae passando, as timoratas gentes
Benzem-se com pavôr e param de improviso
As canções juvenis nas aleas rescendentes.

IX

Nunca nos labios seus florira o alegre riso,
Tem cem annos, jamais beijára uma creança,
E crê subir, talvez, morrendo, ao Paraiso!

X

Na Hespanha, no Perú, em Napoles, na França
Paira como o sinistro espirito do Mal,
O negro inquisidôr, feroz como a Vingança.

XI

Sisto quinto, o cruel, fizera-o cardeal,
E a Hespanha pòde ver com assombroso espanto
Juncto do rei-panthera o inquisidôr-chacal.

XII

E Philippe dizia ao monge no entretanto:
«Sentinella da Lei, piedoso inquisidôr,
«Tu que fallas com Deus e és padre, e és bom e és sancto

XIII

«Arranca-me este pezo, afasta-me este horrôr!
«Ah! diz'-me cardeal se é um vil, se é um precito
«O rei que é justo e mata o filho que é traidor...»

XIV

E mais não disse o rei, tôrvo, sombrio e afflicto.
No emtanto o inquisidôr erguendo imperturbavel
O seu hediondo olhar das lageas de granito,

*

XV

Assim tornou com voz vibrante e formidavel:
— Ó principe, e apontava o livido Jesus,
— Para acalmar dos céus a colera implacavel

XVI

— O Eterno fez morrer o seu filho n'uma cruz! —

FERVET AMOR

AO DR. ANTONIO CANDIDO

Dá para a cêrca a estreita e humilde cella
D'essa que os seus abandonou, trocando
O calòr da familia ameno e brando
Pelo claustro que o sangue esfria e gela.

Nos florões manuelinos da janella
Papeiam aves o seu ninho armando,
Vêem-se ao longe os trigos ondulando...
Maio sorri na pradaria bella.

Zumbe o insecto na flôr do rosmaninho:
Nas giéstas pousa a abelha ébria de goso:
Zunem bezouros e palpita o ninho.

E a freira scisma e córa, ao vêr, ancioso,
Do seu cátre virgineo sobre o linho
Um par de borboletas amoroso.

NA ALDEIA

A CHRISTOVAM AYRES

Duas horas da tarde. Um sol ardente
Nos côlmos dardejando, e nos eirados.
Sobreleva aos sussurros abafados
O grito das bigornas estridente.

A taberna é vazia; mansamente
Treme o loureiro nos humbraes pintados;
Zumbem á porta insectos variegados,
Envolvidos do sol na luz tremente.

Fia á soleira uma velhinha: o filho
No céu mal acordou da aurora o brilho
Sahiu para os cançaços da lavoura.

A nóra lava na ribeira, e os netos
Ao longe correm semi-nús, inquietos,
No mar ondeante da seára loura.

ESTUDANTINA

Acorda, minha Thereza,
Descerra a janella tua!
Espalha-se a luz da lua
Pela poetica deveza...
Entre os sinceiros da margem
Murmura o claro Mondego,
A noite corre em socêgo...
Acorda, minha Thereza!

Não dorme quem tem amôres,
E o teu postigo é cerrado!
Deixa o leito perfumado,
E o travesseiro de flôres,
Se queres que eu acredite,
Ó minha pallida amiga,
Nas palavras da cantiga:
«Não dorme quem tem amôres!»

Por isso eu vélo cantando,
E esta guitarra suspira,
E o meu coração delira —
Mal vem a lua apontando...
É que, á noite, lirio branco,
Os astros guardam segredo
Dos beijos dados a medo...
Por isso eu vélo cantando...

Quero vêr-te, como outrora
N'esse postigo inclinada,
Conversando enamorada
Até ao raiar da aurora...
Um lenço posto no liso
Dos teus hombros jaspeados,
Os cabellos destrançados...
Quero vêr-te como outrora.

Não te assustes, Julieta,
Que a manhã te encontre ainda
Bebendo a canção infinda
Que soluça o teu poeta.
Cantará de entre os loureiros
Uma alegre cotovia,
Mal venha rompendo o dia.
Não te assustes, Julieta!

Mas dorme a branca Thereza,
Cerrada a janella sua;
Espalha-se a luz da lua
Pela poetica deveza...
Entre os sinceiros da margem,
Murmura e corre o Mondego,
Que tristeza e que socêgo!
Ai! dorme, dorme, Thereza!

AS ONDINAS

H. HEINE

AO VISCONDE DE CASTILHO II

Na praia tranquilla murmuram sonoras
As ondas do mar.
E, ao dôce das aguas murmúrio palreiro,
Na areia dormita gentil cavalleiro
Á luz do luar.

As bellas ondinas emergem das grutas
De vivo coral,
Accórrem ligeiras, e apontam, sorrindo,
O moço que julgam devéras dormindo
No argenteo areal.

Vem esta, e perpassa do gorro nas plumas
As mãos de setim.
E aquella, com gesto divino, gracioso,
Nos ares levanta do joven formoso
O aureo telim.

Ess'outra, que lavas, que fogo não vibram
Seus olhos de anil!
Debruça-se e arranca-lhe a rútila espada,
Nos copos brilhantes se apoia azougada,
Travessa e gentil.

. .

A quarta, saltando, retouça, lasciva,
Do moço em redor;
Suspira mansinho, de manso murmúra:
« Pudésse eu em vida gosar a ventura
Do teu fino amôr! »

A quinta rebeija-lhe as mãos, enlevada
N'um sonho feliz,
E a sexta, com tremula e dôce esquivança,
Perfuma-lhe a bôca, formosa creança!
Com beijos subtis...

E o moço, fingindo que dorme tranquillo,
Não quer acordar.
E deixa que o abracem as bellas Ondinas,
E languido gosa caricias divinas
Á luz do luar...

NO JOGO DAS CANNAS

A CAMILLO CASTELLO BRANCO

Em garbosos corceis da Arabia cavalgando
Entram na larga arêna os próceres luzidos;
Corusca a pedraria, e esplendem, fluctuando,
Dos cocáres a pluma e a sêda dos vestidos.

A quadrilha gentil dos Tavoras ardidos,
Com os lacaios da Tôrre um prélio simulando,
Terça galhardamente; o apparatoso bando
Deixa os olhos da turba em extase embebidos.

Nas janellas do paço é toda a fidalguía:
Que jocundo prazer, que risos, que alegria!
Espectaculo augusto, e nobre, e singular!

O sexto Affonso applaude: emtanto maliciosa,
Maria de Nemours, sorrindo, a incestuosa!
No cunhado, subtil, poisa o lascivo olhar...

NUNCA EU TE LÊSSE BALLADA!

Suspende a dura sentença
Que de teus labios ouvi.
E ergue do chão os quebrados
Teus negros olhos magoados,
Quando me acerco de ti.

Ergueste-os, encantadôra!
Mas antes do teu perdão,
Attende-me, e ouve, senhora,
Com todo o teu coração.

Escuta:

«A um rei namorado
«Sincera e fiel amante,
«Ao morrer, tinha deixado,
«Do antigo affecto em penhor,
«Cinzelada taça de ouro
«Do mais subido valor.

«O rei preferia a tudo
«Aquella doce lembrança
«Que lhe trazia os arômas
«De umas fluctuantes cômas,
«E de uns labios de veludo,
«Que elle beijára em creança.

«Toda a vez que elle bebia
«Por esse vaso sagrado,
«Uma extatica alegria
«Como flor ideal sorria
«No seu turvo olhar cançado.

«Um dia sentiu-se o pobre
«Mais triste, velho e abatido,
«Abraçou-se commovido
«Á taça, o tremulo amante:

«E as lagrimas, uma a uma,
«Deslisaram n'esse instante
«Nos rudes flócos de espuma
«Da longa barba fluctuante.

«N'aquella hora de agonia,
«Chamou seus filhos e herdeiro.
«Deu-lhes tudo o que possuia,
«Ouro, palacios, riquezas,
«O seu castello roqueiro,
«E as suas largas devezas.

«Dividiu tudo, contente;
«A taça guardou sómente.

«Sentindo fugir-lhe a vida,
«Manda o triste convidar
«Seus pares, filhos e herdeiro
«Para um festim derradeiro
«No castello sobranceiro
«Ás verdes aguas do mar...

«Em meio da festa, o velho
«Ergueu a taça e sorrindo,
«Embebido o olhar no infindo,
«Um frouxo canto soltou...

« E mal o canto findára,
« No leito da onda amara
« A taça de ouro lançou... »

Eram profundos ciumes
Os d'esse rei namorado,
Que não fosse alguem beber
Por esse vaso sagrado,
E viesse a conhecer
Os cariciosos perfumes
Que o tinham embriagado...

Hontem, á tarde, beijando-a
De teu labio a viva rosa,
Lembrou-me a historia singela
D'essa ballada amorosa;
E dentro em mim de repente
Tam extranha dôr senti,
Que n'um impeto demente
De teu labio húmido e ardente
Com tôrvo aspecto fugi!

Lembrou-me, cabeça louca!
Que se eu acaso morresse,
Talvez um outro sorvesse
Os beijos da tua bôcca...

E no azul indefinido,
Ó minha piedosa anémona!
Cuidei ouvir o gemido
Da moribunda Desdemona...

Ai desavisado amor!
Perdôa, sombra adorada!
Nunca eu te avistasse, flôr!
Nunca eu te lêsse, ballada!

A NEGRA

AO DR. A. A. DA FONSECA PINTO

Teus olhos, ó robusta creatura,
Ó filha tropical!
Relembram os pavôres de uma escura
Floresta virginal.

És negra sim, mas que formosos dentes,
Que perolas sem par
Eu vejo e admiro em rubidos crescentes
Se te escuto fallar!

Teu corpo é forte, elastico, nervoso.
Que doce a ondulação
Do teu andar, que lembra o andar gracioso
Das onças do sertão!

As languidas sinhás, gentis, mimosas,
Desprezam tua côr,
Mas invejam-te as formas gloriosas
E o olhar provocadôr.

Mas andas triste, inquieta e distrahida;
Foges dos cafesaes,
E no escuro das mattas, escondida,
Soltas magoados ais...

Nas esteiras, á noite, o corpo estiras
E com ancias sem fim,
Levas aos seios nús, beijas e aspiras
Um candido jasmim...

Amas a lua que embranquece os mattos,
Ó negra jurity!
A flôr da laranjeira, e os niveos cáctos
E tens horrôr de ti!...

Amas tudo o que lembre *o branco*, o rosto
Que viste por teu mal,
Um dia que sahias, ao sol pôsto,
De um verde taquaral...

MATER DOLOROSA

A RANGEL DE LIMA

Quando se fez ao largo a nave escura
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrymosa estatua da amargura.

Dos céus a curva era tranquilla e pura:
Das gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulos, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedêra, astro mavioso,
De alvôr banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrêra, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas...

AS PRIMEIRAS LAGRIMAS DE EL-REY

A M. P. CHAGAS

I

O principe morrêra, e logo os cortezãos,
Em prantos derredor do mortuario leito,
Erguem a voz em grita aos ceus levando as mãos.

II

El-Rey, João segundo, a fronte sobre o peito,
Contempla dos brandões á luz ensanguentada
O filho, e a dôr lhe avinca o grave e duro aspeito.

III

E eis que, a um gesto do rei, a turba consternada
A pouco e pouco sáe, reina o silencio, apenas
Cortado pelo uivar longinquo da nortada.

IV

Sobre o filho curvado, immerso em cruas penas,
Aquelle rei sinistro, energico o tigrino,
Tinha na frouxa voz modulações serenas.

V

E o filho inerte e mudo! então n'um desatino
Deixou-se El-Rey caír, ao acaso, n'um escabêllo
E quedou-se a pensar no seu atroz destino.

VI

Um enorme, um confuso e bronzeo pesadêlo
Caíu-lhe sobre o enfêrmo espirito enluctado,
E o suor inundou-lhe as barbas e o cabello.

VII

Talvez que o triste visse, em sonho allucinado,
Do duque de Vizeu o espectro vingativo
Apontando-lhe, a rir, o Infante inanimado.

VIII

E escutasse a feroz imprecação que altivo
No cadafalso, outróra, o duque de Bragança
Ás faces lhe cuspiu com gesto convulsivo.

IX

Subito ergue-se o rei, e para o leito avança,
E uma lagrima então, embalde reprimida,
Das barbas lhe cahiu no rosto da creança...

X

A vez primeira foi que El-Rey chorou em vida.

O CURA SANTA CRUZ

CONTO DE A. DAUDET

AO DR. SOUZA MARTINS

O implacavel carlista, o Cura Santa Cruz,
Que em nome do seu rei, e em nome de Jesus,
Da Navarra febril leva do sul ao norte
O odio, a perseguição, o incendio, o estrago, a morte,

N'essa clara manhã risonha do Natal,
Tendo sobre o uniforme a veste clerical,
Na montanha, ao ar livre, á luz do sol diz missa
Á guerrilha que o escuta extatica e submissa.

Como um rebanho vil, a um lado, os prisioneiros
Ouvem-no, a tiritar, cheios de um mêdo atroz:
Olham-se mutuamente os tôrvos companheiros,
E murmuram: «meu Deus, o que será de nós?»

Porque emfim toda a vez que o sanguinario Cura
Se volta, e o *oremus* diz, segundo o ritual,
Da sacra vestimenta avultam na brancura
De pistolas um jogo e a fórma de um punhal.

Quando afinal chegou o instante, a occasião
Em que a missa termina, o Cura, erguendo um braço,
Grave traçou no ar e na mudez do espaço
O clemente signal da paz e do perdão.

A missa terminára.

O cura n'esse dia.
Como sentisse n'alma uns raios de alegria,
De bondade e de amor, foi-se direito ao bando
Dos captivos, e assim fallou circumvagando
A vista em derredor: *Hermanos, viva Dios!*

«Corre ahi que sou máu, fanatico e feroz...
«Pois em breve ides ver como se engana, quem
«Diz que eu sou o anti-Christo e que abomino o bem.
«Como é dia de festa e é dia de Natal,
«Dou-vos a liberdade, e não vos quero mal!

«Mas haveis de primeiro, e isto, prompto e sem custo
«De joelhos beijar o pavilhão augusto
«De El-Rey nosso senhor...»
E mandou desfraldar
O carlista pendão, branco como o luar...

Todos logo á porfia atiram-se por terra
E um grito: Viva El-Rey! echoou de serra em serra.

No emtanto um prisioneiro, um moço imberbe ainda,
Firme ficou de pé, e olhava com infinda
Expressão de desdem a extranha vilania...
Braços postos em cruz, e intrepido sorria.

«E tu?» surprezo disse e transtornado o Cura.
— Padre, volveu-lhe o esbelto joven, com brandura,
— Mata-me! aqui me tens! rio-me d'esse panno!
— Ao teu rei não me curvo... Eu sou republicano...

O Cura um accêno fez; formou-se um pelotão:
«Vamos! inda uma vez, viva D. Carlos!

— Não! —

E havía n'essa voz tamanha heroicidade
E uma energia tal, que uns longes de piedade
Scintillaram no olhar do tôrvo guerrilheiro.

«Muito bem, morrerás: mas dize-me primeiro,
«O que desejas tu? Queres beber, fumar?...

— Padre, se vou morrer, quero-me confessar...
«Ouvir-te-hei!» disse o Cura, e ao acaso, num granito
Assentou-se.

O captivo, olhos no chão, contrito
Os joelhos dobrou... N'esse fugaz instante
Elle viu, elle viu, n'um sonho lacrymante,
A sua infancia, o lar, o tecto de seus paes,
Os choupos do seu rio, os placidos casáes:
Viu a noiva gentil, a egreja, os arvoredos
E os parentes e irmãos, socios de seus brinquedos.

Ah! quem póde esquecer o seu paiz natal!
Ah! quem póde esquecer a benção maternal!

Em distancia a guerrilha os dous observa... Então
Emquanto o padre escuta attento o prisioneiro,
Subito uma descarga estoira na amplidão.
Tremem a serra e o val, treme o desfiladeiro.

«Ás armas! o inimigo!» a sentinella brada.
De golpe ergue-se o Cura, e á jóldra amotinada
Vôa, dá ordens, clama, emquanto as balas chovem.
Nisto viu que inda estava ajoelhado o joven!
Pára.
«Que fazes tu?» indaga em tom severo
—Padre, diz a creança, a absolvição espero—

E em meio da febril convulsão da batalha,
Emquanto rompe e rasga os ares a metralha,
Viu-se o Cura depois de abençoar, ligeiro,
A fronte juvenil do heroico prisioneiro,
Pegar de uma clavina, e dando um passo, ao lado,
Varar tranquillamente o craneo do soldado.

A VENDA DOS BOIS

AO DR. J. DE VASCONCELLOS GUSMÃO

I

O velho entrára triste: ao pé, juncto do lar,
Estava a companheira, absòrta, a meditar.

—Mulher, a fé perdi, fallei a toda a gente,
E ninguem me valeu! — E ella com voz tremente:
«Dize-me, e o brazileiro?»
— Esse foi o primeiro.

*

— Bati, fui ter com elle á casa do jantar.
Expliquei-lhe ao que vinha... entrou a gracejar:
«Com que então você quer *livrar* o seu rapaz?...
«Visinho, tão mal faz!
«Deixe-me ir cada qual á sorte e ao seu destino!
«Seu filho é um mocetão valente e muito digno
«De servir o paiz...»

— E descascava um fructo...
— Desatei a chorar...» — Homem não seja bruto!
A farda não é morte...»
— E disse mais e mais
— Cousas de quem não sabe a dôr de uns tristes paes!

E emquanto o velho punha a vista lacrymosa
Nos brazidos, a voz da mãe afflicta e anciosa
Perguntou: «e o prior?»
— Negou, negou tambem —
A angustiada mãe
Retorcia o avental com mão febril, ardente.

No silencio da noite então distinctamente,
Um profundo mugido,
Triste como um gemido,
Longo e longo chorou no lugubre aposento...

Entreolharam-se os dois...
Nisto acóde á mulher um estranho pensamento...
«Temos ainda os bois!
«Vendamol-os!» E ria...
O entristecido olhar
Do velho lavrador de lagrymas nublou-se.
E entrou a suspirar:
— Uns pobres animaes, a quem só mingoa a fala
— Para serem Christãos! Parece que me estala
— No peito o coração... Vender os infelizes!...
— Pois seja assim, mulher! Farei o que tu dizes...

II

Vinha rompendo a aurora
Risonha, virginal, feliz como um noivado,
Das aves á compita o tremulo trinado
Entre as balsas gorgeava. Era em descanço a nóra.

No emtanto o lavrador, tremente e vacillante
Como um ladrão nocturno, ou como um namorado,
Abriu, de par em par, as portas do curral.
Subito n'esse instante
Volveram para a entrada os bois o olhar leal,
Bondoso, humano e franco.

Que festiva alegria
O frequente menear das caudas traduzia
Resvalando em seu forte e musculoso flanco!

O velho antigamente
Tinha sempre, ao chegar, uma palavra amiga,
Um dicto, uma cantiga,
A que sempre um mugido alegre respondia.
Mas n'aquella manhã, silenciosamente,
Fatal como o dever
O velho foi buscar, a um canto, uma correia,
E lançou-a a tremer
Dos anafados bois ás pontas recurvadas.

E sahiram os tres.
Nos concavos da aldeia
Choviam as canções das aves namoradas.

III

No cáes ha o moirejar das fabricas ruidoso;
Feroz e discordante
Juncta-se á voz humana o arfar estrepitante
Dos valentes pulmões das machinas inglezas.

Em novellos, ancioso,
Golpham as chaminés o denso e o escuro fumo
Que ascende e toma o rumo
Do claro e vasto azul, vazio de tristezas.

Como um cetáceo ingente, encarvoado e feio
Um enorme Vapôr
De outros avulta em meio.
Em seu largo convez a marinhagem canta
E na faina febril as ancoras levanta.

N'aquella espessa náu, um velho, um lavradôr
Entre a faina do cáes, fita o dolente olhar...
É que ali dentro vão os bois, o seu amôr...
E áquella magoa intensa
E inenarravel dôr
Responde a descuidosa e gelida indifferença
Dos Homens, e dos Ceús, e do profundo Mar...

AO RABEQUISTA

EUGENIO DEGREMONT

Recitada na noite de 25 de Fevereiro de 1877
no theatro de S. João do Porto

Vêde-o! É tão creança! ó mães, olhae-o!
Como é vivo o fulgor e ardente o raio
Que vibra n'esse olhar!
Faz gosto vel-o assim tão pequenino
Enlevado nos sons do violino
A sonhar, a sonhar...

E ao passo que a sua alma vae sonhando,
Vão-se ante nossos olhos desdobrando
Quadros a mil e mil.
A rabeca suspira? Assim amenas
São na longiqua roça as cantilenas
Das moças do Brazil.

Vibra rispidos sons? E logo ouvimos
Curvar o vento da floresta os cimos
Com ruidoso fragôr...
E uívam pintadas onças e as araras
Roçam, fugindo, as tremulas taquaras,
E crocita o condôr.

Enterrados nas humídas pastagens
Mugem raivosos bufalos selvagens,
E por entre os sarçaes
Pula a panthera; os jacarés astutos
Choram, fingindo lacrymosos lutos
Nos fulvos areaes.

Soluçou a rabeca? Ouvi, formosas,
São os negros soltando as lastimosas
Canções do seu paiz;
Sem familia, sem patria, sem amôres,
Ninguem mitiga o fel d'aquellas dôres,
Triste raça infeliz!

Agora, como em namorado anceio,
Sae da rabeca um languido gorgeio
Que enleva o coração.
E a saudade repinta-nos ao vivo
Dos sabiás o cantico lascivo
Nas sombras do sertão.

Tudo isso e mais eu vejo, admiro e escuto,
Com meu olhar de prantos não enxuto,
Ó creança gentil,
Que em vez de perseguir as borboletas
Vens batalhar no meio dos atletas
E honrar o teu Brazil!

Não presumas, porém, prodigio das creanças!
Que basta o fogo, o estro, a viva inspiração;
É mister trabalhar, sem isso nada alcanças;
A gloria chamarás, ser-te-ha o appello em vão.

Pois que! tu cuidarás, creança, porventura
Que sem luctar, soffrer, sem horridos tormentos
O artista poderia erguer aos quatro ventos
A Epopêa, o Drama, a Estatua, a Partitura?

Vamos, trabalha pois, ó meu precoce artista,
Dos precipicios ri, vinga-me o barrocal!
Para o profundo azul estende a larga vista.
Eis-te nos alcantis! Eleva-te ao ideal!

AS VELHAS NEGRAS

A M^me^ ALINE DE GUSMÃO

As velhas negras, coitadas,
Ao longe estam assentadas
Do batuque folgasão.
Pulam creoulas faceiras
Em derredor das fogueiras
E das pipas de alcatrão.

Na floresta rumorosa
Esparge a lua formosa
A clara luz tropical.
Tremeluzem pyrilampos
No verde-escuro dos campos
E nos concavos do val.

Que noite de paz! que noite!
Não se ouve o estalar do açoite,
Nem as pragas do feitor!
E as pobres negras, coitadas,
Pendem as frontes cançadas
N'um lethargico torpôr!

E scismam: outrora, e d'antes
Havia tambem descantes,
E o tempo era tam feliz!
Ai! que profunda saudade
Da vida, da mocidade
Nas mattas do seu paiz!

E ante o seu olhar vazio
De esperanças, frio, frio
Como um véu de viuvez,

Resurge e chora o passado
—Pobre ninho abandonado
Que a neve alagou, desfez...—

E pensam nos seus amôres
Ephemeros como as flôres
Que o sol queima no sertão...
Os filhos quando crescidos,
Foram levados, vendidos,
E ninguem sabe onde estão.

Conheceram muito dono:
Embalaram tanto somno
De tanta sinhá gentil!
Foram mucambas amadas,
E agora inuteis, curvadas,
N'uma velhice imbecil!

No emtanto o luar de prata
Envolve a collina e a matta
E os cafesáes em redor!
E os negros mostrando os dentes,
Saltam lepidos, contentes,
No batuque estrugidor.

No espaçoso e amplo terreiro
A filha do Fazendeiro,
A sinhá sentimental,
Ouve um primo recem-vindo,
Que lhe narra o poema infindo
Das noites de Portugal.

E ella avista, entre sorrisos,
De uns longinquos paraisos
A tentadora visão...
No emtanto as velhas, coitadas,
Scismam ao longe assentadas
Do batuque folgasão...

O RELOGIO

No album de Eduardo Burnay

Eburneo é o mostrador: as horas são de prata
Lê-se a firma Breguet por baixo do gracioso
Rendilhado ponteiro; a tampa é enorme e chata:
N'ella o esmalte produz um quadro delicioso.

Repara: eis um salão: casquilho malicioso
Das festas cortesãs o mimo, a flôr, a nata,
Juncto a um cravo sonoro a alegre voz desata.
Uma fidalga o escuta ebria de amôr e gôso.

Rasga-se ampla a janella; ao longe o olhar descobre
O correcto jardim e o parque extenso e nobre.
As nuvens no alto céu fluctuam como espumas,

Da paizagem no fundo, em lago transparente,
Onde se espelha o azul e o laranjal frondente,
Um cysne á luz do sol estende as niveas plumas.

A MORTE DE D. QUICHOTE

AO CONDE DE SABUGOZA

Rôto o escudo, sem lança, a cóta escalavrada,
Sósinho, abandonado e á tòa como um cego,
Do crepusculo á luz dolente e immaculada
Entra na sua aldeia o altivo heroe Manchego.

O tenue fumo sáe do côlmo das herdades,
Riem ao pé da fonte as frescas raparigas,
E á clara vibração sonora das trindades
Junctam-se brandamente as vozes e as cantigas.

E o audaz Campeador, o Justiceiro, o Forte,
Que andára pelo mundo a combater os máus.
Defendendo a Mulher, desafiando a Morte,
Do paterno casal sentou-se nos degráus.

Nos joelhos fincando o cotovêlo agudo
E no punho cerrado a fronte reclinando,
Quedou-se largo espaço, illacrymavel, mudo,
Para o inutil passado os olhos alongando...

E ali, na dôce paz da sua alegre aldeia,
Sentiu que o avassallava uma tristeza infinda,
Quando esta voz se ouviu: « morreu-te a Dulcinêa,
« Missionario do Bem, tua missão é finda ! »

E elle a ouvir e a scismar ! A trefega sobrinha
Beija-o, falla-lhe, ri, abraça-o, mas o Heróe
D'est'arte lhe volveu «A morte se avisinha,
« Levae-me para o leito ! » E ouvil-o pena e dóe.

Do leito á cabeceira o Bacharel e o Cura
Tentam resuscitar-lhe os sonhos e as chymeras ;
Pintam-lhe o negro Mal triumphante, ó amargura !
O fraco aos pés do forte, o bom lançado ás féras...

*

Contam-lhe o frio horror dos carceres sem luz,
Que nas tôrres feudaes pompeava o velho Crime,
Que os crescentes do Islam tinham vencido a cruz
Que a injustiça era a Lei... Então feroz, sublime,

Inquieto, semi-nú, sinistro o cavalleiro
Bradou como um trovão: «Enverguem-me a loriga!
«Sellem-me o Rocinante, ó Sancho, ó escudeiro,
«Traze-me a lança, présto! e a minha espada amiga!

Tinha em brazas o olhar, e truculento o aspeito,
E vibrava em redôr a imaginaria lança...
Logo depois cahiu do respaldar do leito.
Morto: tendo no labio um riso de creança!

APPENDICE

CONTENDO TRECHOS DE PROSA E VERSO PUBLICADOS EM VARIAS FOLHAS

MAS NUNCA ATÉ HOJE COLLECCIONADOS EM VOLUME

QUADRO INTIMO

Quando eu subi ao teu quarto,
Tépido ninho aceiado,
Onde vives, lyrio amado,
E onde mora o meu desejo,
Morria o sol; na calçada
Tomavam fresco os visinhos
Casava-se a voz dos ninhos
Ás queixas de um realejo.

Entrando sentei-me ao perto
De ti que estavas bordando;
Mas tu, creança, notando
As sombras do meu desgosto,
Disseste: «vejam que modos!
«Não falla! como está sério!
«Nem que eu fôsse um cemiterio!»
E pendeste amuada o rosto.

Eu tomei-te as mãos nas minhas
Volvendo: «escuta, Maria:
«Nunca saibas a agonia
«Que ás vezes me rasga o seio!
«Adoro-te muito, e muito
«E sei que tambem me queres,
«És o beijo das mulheres,
«Mas soffro por ser tão feio!»

Tu n'um impeto felino
Retiraste as mãos, que tinhas
Abandonado nas minhas
E afastaste-te de mim,
Depois vieste, sereia,
E dado um abraço fraterno
Com modo suave e terno
Disseste: «não falle assim!

«O mau que sabe de quantas
«Caricias é rodeado
«E vive desconsolado
«Quando a gente o ama e adora!»
E continuavas fitando
Em mim teu olhar sincero
«Guarde seus beijos, não quero
«Que me fez chorar agora...»

E choravas, no meu hombro
Pendida a languida fronte;
Na limpidez do horisonte
Pallida a lua surgia;
Vaporavam teus cabellos
Um casto olôr penetrante;
No realejo distante
Chorava a dôce Lucia!

E como me visses triste
Por te vêr mais triste ainda
Volveste com graça infinda:
«Se não torna, acceito o beijo...»
Quando me achei na calçada
Já não topei os visinhos
Dormiam de ha muito os ninhos
Nem se ouvia o realejo!

SONETILHO

Tens a doçura casta
De um passaro dormindo.
Teu labio rubro e lindo
Ideias vis afasta.

Em tua fronte vasta
Soletro um poema infindo.
Beber-te o alento basta
Para morrer sorrindo...

Cahiste nos meus braços
E os astros, dos espaços
Puderam vêr-te, flôr,

Mais pura do que as brazas
Tão pura como as azas
Dos Anjos do Senhor!

A. M.

Voae meus dias negros, tormentosos
Diante d'este amor quente e selvagem,
Que eu vou transpondo uma ideal paragem
Onde os beijos são Anjos luminosos.

Amantes que gemeis n'essa voragem
Que o florentino viu, febris, anciosos,
Não me enubleis a celica miragem
Deixae viver os pobres amorosos!

Que bom não fôra unil-a contra o seio!
Beber-lhe o alento em namorado anceio
Sorver-lhe a voz que as sombras aclarára.

Se eu ámanhã morresse, a minha amada
Cahira no meu corpo inanimada
Bem como o pagem do sombrio Lara.

ITERUM SARA

Abre-me os braços teus, formosa Magdalena,
Que repouse um amante em seios de alabastro!
Quero doido sorver teus beijos, assucena,
N'essa varanda, á luz do merenchorio astro...

Ao luar é tão doce o tremulo contacto
Das mãos de uma mulher que esmaia enlanguescida!
Á noite, filha de Eva, o amor, languido cacto
Desabrocha sorrindo e enflora-nos a vida.

Vê tu que céo azul, o céo tão estrellado;
Esse que ahi se arqueia e esplende pela altura!...
Afasta do triclinio o aereo cortinado!
Apparece-me, ó Sara, e eu morra de ventura!

Solta os cabellos teus, Niagára esplenduroso
Que vae beijar-te a onda alvissima do collo.
A guitarra soluça o cantico amoroso
E eu desmaio na sombra, ó Sara, ó meu consolo!...

É calmo o teu jardim, na areia da alameda
Em cascatas, derrama a lua os seus palôres...
Que me aperte o collar dos braços teus de sêda,
Cantemos o duetto eterno dos amores!...

Abre-me os braços teus, quero esculpir com beijos
Em teus labios de fogo e seios de alabastro
O poema d'este amor insano... Ó meus desejos,
Eu vos pranteio á luz do merenchorio astro!...

MALLA-POSTA MINHOTA

Vinhamos dentro, o parocho de... tal
Um moço lisboeta
E uma dama gentil, que por signal
Usava de luneta.

Ao passarmos no escuro de um choupal
Murmura a dama inquieta:
«Sahem aqui ladrões... li n'um jornal...»
Responde o abbade: «é pèta.»

Eu fumo e vou scismando : n'isto exclama
O dandy á loura e merencoria dama
«Que sombra tão fechada !»

Torna o abbade em meio de um bocejo
«Sitio melhor, já ha muito que não vejo
Para uma patuscada!»

Á SENHORA CONDESSA DE SABUGOSA

(NO DIA DOS SEUS ANNOS)

Na quadra azul da mocidade, a gente
Parte rindo e cantando, estrada fóra,
Gorgeia a cotovia em cada aurora
Suspira á noite o rouxinol dolente.

Ai! ditoso o que parte alegremente
O que não viu aproximar-se a hora
Em que é força volver atraz... embora
Nos arfe o seio, de illusões fremente.

Para ti ainda existe o sonho alado,
A fé robusta, a candida alegria
Que nos chovem do céu claro e estrellado.

Nunca sejas forçada, flôr, um dia
Ao erguer, chorando, o braço fatigado
Em busca da ventura fugidia... [1]

1 Foram estes os ultimos versos do poeta.

JOÃO PENHA

JOÃO PENHA

I

Leram já Baruch? perguntava Lafontaine, enthusiasmado com a leitura d'esse propheta. Tinhamos vontade de perguntar aos leitores: leram já os versos e os sonetos de João Penha?

É possivel que para muita gente o nome d'este poeta seja tão desconhecido, como era para o malicioso fabulista o nome de Baruch, e nada mais simples e natural, tendo o poeta publicado os seus versos n'um periodico provinciano, cuja tiragem não excedia a oitocentos exemplares.

Ora entre oitocentos leitores d'esse periodico havia duzentos com certeza que odiassem o verso. A poesia nunca teve grande numero de admiradores e devotos: os homens de sciencia, o povo, e os ignorantes raras vezes abrem um livro de versos e, quando o abrem, falamos dos primeiros, é quando o nome d'esse poeta foi devidamente chancelado nas regiões officiaes, e consagrado pela opinião.

A poesia tem ainda um inimigo encarniçado e terrivel nos prosadores, nos que nasceram sem essa faculdade, sem o dom maravilhoso do verso, n'aquelles para quem este não passa de uma bagatela engraçada, mas que não deixa de ser futil, quando não seja pretenciosa. Não são sensiveis á forma, á harmonia, á graça, á factura laboriosa e artistica do verso, e para não passarem como invejosos, affectam o prudente sorriso de Conrart, ante os versos impostos pela critica á admiração e ao applauso de todos.

Os grandes escriptores do movimento romantico em França, os que acompanharam esse movimento entre nós, manejaram por egual a prosa e o verso.

O verso teve por isso n'essa epocha grande acolhimento e acceitação.

Hoje ha tres ou quatro escriptores com uma individualidade accentuada e potente, que não começaram pelo verso, a não ser que escondessem cautelosamente á longa orelha bestial do vulgo as estrofes que outr'ora perpetrassem em horas de enlevo e de mocidade.

É talvez d'esta pequena particularidade, de os escriptores que hoje mais deslumbram e deliciam a curiosidade portugueza, não terem começado pelo verso, que este cahiu em tamanho desaffecto, o que não quer dizer que ainda não haja quem se aventure a passeiar pelos *squares* da moderna cidade, sem receios que o expulsem segundo as prescrições do Platão.

No numero dos que tem ainda pela poesia um culto extremoso e desinteressado, sobresahe com vivo relevo a figura original de João.

II

O retrato que a *Renascença*[1] hoje nos dá, representa o poeta quando academico ainda, envolto na sua travêssa capa de estudante, o cabello aos ventos, o olhar intrepido, o monóculo, o lendario monóculo ao canto do olho esquerdo, monóculo que era uma parte integrante da expressão do seu rosto, e que o poeta não abandonava, nem quando dormia. É assim que elle está na memoria de todos que o amaram, que conviveram com elle, que discutiram com elle, e que nas alegres e famosas ceias lhe applaudiam os dictos, os repentes, os improvisos, tão cheios de sal, de expontaneidade, e que não faziam carêta para excitar o riso da galeria. Para se conhecer o poeta devemos analisar, descrever o homem, estudar a sua vida, e o meio em que elle viveu, vida e meio que deixaram em tudo o que o poeta produziu um vestigio immorredouro e profundo.

João Penha quando foi para Coimbra era um mocinho timido e mimoso. Reinava desaforadamente o costume da troça academica; *calouro* que fosse apanhado á bôca da noute sem ser devidamente protegido pelo *veterano*, era espancado, quando resistisse, e mostrasse prosapias de pimpão, e quando se submettesse, cortavam-lhe então com magnanimidade a cabelleira, e inchavam-lhe as mãos com rijas palmatoadas.

[1] Este estudo foi primitivamente publicado no periodico *A Renascença*.

Á noute, á hora da ceia, ouvia João Penha contra estes e outros casos inauditos e assombrosos para quem sáe da sua pacata cidade natal, e se vê de repente em paiz de barbaros façanhudos.

Não podia sahir, não podia sósinho e livremente, pelo vale de Coselhas, subir ao Penedo da Saudade, perder-se pelos bêcos e encrusilhadas antigas da cidade baixa, mas o que ninguem lhe podia estorvar, era a consoladora leitura dos bons livros, e era n'isto que elle dispendia a maior parte dos primeiros annos da sua estada em Coimbra.

Não, não era nos livros substanciosos do sr. Bernardino Carneiro, nem nas ponderosas paginas dos compendios do sr. Manso Preto, que elle levava as horas aproveitaveis da noute: o que o encantava era a radiosa leitura dos poemas de Hugo, de Byron e de Musset, a captivante *Comedia Humana* de Balzac, a historia feudal de Inglaterra e Escossia vista atravez da opulenta imaginação de Walter Scott, a galeria attrahente e fascinadora do fecundo e prodigioso papá Dumas, o *Orlando furioso* do Ariosto, a trilogia titanica de Dante, e o deslumbrante, colossal, e monstruoso theatro de Shakspeare.

Do receio ás troças resultou para João Penha o ficar com algumas ideias precisas a respeito do pensamento humano, do seu progresso e da sua influencia, e o ser addiado em alguns preparatorios pelo sr. D. Victorino, conselheiro-cidadão, (como respeitosa e comicamente chamava ha dias um periodico republicano de Coimbra ao respeitavel e anafado ex-cruzio) e por quejandos varões de conspicuo valor scientifico e litterario.

Todas as cousas boas tem um fim; João Penha deixou de ter medo ás troças, e pouco e pouco foi adquirindo celebridade pela viveza das replicas, pelo feitio caustico dos dictos, e mais que tudo pela extravagancia do seu viver, e pela fortaleza diamantina do seu estomago.

N'aquelle tempo os estudantes levavam em Coimbra uma vida tempestuosa e dissipada; Coimbra era a amplificação hilariante do celebre quadro de Velasquez *Os borrachos:* a aventura entrelaçava-se á comezaina, o amor á orgia; havia exhuberancia de força e de mocidade e era preciso empregal-a fosse em que fosse. Este marinhava nos elevadissimos arcos do Jardim, chegava a um altar onde a devoção collocára um miserrimo S. Sebastião, arrancava as séttas do corpo ensanguentado do Martyr e escrevia por baixo da imagem: basta de soffrimento! Outro descia á cidade baixa, sósinho, desarmava a ronda dos solemnes verdiaes, e desancava com a limpeza de um possante varredor de feira minhota a multidão dos futricas, que fugiam espavoridos e em alto berreiro.

Havia revoltas contra os lentes, tramavam-se conspirações nas lojas maçonicas, escreviam-se pamphletos, odes, dythyrambos, poemas: nos cenaculos discutia-se, com vozes violentas, na escuridão dos quartos, a respeito de Hegel, Spinosa e Kant; bebia-se como Marco Antonio, comia-se como Vitellio; e quem passasse, á noute, na rua onde morava Anthero de Quental, era quasi sempre interpellado pelo poeta das *Odes modernas*, o qual, a cavallo no peitoril da janella, as pernas bambaleantes, o gesto largo

e prophetico, os seus revoltos cabellos de escandinavo palpitando á viração nocturna, perguntava estas e outras cousas cabalisticas:

— Sabes quem era Manú? Tens alguma ideia do Immanente? Deus será de facto o immenso mar da substancia?

Os transeuntes ouviam aquellas vozes, e, pasmados, faziam o signal da cruz!

João Penha, pela sua graça, pela expontanea vivacidade do seu espirito, apesar de caloiro, entrou a ser admittido nos conciliabulos dos academicos, e, ahi, os veteranos, toleravam-lhe as mordentes facecias, como o sultão tolera os insultos e as ironias dos derviches.

Os graves doutores na arte *dicendi et cœnandi*, vendo que esse *caloiro* era de fêveras, permittiram-lhe que passeasse por onde quizesse, que jogasse o bilhar onde lhe aprouvesse, que bebesse onde muito bem lhe quadrasse.

Houve palavras de azedume:

— É uma liberdade que nunca se viu!

— Acabaram-se as prerogativas!

— Um caloiro!

E então os admiradores de João Penha, os admiradores do seu talento, os seus companheiros nas ceias, que principiavam muitas vezes na rua da Sophia, e iam acabar em Santo Antonio do Penedo, quer dizer — d'ali a uma legua, gritavam com auctoridade sentenciosa:

— É necessario que a mocidade se divirta!

E os cabeçudos calavam-se!

Passados os tempos difficeis, João Penha matricu-

lou-se em theologia, como o seu glorioso homonymo João de Deus, passando depois para a faculdade de direito, onde afinal se formou.

Liberto emfim de todo o receio, pôde, á vontade, percorrer o sujo labyrinto das encruzilhadas da cidade baixa de Coimbra. Ninguem sabia, como elle, onde havia o melhor vinho da Bairrada, onde se frigia peixe com mais pericia, e onde melhor se esbarrondava — uma expressão d'elle — meia duzia de ovos. Entre os freguezes de João Penha havia predilectos: o *Homem do Gaz*, o *Varão do Luxemburgo*, o *Conselheiro Rodrigo*, e a *Camélla*, a famigerada *Camêlla*. Os tres primeiros eram na cidade baixa, a ultima na alta.

O *Luxemburgo* era uma taverna vêsga, cercada de arvores, e cortada, ao norte, por uma valla onde corriam aguas turvas. Para se penetrar no *Luxemburgo* atravessava-se uma ponte de pedra estreita e escorregadía. Era perigosa aquella entrada.

— O perigo robustece o animo, dizia Barreto, companheiro assiduo de João Penha, e hoje medico de grandes creditos em Setubal.

Ora uma vez, na volta do *Luxemburgo*, Campos de Carvalho, sectario ardente de Prudhon, inimigo irreconciliavel de reis e de monarchas e auctor de um pamphleto intitulado — *O Senhor D. Pedro II* — escorregou nas pedras da ponte e cahiu nas aguas da valla.

Houve um grande sobresalto nos individuos que tal presencearam: João Penha tirou do canto do olho o monóculo — caso grave —, limpou-o cuidadosamente e, fincando de novo o vidro:

— Quem foi que desceu á valla? perguntou.

— Fui eu que escorreguei, respondeu o assarapantado Carvalho, que subira não sei por que arte pela ribanceira ingreme e resvaladiça. Por esta é que eu não esperava. Eu que atravessei o Atlantico, que tenho percorrido todos os mares, estive a pique de me afogar n'esta poça de lôdo...

João Penha ouviu este dizer lamentoso, abanou a cabeça meditativamente, e, tomando uma resolução violenta, dirigiu-se de novo para a taberna. O taberneiro estava á porta.

— Viu o que succedeu? indagou João Penha.

— Vi, sim senhor.

— Pois, meu amigo, entre nós... o vinho acabou.

E nunca mais se ouviram acaloradas discussões sob as olaias em flôr do *Luxemburgo*, a freguezia fugiu d'aquelle logar como de um sitio nefasto, e João Penha, quando por ali passava, repetia sempre, pondo os dedos em cruz:

— Eu te esconjuro, mafarrico!

O *Homem do Gaz* ficou sendo o centro, o ponto de reunião de todos os moços, que mais se distinguiam pelo talento, pela illustração e pela *verve*. Na sala do *Homem do Gaz* appareciam, entre outros, Bernardino Machado, Marçal Pacheco, J. Frederico Laranjo, Julio de Vilhena, Augusto Rocha, Teixeira de Queiroz, (Bento Moreno), Guerra Junqueiro, o poeta do *D. João*, Simões Dias, o provençal das *Peninsulares,* Candido de Figueiredo, o pintor dos *Quadros cambiantes,* Luiz d'Andrade, o insigne caricaturista, Eduardo Cabrita, ingenuo como uma creança, borracho como Sileno, poeta, e tão artista, escon-

dido e esquecido hoje n'uma aldeia do Alemtejo, Alves de Moraes, o feroz trasmontano que escreveu um livro socialista *Morte á morte*, Barreto, possuidor d'um nariz apopletico, que discreteava sobre tudo e *muchas cosas mas*, sobre musica, sobre pathologia, sobre armação de navios, sobre astronomia, sempre com a mesma voz velada, sumida e discreta, o sagacissimo Sergio de Castro. Alberto Braga, um conversador impagavel, o brazileiro Francisco Machado e o pai Carvalho, antigo governador civil do Funchal, que indo visitar um neto a Coimbra e tencionando demorar-se sómente dois dias, ao ser apresentado ao *Synedrio*, tal gosto e tanta pilheria lhe achou, que ergueu a tenda em Coimbra, e por lá andou a rir, a rir, até que morreu...

Forasteiro que chegasse a Coimbra e trouxesse recommendação para qualquer dos individuos atraz mencionados, era, na noite do mesmo dia, apresentado no synedrio.

Que de gente que vimos ali! Diplomatas, conegos, jornalistas celebres, veneraveis banqueiros, negociantes sisudos, titulares, cantores estrangeiros, o celebre Hermann, o valénte Hercule Napoli, o marido da Volpini, o diacho!

Uma noite foi ali apresentado um padre da Beira, que descêra das suas nevosas montanhas, para ir prégar a lei de Christo aos selvagens dos sertões de Africa.

— Quantos sermões leva o senhor? perguntou-lhe João Penha, depois de travadas as primeiras palavras de apresentação.

— Sermões! Não levo nenhum.

— Pois faz mal. É preciso que os leve, e cousa que se veja. Eu sou de Braga, e não sou profano na sagrada theologia. Appareça mais vezes e conversaremos a tal respeito.

O padre veio uma, duas e tres vezes: gostava d'aquellas discussões, saboreava-as, foi adiando o dia da partida; despedia-se hoje e voltava ámanhan, atrahido e fascinado, como um anachoreta que de repente se visse n'uma orgia asiatica.

Passados dous mezes partiu effectivamente, levando duas duzias de sermões, dictados por João Penha.

— E digam depois, repetia vaidosamente o poeta, que eu não cooperei para a civilisação!

Era na sala do *Homem do Gaz* que se discutiam os mais arduos problemas, que se fazia a critica dos livros aparecidos e dos artigos jornalisticos, e que se inventavam as mais paradoxaes e extraordinarias theorias a respeito da Arte, da Sciencia e dos Costumes. Havia ali estudantes de todas as faculdades, juristas, mathematicos, philosophos, theologos e medicos, quasi todos premiados. Cada qual varria a sua testada, conforme podia, e conforme sabia.

João Penha, envolto n'um comprido e amplo casaco *couleur de muraille*, com um bonnet hungaro na cabeça e as mãos atraz das costas, cortava diagonalmente a sala com os seus passos solemnes e graves. De vez em quando parava, para ouvir mais attentamente a discussão, e dava a sua sentença. Preferia a todas as discussões as que versassem sobre theologia e sobre medicina, e tinha a vaidosa pretensão de dizer sempre a ultima e decisiva palavra a tal

respeito. Para João Penha havia um unico remedio na terra, um unico, o vinho.

—O vinho consola, o vinho cura, o vinho dá vida e vigor, o vinho é a grande alma, dizia elle.

Não o aconselhava sómente aos homens, dava-o aos cães, aos gatos e ás aves doentes e chegou um dia a empregar esse estranho medicamento n'um mangericão. Este caso foi muito falado: na janella do quarto de João Penha, da qual elle podia dizer como Martial—*rus est mihi in fenestra*—havia entre outros vasos de flôres, de begonias e de tulipas, um humilde vaso de mangericão. Humilhado de se vêr em tão lustrosa companhia, o mangericão começou a desmaiar, e a perder a côr. João Penha, que o estimava, emborcou-lhe na rama dous decilitros de vinho. Ao outro dia o mangericão apparece explendido, cheio de viço e a regorgitar de seiva. O poeta bate as palmas, sorri, triumpha. E n'esse dia e nos seguintes não se falava em outra cousa em toda a academia: vinha gente aos magotes examinar a maravilha; a Medicina representada por Bento Moreno, a Poesia por Guerra Junqueiro, a Universidade pelo dr. Luiz Jardim, subiram ao quarto de João Penha, e desandava tudo pela escada abaixo com as mãos na cabeça:

—É singular, é extraordinario, é espantoso!

—Estava fraco, afirmava João Penha, anemico, precisava de vida, que só reside no vinho.

E pela manhan, e ao cahir da tarde, vinho que te valha! O excesso porém da droga começou a apodrecer o pé da planta: as folhas entraram a amarellecer, e os ramusculos a engoiarem-se e a pender.

O poeta, contemplativo, e como que possuido da sensação intima de um grande facto mysterioso, murmurava para o mangericão:

— Olha o borracho! Como elle se pôz! como quem diz: se não fosse o vicio ainda a estas horas estarias com vida, ladrão!

O *Homem do Gaz*, um latagão como umas casas, adorava João Penha; tinha sido patuleia, orára em clubs turbulentos, e gostava de recordar essas epochas gloriosas de lucta. Ouvia de longe, da sombra do corredor, as momentosas discussões que se travavam na sala. Quando pediam vinho, e havia contenda litteraria ou religiosa, entrava silencioso, grave, cheio de respeito, fazendo pequenos gestos amigaveis aos que ainda não tinha visto n'aquella noute; não queria perturbar a discussão, dizia.

Havia uma noute, sobre todas solemne, no anno, em que elle deixava a sua habitual e respeitosa concentração: era na noute do *acto* de João Penha. N'essa noute associava-se á conversa, illuminava-a com os episodios da sua corajosa mocidade, e honrava a festa com seis garrafas de um vinho poderoso e antigo.

Foi n'uma d'estas noutes que se travou o famoso duello do João Penha com Guerra Junqueiro. O caso foi assim: o futuro poeta da *Morte de D. João* chegára de Lisboa havia dias, e narrava os episodios da jornada... Contava chistosamente as aventuras da sua peregrinação a Val de Lobos, a sua entrevista com o veneravel solitario, e descrevia com grande abundancia de termos picaros as manhas da alimaria que o levou á presença do eminente historiador;

depois falou dos litteratos de Lisboa, de um celebre passeio a Cintra.

Reparou-se então que João Penha, curvado, com o rosto unido á parede escrevia na cal...

Ergueram-se todos, e approximando-se do poeta lêram as duas seguintes quadras:

Iam caminho de Cintra,
Montados num só jumento,
Um vate e um dandy pelintra,
Soltando canções ao vento.

Pára o burro: é como chumbo:
Diz-lhe o bardo; «ó gambias pôdres!»
Responde o triste; «succumbo
Sob o pezo de taes ôdres.»

Guerra Junqueiro mordeu o beiço, mas não respondeu: e vae o João e rompe com outro bote:

Junqueiro, que vens de junco.
Tu que és passaro bisnáu,
Não abres o bico adunco?
Pois não me sentiste o páu?

—Espera que eu te ensino, bandido! murmura Junqueiro, e replica.

O Penha borracho
Corria cantando
No dôrso de um macho;
Mas eis senão quando

*

A besta o estira
Na lama da praça,
Quebrou-se-lhe a taça,
Quebrou-se-lhe a lyra,
Quebrou-se-lhe tudo.
E o pobre Oliveira [1]
Só não diz asneira
Quando fica mudo.

João Penha estava em guarda, aparou o golpe, e respondeu.

Afinaste a veia chata,
Bebeste o copo de um borco,
E a cidade estupefacta
Ouviu o grunhir de um porco.

Inda João Penha não acabára este ultimo verso e já Junqueiro começava a escrever, furioso, por debaixo da quadra do adversario:

Porco és tu, meu animal,
Porque as vermelhas canções
Que sacas do teu bestunto,
São vermelhos salpicões
Não são versos, são presunto.

A galeria aplaudiu; ouvindo estes applausos, João Penha rugiu ameaçadoramente:

[1] O nome todo do poeta é João Penha de Oliveira Fortuna.

«—Ah! não estás satisfeito?» e voltou á parede:

Acertou-te a pedra, e de arte
Que te fiz na testa um gallo,
E forcejas por vingar-te
Como se vinga um cavallo.

Uma risada colossal fez estremecer a sala. Junqueiro empalidece e com a sua larga letra convulsionada escreveu:

Dou-te um conselho, Oliveira,
Como estás com muita pressa,
Vai coser a borracheira
Meu menestrel de tripeça!

O *Homem do Gaz,* com uma ousadia nunca vista, estava na sala, esfregando as mãos radiante, no meio dos espectadores d'aquelle terrivel duelo. João Penha rangia os dentes:

—Menestrel de tripeça! Eu! Ó D. Bigorrilha! e voltando-se para o *Homem do Gaz:* escreve! disse, e dictou:

Tinha ha muito um realejo,
Só me faltava um macaco,
Hoje tenho o que desejo
Heide mostrar-te a pataco...

Na outra noute o duelo começou de novo, e com mais furioso impeto; mas o *Homem do Gaz,* passados dias, mandou caiar rigorosamente as paredes,

para que não viessem extranhos, como ordinariamente vinham, de dia, lêr os versos, e profanal-os com o seu riso alvar. Foi a explicação dada pelo bondoso gigante.

E d'aquelle modo perderam-se para sempre os engraçados epigrammas, as satiras e as magnificas e risonhas caricaturas feitas pelo Luiz de Andrade, e por José Cachapuz,—um moço vivaz e de talento, que morava á beira do Mondego, n'um castello desmantellado e em ruinas, ao pé do qual o *castello da miseria* descrito por Gauthier era um maravilhoso Alhambra.—Todos esses versos alegres e moços desappareceram, sumiram-se de todo; alguns porém sobreviveram como o hymno que vamos transcrever, e cuja historia é engraçada. Certos academicos constituiram-se em republica, e quizeram um hymno. Dirigiram-se a Guerra Junqueiro, que, andando abarbado não sei com que trabalhos, propôz o negocio a João Penha, ao entrar da aula.

—Prompto, disse João Penha, mas pelo preço que sabes.

—Qual preço?! disse Junqueiro, fazendo-se de novas.

—Seis vintens cada quadra. É o preço que te levei pelo hymno da philarmonica de Villa Real de Santo Antonio, do Algarve.

—Vá, vá! Mas a pagar no principio do mez; a somma é importante...

—Nada: hade ser paga e já. *Rubis sur l'ongle!*

—Homem, levo-te o dinheiro á tarde...

—Hade ser quando eu te entregar os versos; mão

por mão, como os rapazes. Bem sabes que não confio em ti.

Junqueiro lançou uma derrama pelo curso e á sahida da aula pagou o hymno. Eil-o:

Ó vós que do canto sois velhos freguezes,
Ouvi d'estas lyras o melico emprego!
Nós sômos as gemas, os bifes inglezes,
Os paios das filhas do claro Mondego.

Sorri-nos a vida nos cálices cheios
Dos roixos falernos das parras da Beira:
Sorri-nos a Céres dos tumidos seios:
Sorri-nos dos bosques a Venus ligeira.

Nos méstos papyros da sciencia moderna
A droga se encontra que ao somno convida:
Queimemol-os todos que só na taberna
Os livros se encontram da sciencia da vida.

Ao vento os cabellos! por montes e valles
Corramos no passo das gregas chorêas!
Bachantes das praças rufai nos timbales!
Abri-nos as portas, gentís Galathêas!

Este hymno foi posto em musica e era vozeado tres vezes por dia, ora ás janellas do predio em que habitava a republica, ora no meio da rua, ora no alto da montanha do Pio.

Alguem, para o perpetuar, escreveu-o na parede da sala do *Homem do Gaz*, e da parede passou para a carteira d'um curioso.

João Penha dominava este collosso do *Homem do Gaz*, como um *cornac* domina um elephante. Fêl-o passar, gradualmente, de patuleia ingenuo e inconsciente a republicano, de republicano a socialista, de socialista a petroleiro, de petroleiro a atheu.

O *Homem do Gaz* ouvia d'estas e de outras:

Falava-se na recente obra de V. Hugo a *Lenda dos Seculos*. Uns diziam bem, outros mal, da ultima *maneira* do radioso Miguel Angelo da litteratura moderna. Aos que invectivavam Hugo, perguntava o João:

— Tens visto um cão passar junto do monumento de um grande homem? Tens reparado no que elle faz? O mesmo que tu fazes, sevandija! alça a perna e humedece o pedestal. Eu ainda hoje, ao lêr a *Lenda dos Seculos*, ri, chorei, dei uivos, dei pinchos de orgulho, de alegria e de jubilo. Digo-vos mais; se hoje morresse — o *Homem do Gaz* adiantava-se para ouvir melhor — e chegasse aos pés do Padre Eterno, havia elle de perguntar-me o que havia de novo pela terra.

— A *Lenda dos Seculos!* responderia eu.

— E que tal? diria o Padre Eterno.

— Unico!

— Quem é o auctôr?

— Victor Hugo!

— Pois olha, explicaria desvanecido o Juiz Supremo, esse rapaz é meu filho.

— E ainda ha, tornaria eu, quem diga que os filhos não são mais intelligentes que os paes!

O *Homem do Gaz* retirava para a sombra, meditabundo.

Ah, quando este bom gigante do *Homem do Gaz*

viu n'uma triste hora o destino separar todos estes rapazes, tão cheios de enthusiasmo, de alegria e de jovialidade, quando os viu partir para a magistratura, para o magisterio, para a politica, para a vida da familia, deixou-se vencer de uma grande melancolia, e passado um anno depois da dispersão do cenaculo, cahiu na cama, e rebentou... de saudades...

Dous dias depois escrevia-nos João Penha, de Braga, e enviava-nos o seguinte:

EPITAPHIO

Eil-o aqui jaz, aqui jaz
N'esta humilde campa fria
O nosso velho rapaz!
Deus em sua gloria o tenha!
Era elle quem accendia
Inspirações em João Penha!
Deus em sua gloria o tenha!
Nesta humilde campa fria
Eil-o aqui jaz, aqui jaz!

O restaurante do *Conselheiro Rodrigo* era no caes das Ameias, n'um barracão espaçoso e ameaçando ruina. Frequentavam-no com grande assiduidade Theophilo Braga, Vasconcellos Abreu, um investigador erudito, Augusto Sarmento, auctor dos *Contos ao Soalheiro*, Adelino das Neves, o colleccionador das *Canções populares*, varios lentes e professores, o dr. Ignacio — um operador distinctissimo, etc., etc.

Conselheiro lhe chamavamos nós porque nunca se viu face mais austera, auctoritaria e sisuda em ta-

berneiro. Nunca desmanchava a sua gravidade: ria poucas vezes: dizia sómente as palavras precisas, menos a João Penha, com quem desabafava a respeito da pouca vergonha que ia por esse mundo, e de quem apreciava os chistes e os versos, a ponto de ter á cabeceira da cama, n'uma rica moldura, o soneto que o poeta lhe offerecera no seu anniversario.

Tinha frequentado o primeiro anno de theologia, fôra negociante, fallíra honradamente, e para sustentar a numerosa familia, começou a dar de ceiar aos estudantes.

Eram baratissimas essas ceias, e de um sabor delicioso, sobretudo no tempo da lampreia.

O *Conselheiro* tinha a veia, a especialidade, o que se chama dedo, para o preparo d'essa iguaria. Ninguem a fazia melhor em Coimbra, nem no *Carôllo*, nem no *Castella*, nem no *Paço do Conde*, e mais era o *Paço do Conde* a primaz, em antiguidade, das hospedarias conimbricenses.

Depois das onze da noute entravam na tasca do *Conselheiro* vultos embuçados, mysteriosos, com passo subtil e leve.

Uma noute vimos ali entrar um homem como uma torre, um pedaço de um homem... João Penha e nós fômos-lhe na piugada.

—Que novo freguez é este? perguntou o poeta ao *Conselheiro*. Em Coimbra só conheço dous homens d'essa grandeza—o dr. Mamede e o Bispo-Conde. Qual delles é? Guardo segredo.

—Dou-lhe a minha palavra que não é o doutor...

—Logo, atalhou João Penha...

— Inda que adivinhe, não digo quem é, tornou o Rodrigo com uma dignidade antiga.

E João Penha, voltando-se para nós:

— Mau! a Egreja tambem concorre.

Foi ali que se deu o seguinte caso.

N'uma bella vespera de feriado dirigiamo-nos nós e João Penha para o barracão do *Conselheiro*. O caes deserto, o Mondego de uma formosura incomparavel, o luar de endoudecer. Iamos a penetrar... quando damos de frente com um embuçado...

Era Marçal Pacheco.

— Que inveja que eu vos tenho! murmurou melancolicamente o triste.

— Porque não vens comnosco? dissemos.

— Impossivel: devo duas ceias ao *Conselheiro*, e estamos no fim do mez...

— É horroroso... mas inda agora reparo, notou João Penha, com essa bella barba negra, que deixaste crescer, és um andaluz completo, e depois essa capa, e esse chapeu desabado... sabes tu por acaso falar hespanhol?

— Essa pergunta a um filho de Loulé!

— N'esse caso, anda! Apresentar-te-hemos como um hespanhol, que nos veiu recommendado por D. Benigno Martinez, e que deseja estudar costumes...

Entramos os tres: Marçal, com o chapeu sobre os olhos, e embuçado até aos narizes, para tornar mais caracteristico o seu papel, expectorava, de quando em quando, pelo corredor, com gestos fandangueiros:

— *Vaya de broma! Y adelante! Vaya de broma!*

O *Conselheiro* entrou no cubiculo, onde ninguem

penetrava senão depois da sahida de João Penha, e curvado, com os dedos fincados na toalha:

— O que desejam?

João Penha, que estava ainda de pé, approximou-se do *Conselheiro:*

— É um hespanhol, disse baixo, apontando para Marçal. Queremos regalal-o, recommendo apuro.

Rodrigo olhou para o estrangeiro e cumprimentou-o com grande respeito.

— E o que temos hoje? perguntou em voz alta João Penha.

— Ovos mechidos com miolos, coelho guisado, e lampreia, respondeu o *Conselheiro.*

João Penha voltou-se para o cavalheiro hespanhol:

— *Tenemos para cenar sesos con uevos revueltos, conéjo guisado, y un pescáu que nosotros llamamos lamprêa, que gusta usted mas?* perguntou João Penha ao cavalheiro hespanhol, com todo o castelhano que sabia.

— *Para mi tengo una decidida preferencia para... lo todo!* respondeu, laconicamente e com a mais correcta pronuncia castelhana, o cavalheiro das Hespanhas sempre embuçado, e com o chapeu cada vez mais cahido sobre os olhos...

O *Conselheiro* trazia os pratos, e sahia logo, voltando sómente quando era chamado; foi o que valeu a Marçal, que n'esses intervallos se desembuçava para comer, como um botocudo esfaimado.

Acabada a ceia, e quando iamos já perto da porta:

— Ó sr. João Penha, dá-me uma palavrinha? disse affavelmente o *Conselheiro* Rodrigo.

Marçal que estava perto da porta galgou de um salto as escadas, e engolfou-se no bêco...

Approximamos-nos.

— Digam-me uma cousa, perguntou o *Conselheiro*, com uma gravidade de um comico impagavel, aquelle cavalheiro hespanhol não é... o sr. Marçal Pacheco?

Com mil bombas! Não respondemos nem uma nem duas; o caso foi tal, que fômos pelo corredor fóra, de gatas, a rir, suffocados...

O *Conselheiro* um dia fechou a porta; n'esse dia a cidade baixa chorou um grande chôro, como o da Biblia. O *Conselheiro* abriu depois um estanco, mas os freguezes, que acudiam á lampreia, não vieram ao charuto, ou porque a loja estivesse num sitio fóra de mão, ou porque os charutos fossem maus; maus ou bons, *Rodrigo,* como não viessem freguezes, foi fumando, fumando n'elles, deu com a loja em vasabarris, e quebrou pela segunda vez. Que triste fado o d'este *Conselheiro!*

Resta falar da Camella. Ó Musa, inspira-me! A taberna da tia Maria Camella era na cidade alta, e existia na rua, que se rasga ante a porta ferrea do edificio da Universidade.

Dentro d'aquella locanda não cabiam á vontade doze pessoas, e comtudo era tão frequentada, tão appetecida, tanta nomeada adquiriram as saborosas postas de savel frito pela tia Maria, e as bellas enguias, que ali se preparavam, que em certas noutes parece que havia incendio em alguma d'aquellas casas, tal era a multidão amotinada das serventes e

dos estudantes, que *faziam bicha* á porta, á espera que lhes chegasse a vez.

A tia Maria era de uma inteireza e de uma justiça assombrosa: o que primeiro chegava era o que primeiro era servido; tanto montava que fosse *calouro*, como *veterano*, como assiduo frequentador da casa. Apesar de bondosa, não gostava de ouvir palavras soltas e deshonestas; offendida era uma vibora, quando a tractavam discretamente, tornava-se uma pomba: era de poucas palavras — o seu bom e honesto sorriso de sexagenaria tinha, porém, uma eloquencia encantadora e uma adoravel expressão de resignada doçura; deveria ter sido linda e de uma explendida correcção de fórmas, mas fôra sempre de um comportamento exemplarissimo, o que admira, sendo ella contemporanea das mais amorudas e galhardas gerações de academicos, que bandurrearam em Coimbra.

Não era tão sómente a delicadeza e o bem alourado dos fritos que tornou lendaria a taberna da tia Camella, o preço das ceias ali comidas entrava por muita maneira n'aquella nomeada.

Eça de Queiroz, no ultimo anno da sua formatura, ceiou ali todas as noutes com João Penha, e o preço d'aquella orgia nunca passou de um tostão. João Penha, contando isto, accrescentava, como quem diz uma cousa problematica e profunda:

— E o tostão do Eça era sempre em prata! Nunca pude saber donde vinha aquella moeda mysteriosa e fatal!

A lista dos frequentadores d'esta taberna illustre é extensa e gloriosa; ali ceiaram na quadra descui-

dosa e risonha da mocidade, Ayres de Gouveia, Barjona, Martens Ferrão, Paiva Manso, homens que são hoje lentes, desembargadores, ministros e bispos; n'aquelle recinto da tasca artistica estalaram as valentes risadas das tres ultimas gerações de poetas, tribunos e philosophos de Coimbra — de Gonçalves Dias, de Soares de Passos, de Thomaz Ribeiro, de Ramiro Coutinho (hoje visconde de Ouguela), de Anthero de Quental, de Anselmo de Andrade, de João de Deus, de Luiz Jardim, de Mesnier, de Manuel da Assumpção, de Theophilo Braga, de Emygdio Garcia, de Germano de Meirelles, de Guimarães Fonseca, de Rodrigo Velloso e de José Falcão. Como o theatro academico fica proximo, toda a celebridade artistica que ia representar a Coimbra, visitava a tia Camella.

Entraram ali Antonio Pedro, Taborda, Cesar de Lima, Noronha, o Paganini vimaranense, Rosa Senior, e o tragico Rossi, que uma vez, alta noute, na duvidosa penumbra da tasca, recitou o lugubre monologo do Hamlet.

Sublime!

A tia Camella ouvia, surpreza e espavorida, todas aquellas palavras soturnas e hallucinadas, e, não ousando fitar o eminente artista, conservava os olhos baixos, no chão, como uma escrava diante de um Kalifa.

João Penha frequentou, durante quasi tres lustros, sem faltar uma só noute, a taberna da tia Camella: d'esta assiduidade inalteravel nasceu uma profunda sympathia da bondosa velha pelo poeta. Nos dias em que não havia peixe, uma tristeza immensa envolvia as almas de todos os habitantes da cidade alta,

o lucto era geral: e quando João Penha, impassivel com a regularidade de um chronometro se dirigia para a cidade álta, de varias janellas se debruçavam vultos desesperados e afflictos, que exclamavam:

— Não ha peixe, João, a tia Camella não tem peixe. *Lugete, Veneres, Cupidinesque!*

O poeta, acompanhado por aquelles que não duvidavam da sua estrella, caminhava sempre e ao entrar na tasca a *troupe:*

— Então, tia Maria, que peixe temos? indagava.

— Peixe? respondia ella, com a sua voz cantada, em que transparecia uma ingenua malignidade, peixe hoje? Não o houve na praça, nem para o sr. Bispo Conde, nem para os missionarios das Theresinhas.

Dizendo isto, sahia para fóra do balcão, examinava curiosamente a rua e os transeuntes, corria depois intrepidamente os ferrolhos á porta, e abrindo mysteriosamente uma gaveta, tirava de dentro um prato... com duas magnificas enguias.

É escusado dizer que as duas enguias eram fraternalmente repartidas e devoradas sofregamente, com um appetite heroico. Depois da comesaina — a conversa.

Que longos e patuscos os colloquios entre a tia Maria e João Penha! O assumpto d'essas conversas era ordinariamente um só: qual seria o côro das virgens, em que a tia Maria seria encorporada, quando morresse.

— Do que tenho pena, dizia ella com lagrimas na voz arrastada e trémula, é de não poder ir para o côro de Santa Ursula, que é o primeiro em grandeza.

— Porque?

— Porque para esse côro só vão as virgens que morrem meninas.

— É exacto. Mas socegue, tia Maria: eu que sou lido nos sagrados canones, posso affirmar-lhe que lhe ha-de ser dado logar n'um côro distincto, porque depois d'elle ha ainda dois.

— Sim?

— É o que lhe digo: ha o côro das virgens... do acaso, e o côro das virgens... por força maior das circumstancias.

E rematando com este ou equivalente dito o divertido colloquio, sahia João Penha da tasca e dirigia-se para a Couraça de Lisboa, por onde áquellas horas desciam alegres e festivos bandos de artistas, cantando ao som da viola de arame, as petulantes e a um tempo gemebundas trovas do *Choradinho*, e do *Fado de Buarcos*.

João Penha, entrava em casa, na Couraça de Lisboa, levantava a vidraça das janellas do seu quarto, e antes de se deitar, espraiava a vista por todo aquelle panorama do Mondego, tão poetico, tão dôce, tão pittoresco! As rans coaxavam nas insuas do rio, onde se espelhava o luar, os latidos dos cães das quintas marginaes repercutiam-se, de quebrada em quebrada, somnolentamente, somnolentamente... os rouxinoes cantavam, e os gemidos das violas esmoreciam ao longe pouco e pouco... perdendo-se no dédalo das estreitas ruas da cidade baixa...

João Penha, depois de contemplar por algum tempo aquelle formosissimo quadro indescriptivel, deitava-se, e d'ahi a tres horas, com a regularidade infallivel que punha em todos os actos da sua vida, estava

á meza do estudo, trabalhando como um benedictino e resgatando por aquella forma as horas, que déra prodigamente á indisciplina bohemia do seu viver nocturno.

III

João Penha foi o que os jovens engoiados de hoje não são nem podem sêl-o, foi moço, riu com o bom riso vermelho que tão bem assenta nos labios da juventude, teve um estomago gargantuano, teve saude, teve jovialidade, teve lenda, foi o ultimo estudante de Coimbra.

Realisou o *sonho*, a *visão*, o *azul*, em plena vida burgueza e constitucional, não dando ao mundo a importancia de se aborrecer n'elle, como lhe dizia Eça de Queiroz.

Á lendária, turbulenta e enthusiastica geração de Anthero de Quental, de Azevedo Castello Branco, e de José Falcão, succedêra uma geração doentia, de gengivas molles e desbotadas, timida, curvando a espinha na passagem do seu lente, engulindo a *sebenta* até ás fezes...

No meio d'estes estudantes, envelhecidos, tristes, macambuzios e sôrnas, estourando de subtilezas escolasticas, sabendo maravilhosamente as ribaldarias do sophisma, o bello rigor contundente do sillogismo, e não ignorando como se conclue um argumento *in modo et figura*, saturados, até á medulla, de metaphysica nebulosa e incomprehensivel, o vulto de João Penha destaca e sobresáhe gloriosamente, como

uma flôr orvalhada e viçosa n'umas ruinas, como a fanfarra matinal de uma sonora trompa de caça na gruta de um anachorêta.

Mas João Penha não levou a vida simplesmente a rir, a folgar, a pantagruelisar, e a celebrar

la louange
De son ami le bon Bachus,

na humidade claustral das tabernas ou sob a ramaria fresca e copada dos salgueiraes do Mondego.

Atravez das suas aventuras o trabalho sorri.

Humanista, podendo ouvir de si o que Chapellain dizia de Molière: «este rapaz sabe latim!», conhecedor da lingua, tendo um gosto educado finissimo, o gosto que modera e harmonisa, uma leitura abundante e variada, uma intelligencia culta, progressiva e reflectida, João Penha concorreu, e não pouco para a direcção do moderno movimento poetico.

O grito revolucionario, solto pelos celebres dissidentes de Coimbra, produzira grande abalo, os animos estavam desprevenidos, a sensação fôra violenta de mais, e d'ahi resultou que os discipulos e os proselitos faltaram.

A revolução dos coimbrões fôra platonica, philosophica; a extranheza dos assumptos das poesias de Anthero de Quental e de Theophilo, quasi sempre metaphysicos, transcendentaes e nebulosos para a maioria dos leitores, apavorou os timidos, agastou os antigos, desanimou os principiantes. A poesia cahira n'um desanimo e n'uma hesitação extraordinaria, symptomas tristissimos que se dissiparam com

*

o apparecimento da *Folha*, periodico dirigido por João Penha.

A *Folha* foi um acontecimento: acreditava muita gente que a poesia morrera, que já não havia mocidade, que o riso acabára, e vai, senão quando, de subito, inesperadamente, apparece no horisonte litterario um poeta, cujo nome era ignorado nas regiões officiaes, realisando todos os predicados para attrahir as vistas e grangear applausos; não era futil, não era banal, tinha *verve*, inspiração, uma larga veia humoristica, original e expontanea: sabia manejar o verso, como um mestre, dando-lhe relevo, graça, harmonia e musica, e conhecia na ponta dos dedos os processos, as formulas, o difficil contraponto d'essa arte, que com tanto desamor fôra tratada pelos poetas revolucionarios.

João Penha, cujo viver vagabundo e divertido tanto se assemelha ao do poeta francez do seculo XVII, Saint-Amand, reuniu á fogosa indisciplina de um *goinfre* as altas e serenas qualidades de um mestre.

Sim, um mestre e um director, que duvida! Havia exhuberancia de ideias, de philosophias, de systemas, mas a fórma, o gosto e o estylo não estavam definitivamente determinados: ao renovamento das ideias, não correspondera o renovamento da fórma litteraria.

A João Penha, parece-nos, se deve o complemento da obra dos que com tamanha intrepidez deram impulso á nova corrente poetica. Não exaggeramos: de 1868 — apparecimento da *Folha* — para cá, vejam se não encontram nos poetas portuguezes um

notavel progredir na factura, no lavôr e na perfeição nitida do verso. É incontestavel n'este ponto a influencia de João Penha.

Na *Folha* appareceram e se aperfeiçoaram alguns dos melhores dos modernos poetas portuguezes: — Anthero, Guerra Junqueiro, Simões Dias, C. de Figueiredo, Souza Viterbo, M. Duarte de Almeida, Manoel Sardenha, Guilherme Braga, Joaquim Fontellas, Eduardo Cabrita, etc. etc.

Guerra Junqueiro, o famoso e pujante matador do frascario D. João, entrando na *Folha* repleto de romantismo, de reticencias e de admirações, sahiu positivo, sobrio, grammatical, quasi classico: n'este poeta, um dos primeiros entre os modernos, assim como em quasi todos os que escreviam na *Folha*, notará o que se der ao incommodo de lêr esse periodico a benefica e salutar influencia do exemplo de João Penha, que sobrelevava a todos pelo imprevisto das imagens, pela excellencia e pela elegancia do boleio da phrase, pela felicidade harmoniosa dos epithetos, pela sonoridade das rimas e pela marmorea plastica do verso.

Antes de tomar a direcção da *Folha*, João Penha escrevera já dois poemas heroe-comicos, o *Tancredo*, em oitava rima, dividido em seis cantos, e, mais tarde, o *Onofre*, tambem em oitava rima, e repartido em quatro cantos; tanto um como outro d'estes poemas, que são d'uma correcção admiravel e camoneana, faz-nos o effeito de um magnifico e opulento palacio, frio, deserto, abandonado, sem vida, onde não eccôa a voz humana e onde se não repercutem as risadas e o mimoso chalrear das creanças.

Escrevera tambem sobre o joelho, de improviso, nas costas das bancadas das aulas, pelos albuns, nas venerandas *sebentas*, epigrammas, *triolets*, facecias, em que bem claro se distinguia o vestigio da garra do humorista, e que ajudaram a robustecer-lhe a lenda. Assim, de um estudante, que tinha um nariz singular pelo afogueado da còr, dizia:

Tamagnini da Encarnação
Tem na ponta do nariz
O colorido feliz
De uma rosa do Japão.

A um condiscipulo chamado Ennes mandava esta quadra:

A lettra dos teus assumptos
Bem nos demonstra quem és,
Vale dous *nn* bem juntos,
É letra de quatro pés.

A outro condiscipulo, lindo, rosado e timido como uma donzella, chamado Larcher, perguntava:

N'este caso desatino
Tu és Lárcher ou Larchér?
Tu és homem ou menino?
Tu és menino ou mulher?

De um padre que não era positivamente um Apollo... na formosura, entenda-se, dizia:

Vêde-o ali tão triste e só,
No seu logar, posto ali :
É como sobre um cipó,
Um padre mestre saguy!

Alves de Moraes, estudante distincto, e hoje causidico de nomeada em terras transmontanas, escrevera um livro socialista intitulado *Morte á Morte.* João Penha recebe o livro á entrada da aula, lê-o, pasma, e escreve por baixo da dedicatoria affectuosa:

O Moraes, um pulso forte,
Um guerreiro antigo, um cabo,
Chamou a terreiro a Morte
E deu-lhe um couce no r...

Como um philosopho que contempla e observa a inanidade do destino humano, e a quem o espectaculo da nauseante vaidade universal faz sorrir, João Penha, assentando o seu ideal fixo e luminoso na volupia e no prazer do vinho, enlevado como um Soufi Persa, a quem as bebidas e o amor arrancam ao contacto immundo da terra, para o elevarem ao sentimento da realidade, aconselha bondosamente a um amigo:

Ao demonio da ambição
Não dês entrada no peito,
Não sejas juiz eleito
Inda que o peça a Nação.
Se da guerra a convulsão

A tua espada requer,
Suba ao poder quem quizer,
Faz pé atraz retinente.
Que o prazer está sómente
« No bom vinho e na mulher. »

Não queiras sceptros de reis,
Nem os pantufos do papa;
Deixa os imperios no mappa
Foge de vis europeis.
No mundo os grandes papeis
Só trazem morte ou desgraça,
« Emprega o tempo na caça
Das Venus de facil preza,
E nas delicias da meza
Onde espuma a rubra taça. »

Goze este em ser deputado,
Ou ministro, ou regedor,
Aquelle em ser trovador,
Ou general celebrado...
Mostra-te mais avisado,
Do vinho, do amor só cura:
« A vida só brilha e dura
Como a luz do pyrilampo:
Do prazer o estreito campo
Não transponhas com loucura. »

Os melhores, os mais originaes e engraçados d'estes improvisos, são os que infelizmente não nos é permittido publicar, por causa da crua nudez da phrase e da ideia, visto que o seculo XIX não é o

seculo XVIII, e visto que para certos versos deve haver logares reservados, onde não seja permittida a entrada de toda a gente, como em determinadas salas dos museus pathologicos.

Não é n'estes nem nos versos do genero dos que transcrevemos, como é bem de vêr, que repousa a potente individualidade de João Penha: é nos esplendidos sonetos do *Vinho e Fel,* e em quasi todas as poesias com que elle illuminou e alegrou as paginas da *Folha*, sobretudo nos tres primeiros annos d'esse periodico.

Façamos justiça: João Penha foi quem revocou á vida o soneto; esse precioso vaso antigo, dentro do qual cahiram as lagrimas dos poetas, que souberam amar e padecer, de Petrarcha, de Shakspeare e de Camões, este molde moido pelos bocagianos, e espontapeiado pelos romanticos, achando no poeta do *Vinho e Fel* um adorador extremoso e enthusiasta, foi de novo e definitivamente implantado entre nós, sendo cultivado hoje por todos quantos metrificam em linguagem portugueza.

É nos perfeitos e correctos sonetos do *Vinho e Fel*, de que daremos amostras adiante, que se revela a nota original e caracteristica do poeta. Foi com estes admiraveis sonetos que elle acordou e excitou a attenção da critica contemporanea, que o recebeu com enthusiasmo e jubilo; foi com elles que João Penha logrou alcançar aquillo que todo o poeta e artista ardentemente ambiciona, quer dizer, dar ao gosto litterario uma sensação desconhecida e nova.

Taine, o eminente critico, affirma que um grande

escriptor é aquelle, que tendo paixões, sabe o diccionario e a grammatica.

Ora João Penha sabia o diccionario e conhecia perfeitamente a grammatica, e teve paixões — soffreu, amou e padeceu.— Sob a veste jogralesca e faceta dos seus primorosos sonetos sente-se estremecer um coração; no marmore explendido d'aquellas estatuas, que parece que se contorcem n'uma expressão de alegria brutal e doida, como a *Dança* do Carpeaux, escorrem e se crystalisam lagrimas de sangue...

O estylo perfeito d'esses versos, as suas rimas opulentas, a sua fórma impeccavel, são predicados que, quando muito, fariam de João Penha um versificador habil e d'uma execução completa, um ourives da palavra, obstinado e paciente, mas nunca o elevariam á plana de um poeta, na alta accepção da palavra.

Não, elle não proscreveu dos versos a eloquencia, a alegria, a paixão, o enthusiasmo, e a melancolia; o seu enthusiasmo, porém, é sincero, a sua eloquencia, a sua alegria, a sua paixão tem o cunho da verdade, e a sua melancolia é mascula e viril.

O *Vinho e Fel*, poemeto de quarenta magnificos sonetos, é a traducção fiel e dolorosa de um amor leal e profundo, o primeiro e unico da mocidade do poeta, e ao mesmo tempo a explendida revelação do mais insigne humorista dos nossos dias.

Os sonetos do *Vinho e Fel* começam quasi sempre n'uma queixa, n'um brando murmurio amoroso, n'uma doce expressão de vaga tristeza, e quando o leitor vai seguindo a leitura, curioso, quasi enterne-

cido, de subito, bruscamente, ouve estalar uma risada, e escuta uma phrase rabelesiana e uma imprecação ironica e sarcastica.

Transcrevemos alguns d'esses sonetos, por dois motivos: porque nem todos os leitores da *Renascença* conhecem esses versos, e para que não julguem que exaggeramos os meritos do poeta. Eil-os:

A dôce paz tranquilla e a segurança,
Em que eu levava a alegre mocidade,
Foram nuvens n'um ceu de tempestade,
Que d'ellas ninguem sabe ou tem lembrança.

Pobre de quem na vida se abalança
A amar com fé, e alma, e lealdade!
Em longo veu de triste escuridade
Verá perdida a limpida bonança.

Oh! que nem tenha um coração amigo,
Que me alente no páramo terrestre,
E me acompanhe ao funebre jazigo!

Dá-me esse onágro de vigor silvestre,
E os ôdres pandos, oh Sileno antigo;
Ensina-me na dôr: só tu és mestre!

Nunca do amor a resplendente chamma
Te fulgurou na lúcida pupilla:
No meu romance, placida e tranquilla,
Jámais foste mulher, porque eras dama!

Da vingança pensei no torvo drama,
E nas ancias vivi de quem vacilla,
Vi-te feita de barro: eras d'argilla,
Fragil estatua em pedestal de lama.

E caminhei nas sombras da saudade
Immerso n'esta dôr, que me devora
As rosas da perdida mocidade:

E a caminhar no escuro e sem aurora,
Aos páramos cheguei da soledade...
Triste d'aquelle que nas trevas chora!

Quando escondido em teu jardim florido,
Te vi sahir das aguas murmurantes,
Postas as mãos nas pômas palpitantes,
Solto ao vento o cabello humedecido;

E, sorrindo-te, o corpo enlouquecido
Reclinaste nas relvas ondeantes,
Dando-me assim aos olhos coruscantes
Uma estatua de marmore polido;

Não tive, como a santa Biblia conta,
As ideias dos lúbricos juizes
Vendo a nua Suzanna, que se affronta.

Desejei-me nos barbaros paizes
Dos cannibaes, e tive a ideia tonta
Do selvagem voraz: não te horrorises!...

Hontem no baile por fatal desgraça
Não foi de vinho que fiquei replecto:
Mas d'esse immenso, arrebatado affecto,
Que as almas vence, e os corações enlaça.

Feriu-me como o raio, quando passa,
Fere no monte o solitario abeto:
Agora vivo d'esse amor secreto
Eil-a quebrada, a generosa taça!

Foi-se o tempo das sordidas orgias:
Unido á bella em marital socego
Vão dentro em pouco deslisar meus dias.

Seja a torrente um placido Mondego:
A minha taça — um copo d'aguas frias,
O meu bello — o presunto de Lamego!

Que seria de mim, n'esta anciedade,
Sem a taça que os animos alenta,
Que nos transporta em dias de tormenta
Para longe da triste realidade!

Essa mulher gentil, que sem piedade,
Por mim fingira uma paixão violenta,
Ri-se agora do amor que me atormenta,
Ri-se ha muito da minha ingenuidade.

Podia, modelando-me no Othelo,
Ou no Sire feroz, que a trova canta,
Tirar-lhe a vida a golpes de cutelo.

Mas em logar de sangue e furia tanta,
Derramemos n'esta alma o licôr bello,
Que do pampano brota e a vida encanta.

Em todos os versos de João Penha, que são como que o poema da sua mocidade, palpitam, estremecem, gritam, eccôam, ulullam com uma verdade intensa e profunda, as dôres, os desalentos, as cóleras, as risadas, e a indignação do poeta e do amante. Quando a duvida o empallidece, quando a suspeita lhe morde o coração, quando o ciume o aperta nas rôscas viscosas e serpentinas, o animal bravio, que dormita em todos nós, acorda, esbraveja, espuma, e as injuriosas invectivas de Othello, allucinado pelo ciume, acodem-lhe violentamente á bocca, e jorram-lhe em catadupa n'uma exaggeração indignada:

N'esta vida fatal, ai de quem pensa
Encontrar na mulher pudor e brio!
Em breve um desengano acerbo e frio,
Lhe desfará as illusões e a crença.

Mulher! vai teu caminho: na licença
Ceva do corpo ardente o desvario;
Nem repares no meu viver sombrio,
Nem te chores da minha dôr intensa.

Que um dia, quando a sordida impureza,
Que o viço cresta e o rir no labio apouca,
Te consumir a explendida belleza;

E pedires com voz sumida e rouca
A triste esmola da cruel pobreza,
Então me chorarás, cabeça louca!

Não me provoques mais. Esta brandura
Encobre d'um jaguar a furia horrenda:
Vai lêr do Mouro a pavorosa lenda,
O mésto quadro da vingança escura.

Tu és como essas miseras impura
Que o vicio expõe no lupanar á venda!
Nem mais te quero vèr na triste senda,
Que te leva aos abysmos da loucura.

Perdi-te. Mas a flôr que no occidente
Viu moribundo o sol, ergue a corolla
Aos orvalhos da aurora resurgente:

Sigo os preceitos da moderna escola:
— Não ha dôr que resista a um vinho ardente,
Nem ao facil amor d'uma hespanhola.

Hontem de noute, já depois que a lua
No occidente occultára a face mésta,
No teu jardim, por ignorada fresta,
Nos braços te vi d'outro, semi-nua!

Eras pois d'essas miseras da rua,
Eras mais vil, mulher, mais deshonesta!
E não morri d'aquella dôr funesta...
Tu mal dizias: «... meu amor, sou tua!»

Ir ter ao lôdo, andando nas estrellas!
Oh! minhas pobres illusões venustas,
Que me resta de vós, que é feito d'ellas?

Mas, para que chorar? gentis, robustas,
São d'uma estatua, as fórmas que revelas:
Dize: és tu mesma que o negocio ajustas?

A commoção é profunda, a cólera é selvagem e brutal, mas que intensidade de vida, e que expressiva verdade não ha ahi!

Lembram-se? Othello injuriou Desdemona, cuspiu-lhe no rosto as palavras mais crueis e infamantes, e condemnou-a; a branca filha dos doges morrerá ás mãos do esposo ultrajado e justiceiro: de repente, porém, o Africano enternece-se, pranteia a formosa que vai morrer, e as suas palavras, ainda ha pouco tão impetuosas e vehementes, suspiram, como um suave arrulho, cheio de inefavel melancolia: «ó flôr selvagem tão adoravelmente bella — e cujo perfume tão suave embriaga dolorosamente os sentidos — quizera que nunca tivesses nascido!»

No poeta do *Vinho e Fel* á injuria, á imprecação, á violencia ferina e tumultuosa succede o esmorecimento, a tristeza, e uma extranha e melancolica piedade:

Sob o influxo da negra phantasia,
E do ciume fatal, que me atormenta,
Furioso insulto com paixão violenta
A Musa, que nas sombras me alumia.

E és tu, n'esta idade sem poesia,
O lyrio que em minh'alma se alimenta!
Eu, porém, sou qual féra truculenta,
Que esmaga aos pés a flôr que lhe sorria...

Não quero o teu perdão que o não mereço;
Ai! seja o teu desprezo o meu castigo,
E morra d'este mal de que padeço.

Mas que ao menos no funebre jazigo,
Em recompensa do meu fado avêsso,
Eu fique em marmore a dormir comtigo.

Mas a paixão cresce, dilata-se, ondeia, cresce em serras e transborda, e o molde severo e rigoroso do soneto estoura, não podendo conter todo esse mar de indignação e de colera, que referve e estúa no peito do poeta.

O desespero continua, o ciume solta rugidos formidaveis e o improperio dilacera a victima:

Foi rude, senhora, o choque,
Foi segura a punhalada!
Nem melhor vibrára o estoque
Um assassino da estrada.

Aborrecera-lhe a farça,
O casto veu das amantes,
E partiu, de coma esparsa,
Na corêa das bacchantes!

Eu já presentira a sorte
D'uma vida sem bonança,
E lia, cheio de morte,
O « lasciate ogni sperança » !

Vira nas dobras da stringe
Na vestal da etherea chamma
A nodoa, que o vicio tinge,
Da côr impura da lama!

E n'esse penar immenso
Inda veria nutante,
Como o naufrago suspenso
D'uma palha fluctuante!

Agora nem vejo os traços
Do temporal desabrido,
Sómente me fere a espaços
O flebil som d'um gemido.

Foi como a visão das plagas
Que o mar desenha na espuma:
A lucta de imagens vagas,
Que se dissolvem na bruma.

Nas *Lagrimas de crocodillo* o poeta diz cheio de acre azedume:

Não chores, Maria! o pranto
Que turba teus olhos lindos,
Vai roubar á terra o encanto
Da visão dos ceus infindos.

Poupa-me o resto da farça
De teus fingidos amores:
Nem tanto vale um comparsa
Do côro dos trovadores.

N'essa fronte pensativa,
N'essa pagina tão bella,
Tens impressa a nodoa viva,
Que teus instinctos revela.

És da raça dos abutres
E vendo a rôla que parte,
Em teu animo só nutres
O desejo de vingar-te.

E remata sarcasticamente:

Solta essas tranças ao vento,
Nem por tão pouco entristeças,
Vê que passa um regimento,
O pachá de cem cabeças!

Pena é que não possamos reproduzir todo esse poema elegiaco, em que a Dôr e o Ciume se lamentam com tão digna e sobranceira altivez.

Um dia a inspiradora dos versos de João Penha partiu, o poeta viu-a sahir de casa, collocar com petulancia o pé leve e pequeno no estribo da carruagem, saltar para dentro, e sentar-se ao lado da mãe e das irmãs, risonha, feliz, radiante... e ouviu depois o rodar do trem...

Passados dias, a *Folha* publicava o *Ultimo adeus*,

*

que é a derradeira e sentida estrophe do poema amoroso da vida do poeta :

Não venho, senhora minha!
Ao som d'um threno choroso,
Lembrar-lhe a historia mesquinha
D'um romance desditoso.

Foi-se o tempo das baladas,
E os Romeus dos nossos dias
Não sabem das alvoradas,
Nem da voz das cotovias.

O Mouro da tez adusta,
Quebrando o punhal sangrento,
Nem Desdemonas assusta,
Nem solta canções ao vento.

Que o deus das faces mimosas,
A loria creança imberbe,
Hoje dura como as rosas
Da poesia de Malherbe.

Eu quiz um sonho mais largo,
E no banquete da vida
Deu-me a sorte um fel amargo
N'uma taça corrompida.

E quando afflicto e convulso
A quiz arrojar ao longe
Senti-me escravo, e no pulso
Tinha os cilicios d'um monge.

Mas perdão, senhora minha:
Que não venho em tom choroso
Lembrar-lhe a historia mesquinha
D'um romance desditoso.

Venho, enxutas as pupillas,
E conforme as etiquetas
Depôr-lhe nas mãos tranquillas
Este ramo de violetas.

Deu-m'o ha pouco uma andaluza,
Que o recebeu d'um toureiro;
E d'esta origem confusa
Vem-lhe um destino agoireiro.

Que bello na trança linda,
Que bem no fino thesouro!
Mas ha-de enfeitar ainda
As pontas curvas d'um touro.

Em todos esses versos as *notas agudas do pifano misturam-se ás graves do violoncello*, a ironia e o sarcasmo entrelaçam-se á melancolia, a gargalhada estridente funde-se no grito dilacerante do desespero.

Se a transcripção nos não levasse longe, transcreveriamos as poesias *Tempestades, Nupcias, Alma e corpo, Locusta*, o *Baile do Burgrave*, uma tela de Rubens temperada pela philosophia de Hogarth, *a Trança de Maria*, d'onde destacamos esta formosa quadra:

Qual a flaccida lampreia
Se enrosca, aos saltos, na pôça
Tal nas espaduas da moça
A trança gentil se enleia.

e ainda a poesia *Á beira-mar*, que principia por esta quadra, que parece orvalhada pelas lagrimas da Melancolia:

Ai! que tristeza quando o sol desmaia
Ao longe, ao longe, nas ceruleas vagas,
E a noite desce á merencoria praia.
E o lumbo chora nas longinquas plagas!

Emfim, seria um nunca findar, tantas e tão excellentes são as poesias que o poeta escreveu e semeou, com a prodigalidade de um Buckingham, por todos os periodicos litterarios de Coimbra.

Ao que não resistimos é á reproducção total da *Balada,* formosa composição, que tem a viveza, o primor e a graça de uma risonha bacchanal, palpitando de vida, no baixo-relevo de um sarcofago grego:

Essa mulher, que em sonhos me tortura,
Nas feiras de Stambul fôra sem preço!
Que face bella na subtil moldura!
Que labios sensuaes, que rir travesso!
Que mão se aponta que em Sevilha rufe
Mais doce e linda o sonoroso adufe?

A chamma ardente de seus olhos brandos,
Fontes de mel ou de peçonha amára,
Á clausura dos monges venerandos
Mais que o demonio tentações levára:
  Contra os filtros subtis d'uns olhos pretos
  Nem resiste o pavez dos amuletos.

Mas no pé, n'esse mimo sem quilate,
Causa perenne do feminio arrufo,
É que a gentil morena o luxo abate
Das glorias mais sublimes do pantufo.
  Esse que o nega sem medir a affronta
  Que vinho encerra na cabeça tonta?

Um sapateiro illustre e cavalheiro,
Ao tomar-lhe o contorno da botinha,
É voz que disse d'alma e verdadeiro:
« Se eu fôr um dia rei, salvé rainha! »;
  E que vendo perdida a ingenua phrase
  A propria fronte decepou da base.

Pé flexivel, sem tumido capricho,
Excedera o da célere Atalanta!
Na China um mandarim dera o rabicho
Por uma dama de tão breve planta.
  Que selvagem de rabido colminho
  Se detivera no chapim casquilho?

Contrario ao da mulher que á serpe esmaga
No globo azul a fronte de esmeralda,
Ergue-se o amor em furiosa vaga
Mal o divisa nos setins da fralda.

Mas interrompa-se a epopeia lesta,
Que já vacilla o fogareu de Vesta.

Depois de formado, João Penha abandonou o atalho caprichoso e pittoresco da poesia, pela estrada severa da jurisprudencia, apeiou-se do Pegaso para se amezendar pachorrentamente no dorso da manhosa rabulice.

Procederam como elle dois dos poetas mais insignes do Porto, Soares de Passos e Alexandre Braga; ambos estes poetas, porém, antes de renegarem da poesia, a quem deviam tantos mimos, colligiram em volume os versos da sua mocidade, e lançaram as suas poesias ao publico, talvez com a mesma saudade, com que o rei de Thule atirou a sua taça ao mar...

Porque não faz João Penha o mesmo?

Reunindo em volume as innumeras poesias, que andam dispersas pelas folhas periodicas, o poeta alcançaria entre os modernos o eminente logar a que tem incontestavel direito pela sua poderosa e original individualidade, e não olharia com melancolico despeito para os que partiram depois d'elle e já vão tão proximos da bahia, nos Jogos Olympicos da Arte e da Poesia.

Um livro só, dirão, é pequena e modesta bagagem para o renome, para a popularidade, e para a gloria; devemos, porém, lembrar-nos que dos cincoenta volumes do abbade Prevost sómente um sobrenadou e chegou á posteridade — *Manon Lescaut*, uma perola — e que se Boccacio é hoje conhecido,

não foi porque levou os ultimos annos da vida a escavar e a desenterrar os manuscriptos da antiguidade, a prégar durante dez annos, n'uma egreja, a palavra do Dante, a compilar eruditos e laboriosos tratados de historia, mas simplesmente porque escreveu, quando moço, e *forçado por quem tinha grande poder na sua alma*, como elle proprio diz, cheio de contricção, um livro risonho de contos licenciosos, que lhe deu a immortalidade e a gloria — o *Decameron*.

Lisboa, 22 de julho de 1878.

MEDALHAS

I

Ramalho Ortigão

É alto e de uma constituição robusta e sanguinea.

A cabeça poderosa e altiva, a bôca humida e saudavel: nos meandros do labio um tanto bourbonico doideja a miudo um sorriso malicioso, illuminando-lhe o rosto energico e accentuado. Observa sorrindo.

Os cabellos negros, abundantes, lustrosos; a fórma das suissas regular, geometrica; o bigode frisado, petulante.

O pescoço solido, firme, antigo, faz lembrar o de Danton, tirante a côr bronzeada.

Quando anda o seu corpo apruma-se; o seu pisar tem uns leves geitos de impertinencia; deviam de pisar assim os *talons-rouges* da Regencia.

Trez vezes elegante: no livro, na conversa, na *toilette*.

Adora o luxo como Alcibiades, as viagens como Alexandre Dumas, as artes como o barão Taylor, e as virís commoções do perigo como... um toureiro.

II

Julio Cesar Machado

Trez elementos compõem esta physionomia: intelligencia, alegria e bondade.

O nariz tem a aresta um poucochinho larga; as narinas são abertas, frementes, impressionaveis; a cabelleira é meridional, cheia de reflexos, fluctuante como as plumas de um capacete antigo.

Os olhos, posto que tenham as palpebras um tanto pesadas são grandes, magnificos, perscrutadores.

O rosto cheio como o de Janin; o bigode caído, arqueado, negro e pequeno como o de Balsac, deixa que se entrevejam uns labios polpudos como os de um Ephebo.

De estatura regular, e parecendo debil porque é lymphatico, Julio Cesar Machado sustenta comtudo aos hombros com uma elegancia florentina as batalhas trovejadas da *Revolução.*

O seu estylo tem a frescura das eclogas syracusanas; é adoravel como uma pagina de amor e malicioso como um raio do sol que brincou na aza do primeiro beijo de Eva.

Descuidoso como as creanças, fecundo como os rios africanos, bondoso como os patriarchas da Hellade.

III

Thomaz de Carvalho

Se o conhecem, digam-me se já encontraram conversador mais prestigioso, intelligencia tão malleavel e coração de mais fino oiro.

Cathedratico, homem do mundo, academico, elle é decerto uma das mais distinctas individualidades da Lisboa das Letras, da Arte e da Sciencia.

O que mais impressiona n'aquelle rosto são os olhos e a bôca.

Aquelles, que são de uma impagavel malicia, observam ironicamente, por detraz do limpido crystal dos oculos, a Tolice que passa coberta de lantejoulas e applaudida pela matula.

A bôca, essa ora se distende graciosamente deixando vêr a dôce brancura de uns dentes unidos e scintillantes de delicado *gourmet*, ora se franze de uma maneira singular e picante e é então que o sorriso se communica por um inexplicavel magnetismo a quem quer que tenha a preciosa ventura de o escutar já no Chiado, já em um entre-acto da camara, já em S. Carlos.

As faces são magras, sorvidas pelas austeras vigilias do estudo e desmaiadas pelos asperos combates da vida.

O nariz deprime-se na nascença, arqueia-se no meio, e descae rapidamente na extremidade, onde se accusa uma ligeira fenda tomando a intrepida fórma do bico dos condores.

A suissa, a sua grande vaidade, desce em flocos de neve tufada, abundante, macia e longa, indo morrer em ondulações caprichosas nas lapellas da sobrecasaca.

O queixo redondo e solido; as maçãs do rosto salientes como as de Gambetta; a testa espaçosa.

Visto de frente, o rosto d'este amavel professor tem uns longes d'aquelle animal pequenino e furtivo, que representa a finura e a graça em muitas das deliciosas fabulas de Lafontaine.

Chamam-n'o sceptico, os que de leve o conhecem; não será todavia difficil de encontrar um Horacio Bianchon, que o tenha visto na sombria nave solitaria de alguma egreja assistindo á missa com o religioso respeito e a devota uncção do famoso Desplein.

IV

Teixeira de Vasconcellos

Ah! como a physionomia d'este terrivel polemista é expressiva, espirituosa e diabolica de malignidade e de ironia!

O nariz ergue-se formidolozo no meio d'aquelle rosto comprido e bronzeado como o de um *gitano:* as narinas poderosamente cinzeladas dilatam-se frementes e largas a ponto de nos acudir á memoria em frente d'esta extraordinaria feição o verso de Marcial:

«*Non omnibus datum est habere nasum*».

Os olhos de um brilho metalico fuzilam chispas de fogo e teem a dominadora limpidez penetrante dos exploradores costumados á fulva magnificencia dos juncaes; a fronte ampla, firme e vigorosa resguarda como o bojo do Cavallo dos Gregos, a Força, a Sagacidade e o Talento.

O bigode rebelde, diminuto e raro, contrasta com as sobrancelhas encrespadas e violentas.

A bôcca, como devera ser a de Rabelais, denota appetites insaciaveis e homericos; as maxillas ro-

bustas; o queixo saliente começando a duplicar-se; as mãos formosas como as de Aspasia.

E todavia este trabalhador, para quem é rigoroso preceito o *nulla dies sine linea,* este incansavel jornalista ardente e vivaz, que tanta vez tem feito cair por terra a mais de um batalhador afamado, e a quem nós concebiamos magro e agil como Benvenuto Cellini começa, ó mysteriosa Physiologia! a tomar a obesidade do ventripotente Vitellio e entra-nos então no espirito a ideia de que os livros de Paulo Courier devem ter para Teixeira de Vasconcellos o mesmo prestigio e merecer-lhe o mesmo affecto que a *Physiólogia do gosto* de Brillat Savarin, e que para elle os artigos energicos e vigorosos de Girardin não sobrelevarão em meritos e em sabor a um *Prato de arroz dôce.*

V

Guerra Junqueiro

Nasceu perto de Hespanha; d'ahi vem que a sua physionomia tem o seu tanto de hespanhola.

Nos seus olhos de um pardo vivo e brilhante condensaram-se todos os ardores d'aquelle sol que morde com beijos de fogo as mulheres da Andaluzia.

A fronte encastoada, tendo como que reflexos, faz-nos lembrar a lisa transparencia polida dos espelhos de Syracusa.

É d'ali que partem os raios que incendeiam as temerosas armadas da Ignorancia, do Fanatismo e da Hypocrisia.

O cabello curto, corredio, negro; o nariz um pouco pronunciado, ligeiramente aquilino: o bigode aspero e pequeno como o de Scaramouche desguarnece os cantos de uma bôcca francamente rasgada e onde bastas vezes desabrocha a flôr doentia e satanica do sorriso de Voltaire.

O queixo ousado e energico; as mãos compridas, osseas e fortes.

Junqueiro é baixo como Horacio, como Attila e como Castellar; ha todavia no seu pequeno corpo esbelto a linha ondeante e elastica de um *capitan* sanguineo e resoluto, que no meio d'esta horrorosa de-

composição que atravessamos, parece desafiar o céo e a terra e gritar como o valente do Romanceiro hespanhol:

«A todos los desafio
Pues a nadie tiengo miedo!»

Como é formoso e apropriado o appellido d'este joven poeta!

Guerra!

VI

Camillo Castello Branco

A primeira vez que o vimos foi na casa Moré do Porto.

Ha que tempos isso foi!

Parece, porém, que o vemos ainda esbeltamente embuçado em um capote hespanhol, farto e elegantissimo, calçando botas floreadas que lhe subiam acima do joelho, e trazendo na cabeça inquieta e nervosa um chapéo alto preto, sem lustro, de abas direitas e largas.

Sem este ultimo accessorio poderiamos tomal-o por um d'aquelles cavalleiros do seculo XVI que os felizes admiram nas télas do grande Ticiano.

A sua voz era abemolada, e com ligeiras inflexões ironicas.

Quando fitava o seu interlocutor vimol-o por mais de uma vez cerrar o olho esquerdo, e toda a força de observação de que é capaz este Athleta do Romance como que se concentrava intensamente no olho direito, indagador, cheio de lava coruscante.

—Barnave, dizia Mirabeau, tens os olhos frios e fixos; em ti não habita a divindade.

Ah! se o grande orador podesse vêr os olhos peninsulares de Camillo!

Ha mezes vimol-o de novo em Braga e eis como elle se nos apresenta deante dos olhos:

O rosto é vivo, moreno, gracioso, ainda que flagellado pela variola; a bôcca é benevolente e risonha, e todavia quando elle falla, affigura-se-nos que n'aquelles labios finos e levemente desbotados se nos entremostra uma vaga expressão do doloroso cançaço e de incoercivel melancolia.

Os cabellos da côr de azeviche, de onde, como de uma cidadella inexpugnavel, a neve dos annos refoge, vão-se empobrecendo, não chegando comtudo a desnudarem aquella cabeça febril e poderosa de poeta e de creador.

O bigode negro e transparente, á semelhança do de Soares de Passos, descae-lhe negligentemente arqueado sobre o labio inferior.

As mãos d'este prodigioso artista são delgadas, mimosas e aristocraticas.

E, foi com estas mãos femininas que elle, a par de tantas creações adoraveis, fundiu em uma hora de immorredoura inspiração a figura obesa, vermelha, quadrangular e grotesca do Chatim da America, deante da qual as gerações por vir soltarão uma risada colossal e enorme como a dos Deuses á vista do Satyro hediondo, hirsuto e deslumbrado no meio dos esplendores do Olympo.

VII

Sousa Martins

Uma cabeça poderosa e grande, que maior ainda parece, por ser revestida de uma emmaranhada, crespa e convulsionada cabelladura. A testa vasta e escantoada; as sobrancelhas, pouco abundantes e sob as palpebras somnolentas de um contemplador, diante de quem passa a indescriptivel e sempre variada Comedia da Vida, luzem cheios de chispas, bondosos, vibrantes de malicia e de curiosidade, os olhos pardos d'esse pertinaz explorador dos segredos da Sciencia.

O nariz tem um desenho firme e audacioso; a bôca, que a natureza lhe rasgou ampla como convem aos oradores, não se levanta nos cantos, beijada ou antes mordida pela inquietante Ironia, mas descáe entristecida e como que desilludida, contrastando assim com a petulante bravura d'aquelles olhos diabolicos e a cachoarem lavas.

O bigode é pouco abundante, de sorte que a linha dos seus labios grossos e ligeiramente desbotados se nos franqueia a miudo descobrindo-nos uns dentes vigorosa e solidamente plantados e o queixo redondo indicio de bondade, apparece-nos liso e polido como agatha, a ponto de cuidarmos que nunca ali viçou a dura e brava aspereza da barba.

Medico, não se enclausura nos restrictos e especiaes dominios da sciencia nem olha com desdem, como tantos outros o fazem, para os que se namoraram de outros estudos e deram diverso rumo ao seu espirito, e quem vê este cathedratico, moço ainda, mas tão circumspecto e grave, cuidará que elle se compraza tão sómente nos pesados e sérios problemas da sua complicada profissão; quando muito pelo contrario sabemos que elle admira e sente grandes jubilos diante de um quadro, de um poema, de uma estatua e de um romance, quando em qualquer d'essas producções se espelhe o cunho inenarravel da suprema, da eterna Arte.

É que este eloquente professor pensa, como o creador do Fausto, que a admiração em vez de ser prova de fraqueza é antes um claro signal de força e de pujança.

Temperamento de eleição, gosta de combater pela verdade, e assim, nas associações medicas e nas academias de que é membro qualificado, quando falla ou discute é sempre para dar com a sua voz auctorisada, enthusiastica, uma luz nova, um aspecto completamente original ás questões por mais debatidas e estudadas que tenham sido.

Não bebendo vinho, uma só cousa ha que o embriaga, a conversa; e nada mais faiscante e vivo do que a palavra facil, impetuosa, colorida e attrahente d'este moço cathedratico de quem se póde affirmar o que, de um celebre escriptor, dizia n'outro tempo Balzac, o antigo Balzac: —Vale muito mais conversar com Scaligero do que assistir ao triumpho pomposo d'um consul romano.—

INDICE

NOCTURNOS

APPENDICE

MEDALHAS

ERRATAS

A pag. 37, verso 1:

Na rede olorosa, silencio! deixa-a

Deve lêr-se:

Na rede olorosa, silencio! deixae-a

A pag. 105, verso 4:

E se a terra existe, é porque existo.

Deve lêr-se:

E se na terra existe, é porque existo.